

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O Tribunal da Haia só em 1960 se pronunciará sobre a queixa de Portugal contra a União Indiana

HAIA, 22 — Prevê-se que se prolongue continuamente por dois meses a sessão do Tribunal Internacional de Justiça, quando principiará a ser ouvida, no Palácio da Paz, a 21 de Setembro, as alegações acerca do litígio entre Portugal e a União Indiana sobre o acesso aos enclaves de Dadrá, Praganá e Nagar Aveli.

Este prognóstico foi formulado recentemente por um dos catorze juizes do Tribunal — o décimo quinto faleceu em 1958 e ainda não foi substituído — em conversa com um correspondente da U. P. I., numa recepção diplomática realizada na Haia.

«Será a sessão mais demorada que o Tribunal jamais conheceu desde a sua fundação, em 1946» — declarou. — «Fomos oficialmente

informados de que as duas partes em disputa requerem o mínimo de dois meses para apresentarem as suas alegações».

Em sua opinião, só em 1960 estará, porém, o Tribunal preparado para se pronunciar em definitivo sobre a questão.

Entretanto, sabe-se que muitos juristas de reputação internacional tencionam vir assistir às audiências, pois o caso é considerado nos meios jurídicos como um dos mais interessantes e também dos mais complicados até agora apresentados ao Tribunal da Haia.

Presentemente, o Tribunal é constituído por catorze juizes de outros tantos países, a saber: presidente, Helge Klaestad, da Noruega; vice-presidente, «sir» Moamé Zafurá Khan, do Paquistão; Jules Basdevant, da França; Green Hackworth, dos Estados Unidos; Bodan Wintarski, da Polónia; Abdel Hamid Badawi, do Egipto; Enrique Armand-

(Continua na última página)

Tropas chinesas

atravessaram a fronteira com a União Indiana

LONDRES, 22 — Segundo o correspondente na Índia, do «Daily Mail», as tropas comunistas chinesas teriam penetrado em território indiano depois de atravessar a fronteira do Himalaia em vários pontos.

«Os Chineses — acrescenta o correspondente — estabeleceram já acampamentos nas regiões de Ladakh, no Caxemira, e na zona de Tawang, perto da fronteira birmanesa. A maior parte dos locais onde as tropas chinesas fizeram movimentos são designados como território chinês nos mapas impressos ou reimpressos em Pequim desde 1955».

Por outro lado, o correspondente em Calcutá, do «Daily Express» também assinala «concentrações maciças de tropas chinesas na fronteira do Butão». — (F. P.)

A esposa

do presidente do Brasil chega no dia 25 ou 26

MADRID, 22 — A senhora D. Sara Kubitschek de Oliveira, esposa do presidente da República do Brasil, deve chegar a Portugal, onde se demorará alguns dias, antes de regressar ao Rio de Janeiro, no dia 25 ou 26 do corrente. Viagará, possivelmente de avião, de Sevilha, directamente para Lisboa. — (L.)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Dúvida, depressão e melancolia

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A depressão, terrível mal que inutiliza tantos e tantos indivíduos, pode, na opinião dos neuropsiquiatras modernos, os das últimas décadas, ser um sintoma, um síndrome ou uma entidade nosológica diferenciada. A depressão nada tem a ver com a angústia, dissecada e anatomizada pelos psicólogos.

Modernas experiências, levadas a

cabo em pontos e laboratórios diferentes, pouco têm adiantado sobre a etiologia ou as verdadeiras causas da depressão.

Que sabe o psicólogo ou o neuropsiquiatra sobre a tristeza e o desespero, a impossibilidade de fixar demoradamente a atenção num determinado objecto, a fonte seca da

(Continua na 13.ª página)



Quem resiste, num dia de calor intenso, á tentação da frescura da água do mar? Numa praia inglesa, a irmã Anunciata, da escola conventual de Copthorne, ao levar a passear algumas crianças, não se conteve e meteu-se com elas pelo mar, molhando também os pés com evidente satisfação

Nota do dia

OS CIGANOS E AS RAS

Os ciganos, como as rãs, procuram um rei. As razões não são as mesmas da fábula, bem entendido. Procuram um rei porque está vago o trono e eles carecem da protecção e dos conselhos de um chefe. Dois candidatos propõem-se ocupá-lo e lançaram já uma campanha de propaganda com vista á eleição, campanha que por enquanto se limita ás colunas dos jornais, mas que não tardará a invadir a Rádio e a TV, estamos certos disso. Ambos têm o seu programa e cada programa tem as suas virtudes. Um pretende que os seus irmãos de raça recebam o baptismo cristão e adquiram a nacionalidade portuguesa. Preocupa-o, sobretudo, o aspecto religioso e social do problema, que já não é novo. O outro, porventura mais realista ou menos pragmático, promete lançar uma vasta campanha sanitária a favor dos ciganos desprotegidos, tornando-os válidos para o trabalho e uteis á sociedade em que pretendem integrar-se como cidadãos respeitadores das normas da lei e da moral. Não pomos em dúvida que o conteúdo ideológico de cada programa deixe de influir no resultado da eleição, embora estejamos convencidos de que as qualidades pessoais dos candidatos terão, neste caso, influência porventura mais decisiva. Numa época em que aumenta o desemprego em tão ingrata profissão, como dizia o rei Alberto dos Belgas, os ciganos não se dispensam de escolher um rei, que o não será por direito divino ou por sucessão dinástica, mas por uma simples e democrática eleição. O posto mais elevado da hierarquia tribal será, deste modo, ocupado por aquele que se supõe ser o mais digno, o mais prudente e o mais justo, que assim levará incontestável vantagem a outras realidades menos preparadas para o duro ofício de reinar.

Steven Rockefeller herdeiro de grande fortuna e a sua antiga criada casaram-se hoje na Noruega

SOGNE (NORUEGA), 22 — Assistiu-se, hoje, ao epílogo feliz da história da «Gata Borralheira» transposta para os nossos dias. O «Príncipe», Steven Rockefeller, herdeiro de uma das maiores fortunas da América, desposou, na capela branca de Sogne, a jovem que foi criada de cozinha no palacete de seus pais, em Nova York, Ana Maria Rasmussen.

Ao balbuciar duas vezes «Ja, ja» (sim, sim), Ana Maria encerrou uma história de amor que poderia ter começado como os contos de fadas — «Era uma vez uma menina pobre...». A cerimónia religiosa, segundo o rito luterano, sofreu uma alteração — a troca de alianças.

Ana Maria tornou-se, hoje, esposa de um homem que herdará 40 a 50 milhões de dólares — duas vezes a fortuna do homem mais rico da Noruega — e nora do governador de Nova York, Nelson Rockefeller, cujos partidários políticos esperam venha a ser o próximo presidente dos Estados Unidos.

Os pais do noivo e outros membros mais chegados da família encontravam-se entre os 170 convidados que assistiram á cerimónia nupcial, na capela secular. O reverendo Olavo Gautestad abençoou as mãos unidas dos dois jovens e declarou-os casados perante Deus.

O matrimónio de Steven e Ana Maria foi o mais falado na Noruega desde que o rei Olavo se casou, em 1929.

Milhares de pessoas, muitas delas vindas de Stavanger, a 120 quilómetros, enchiam as ruas de Sogne e aglomeravam-se no adro da igreja, que se acolhe sob a sombra das colinas de Lunde. A entrada do templo, mais de 120 jornalistas, fotógrafos, locutores de Rádio e operadores de Televisão de muitos países, aguardavam os noivos. Mas só cinco repórteres, incluindo um da United Press International, foram autorizados a presenciar a cerimónia religiosa.

Devido á concentração de gente,

a Polícia de Sogne — que se resume a um só guarda — foi reforçada por 40 elementos enviados de Kristiansand e por um contingente militar. O município impôs severas medidas para regular o movimento de veículos e peões durante o dia.

Steven e «Mia», como é conhecida na intimidade, casaram-se três semanas depois de haverem anunciado em Sogne o seu noivado, e pouco mais de um mês depois de ter o filho do governador de Nova York completado o serviço militar de seis meses na Reserva Militar de Fort Diz, em Nova Jersey. Ao deixar Nova Jersey, Steven tomou um avião para Oslo, onde Ana Maria o aguardava. Juntos fizeram uma excursão em «scooter» ao Sul da Noruega e reataram o idílio iniciado em 1956, quando Steven sou-

(Continua na última página)

O ladrão prendeu o polícia e fugiu com o dinheiro

QUIMPERLE, 22 — Preso por roubo em Moelan-sur-Mer, Louis Le Breton, servente de pedreiro, encerrou, no seu lugar, no gabinete de segurança da brigada de Polícia de Bannalec, o guarda que o prendeu.

Depois de ter fechado o polícia no calabouço, Le Breton deu duas voltas á chave e retirou da secretária da brigada os 24.000 francos do roubo, e fugiu.

Dado o alarme, os guardas da região, auxiliados por outros colegas, têm organizado batidas, mas sem resultado. Le Breton, até agora, não foi encontrado. — (F. P.)

VIDA ECONÓMICA

A prática da liberalização

O Conselho da Organização Europeia de Cooperação Económica decidiu recentemente que fosse prolongada até 30 de Junho de 1960 a obrigação assumida pelos países aderentes de libertar de todas as restrições quantitativas pelo menos 90 % das suas importações originárias desse grupo de países. Prolonga-se deste modo uma situação de facto que já vem vigorando há alguns anos com benefícios incontestáveis para a expansão dos intercâmbios europeus, apesar das perspectivas novas que estão a surgir para esses intercâmbios com a actuação do Mercado Comum dos Seis e a entrada em exercício, a partir de 1 de Janeiro próximo, da Zona de Livres Trocas dos Sete. As medidas de liberalização prorrogadas devem, também, continuar a incidir no mínimo de 75 % das importações privadas em cada um dos sectores definidos pelo Código da Liberalização: produtos alimenta-

res, matérias-primas, produtos manufacturados. Verifica-se, entretanto, que a quase totalidade dos paí-

(Continua na 13.ª página)

Diário de Lisboa

publica hoje

32

páginas

nas quais se incluem
TRES SUPLEMENTOS:

MAGAZINE

JUVENIL

DE UMA SEMANA
PARA A OUTRA

USADO PELO CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

O PORTO pelo telefone

Portos do Douro e de Leixões

PORTO, 22 — Segundo o boletim mensal de informação da Administração dos Portos do Douro e Leixões, no primeiro semestre deste ano, o movimento de navios, no primeiro, foi superior, em numero e tonelagem, ao registado em igual período do ano anterior, notando-se um aumento médio mensal de 11.557 toneladas brutas. Quanto a Leixões, no que respeita a tonelagem bruta de arqueação entrada, o movimento acusou um aumento médio mensal, de 5.342 toneladas, em relação ao primeiro semestre de 1958. No que se refere a mercadorias, registou-se, no porto do Douro, uma diminuição no tráfego, equivalendo a diferença verificada a uma diminuição média mensal de 4.305 toneladas; e no de Leixões, o tráfego foi também inferior ao do primeiro semestre do ano anterior, equivalendo a diferença a uma diminuição média mensal de 10.578 toneladas. Em Leixões, embarcaram menos 318 passageiros do que no primeiro semestre de 1958. Registou-se um «superavit» de 10.281 contos, contra o de 7.502 contos, apurado em 30 de Junho de 1958.

Jogos florais Bancários

O Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito do Porto tornou publico os resultados dos Jogos Florais Bancários de 1958 promovidos por aquele organismo.

Damos, a seguir, nota dos primeiros prémios de cada modalidade:

PARA A PARALÍTICA

que quer ir a Fátima

Do nosso leitor sr. M. L. recebemos a quantia de 200 escudos, que se destinam à paralítica que pretende ir a Fátima, como notícia-mos há dias. Em nome da beneficiada, os nossos agradecimentos.

Ensaio sobre desporto — «O desporto no tempo», de Manuel Homem de Melo, Santos Gonçalves de Carvalho (Banco Lisboa & Açores — Lisboa). Conto — «O zurro», de José Murta de Almeida (Banco Fonecas, Santos & Viana — Lisboa). Poesia lírica — «Teoria do quotidiano», de José Rodrigues Canedo (Banco Pinto & Sotto Mayor — Porto). Soneto — «As duas faces», de José Rodrigues Canedo (Banco Pinto & Sotto Mayor — Porto). Quadra popular — «E' tão lindo o bem-fazer», de Franklim Ferraz dos Santos Marques (Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa — Lisboa).

Não foi atribuído o 1.º prémio a modalidade «Ensaio sobre tema bancário». Os prémios serão entregues num festival a realizar em Outubro.

O vinho do Porto na Alemanha

Vindo de Wiesbaden, na Alemanha, aterrou esta manhã, no aeroporto das Pedras Rubras, um bimotor alemão, que transportava cinco passageiros. Entre estes, contava-se o sr. Otto Henkel, que vem tratar de assuntos relacionados com a expansão do vinho do Porto na Alemanha.

CARTAZ DO PORTO

SA DA BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Escada de Serviço» RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A garra do tigre».

COLISEU — As 21 e 30 — «Ordens para matar».

BAIALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Cavaleiros malditos».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Ladrão de milhões».

AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O espião de duas caras».

S. JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O ultimo Hurrah».

VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «Kronos».

JULIO DINIS — As 21 e 30 — «Fogo nos trópicos».

OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Há lodo no cais».

A eleição de «Miss Piscina-Praia» da Figueira da Foz



Como há dias noticiámos, realizou-se na Figueira da Foz o concurso «Miss Piscina-Praia» de Agosto de 1959, que constituiu manifestação de rara distinção e elegância, e a qual a juventude dedicou o seu melhor entusiasmo. Publicamos, agora, as fotografias das três primeiras eleitas no certame que reuniu um numeroso lote de jovens e esbeltas raparigas. Em cima a menina Ana Maria Rocha, de Lisboa, filha do sr. Amancio Moreira Rocha, que ga-

nhou o titulo de «Miss Piscina-Praia»; em baixo, a 2.ª, Maria Manuela Farinha, também de Lisboa, filha do sr. Mário Farinha; e a 3.ª classificada, Maria Manuel dos Santos Neto, filha do sr. Manuel Neto Mendes, da Figueira.



INAUGUROU-SE em Cascais

o «snack-bar» «Boca do Inferno»

Em Cascais, inaugurou-se ontem o «snack-bar» e pastelaria «Boca do Inferno», pertencente à firma Amadeu Esteves, Ld., do restaurante-bar «Fim do Mundo», cujo nome dispensa quaisquer outras credenciais. Trata-se de um lugar amplo e agradável a que os arquitectos Vítor Palla e Bento de Almeida deram magnífica solução funcional, dentro de características modernas e audaciosas, combinações de espaço e cor, valorizado ainda pelos «sofisticados» motivos decorativos de António Alfredo que só por si, constituem razão para uma visita ao novo «snack-bar».

A gerência ofereceu, ao fim da tarde, um «cocktail» a dezenas de convidados e à imprensa.

Morreu esmagado por uma oliveira seca

MONTARGIL, 22. — (Pelo telefone). — João Justino, natural desta vila, viuvo, de 83 anos de idade, ainda tinha coragem para arrancar oliveiras. Quando procedia ao arranque de uma delas, que se encontrava na zona da albufeira e agora livres das águas, certamente para ter umas achas para se aquecer, para o próximo inverno, a árvore, já seca, caiu sobre ele, dando-lhe morte instantânea.



Em 3 linhas

Foram arrendados cinco andares e parte da cave do prédio n.º 8 da Rua do Conde Redondo, tornejando para a Rua de Gonçalves Crespo, para instalação da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização.

Foi aprovado o contrato de curadoria que estabeleceu o regime da emissão das obrigações da Companhia do Caminho de Ferro de Benguela.

Foram declarados de utilidade turística a Estalagem da Neve, do Fundão; o Café Framar, de Vila Viçosa; e o Restaurante-Salão de Dança Canoa, de Cascais.

Foram fixadas, por uma portaria, a zona de protecção ao edifício do Ministério da Educação Nacional e, dentro dela, a área de expansão futura.

Foi extinta a Santa Casa da Misericórdia de Monforte da Beira, revertendo todos os seus bens e valores para a de Castelo Branco.

O capitão-de-mar-e-guerra Jerônimo Henrique Jorge foi nomeado comandante da flotilha de dragaminas.

O primeiro-tenente Henrique Leão de Sousa Leitão foi nomeado comandante do caça-minas «Faial».

Foi nomeado capitão de bandeira a bordo do navio-motor «António Carlos», na sua próxima viagem à Guiné, como transporte de tropas, o primeiro-tenente Artur Manuel Coral Costa.

Está orçado em 2.313 contos o abastecimento de água a Alcácer do Sal.

O conde de Penha Garcia foi nomeado presidente da Comissão Nacional da F. A. O., em substituição

do professor António de Sousa da Camara, que foi louvado.

A folha oficial publicou hoje o movimento de provimentos no quadro geral do ensino primário elementar.

O dr. Francisco Xavier Barreto Caldeira de Castel-Branco foi nomeado presidente da comissão municipal de assistência de Alter do Chão.

Leopoldo Nunes

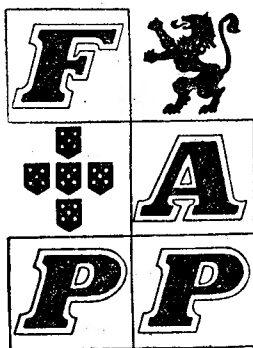
na Tertúlia Festa Brava

Sob a presidência do nosso prezado camarada na Imprensa Carlos d'Ornellas, presidente da direcção da Tertulia Festa Brava, efectuou-se hoje o almoço semanal daquela agremiação de aficionados tauromáquicos, que está festejando mais um aniversário.

O palestrante de hoje foi o nosso distinto camarada Leopoldo Nunes, crítico tauromáquico de «O Século» e da Emissora Nacional.

Começou por saudar calorosamente a tertulia, a sua acção e principalmente a actividade do seu presidente. Como se fosse ainda dominado pela profunda mágoa que lhe causou a morte de Simão da Veiga, prometeu fazer mais tarde, publicamente, o estudo da sua notável personalidade. Falando de numerosas colhidas, verificadas no mesmo dia, disse que é necessário distinguir as que têm origem na fatalidade e as que são fruto da inépcia e da incompetência dos toureiros. Referiu-se também aos novilheiros, afirmando que eles não devem ser incitados á loucura de um risco sem vantagem, mas sim á aprendizagem das regras de bem tourear. Atribuiu a uma legião de falsos aficionados o descabro a que chegou a festa de touros e terminou, recordando da supressão da sorte de varas na «lide á espanhola».

FEIRA DE AMOSTRAS DE PRODUTOS PORTUGUESES



LEOPOLDVILLE DE 15 A 29 DE SETEMBRO DE 1959

Pela SABENA viajará com a maior rapidez e comodidade

EM SUPER DC-6 E SUPER DC-7C



Consulte o seu Agente de Viagens ou a

SABENA

LINHAS AÉREAS BELGAS

Prça da Alegria, 58, 1.º — Lisboa — Telef. 33538-28401

CASINO

APRESENTA

ANTONIO ROSSANO

O TENOR PORTUGUES QUE TRIUNFOU EM FRANÇA

BARBARA

EXPRESSIVA INTERPRETE DA CANÇÃO FRANCESA E O «BALLET»

LES DEMOISELLES DE PARIS

COLORIDO QUADRO DE MONTMARTRE

O espectáculo de hoje, que é transmitido directamente pela Televisão Portuguesa, principia ás 23 horas

AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo 25\$00

(Adultos — Maiores de 17 anos)

ESTORIL

STUDIO 4

De ontem para hoje

INDÚSTRIA DE AVEIRO

NA cidade de Aveiro comemoraram-se os mil anos de existência da Urbe e para celebrar o milénário bem andaram as entidades competentes ao realizar uma exposição industrial. É que mais do que os foguetes e os discursos altissonantes, com adjectivos cuidadosamente rebuscados e que esquecem mal acabados de proferir, é útil a demonstração do trabalho intenso da região de que resultam os mais variados e belos produtos para a indústria nacional; mais do que o ensimesmamento e vanglória inútil do passado interessa mostrar que os de hoje se adaptam às condições do presente e são dignos dos de outrora. Tem-se vivido demais de retórica; interessa é trabalhar como se trabalha em países sem grandes pergaminhos mas com iniciativa e qualidades de acção. Aveiro, cidade milenária, é cabeça de um distrito que é um formigueiro de actividade industrial, verdadeiro modelo para as restantes regiões do País. Com a «exposição industrial comemorativa do milénário, demonstra a cidade de Aveiro que a certidão de idade lhe serve apenas para aproveitar a experiência de mil anos. Em sessão solene, a que presidiu o governador civil, foram distribuídos diplomas e uma medalha comemorativa aos participantes nas exposições industrial e agro-pecuária. Aveiro, cidade de há mil anos, cidade de hoje!

FEIXE DE NOTÍCIAS

EM São João da Madeira, aquela terra maravilhosa que realiza o verdadeiro tipo de vila industrial e operosa e onde se constroem desde os chapéus, ao calçado, à máquina de costura, houve a noite passada um incêndio que alarmou muita gente. Eram 23 horas quando os guardas da fábrica «Oliva», deram pelos fumos que saíam do depósito de armazenagem de produtos vários e inflamáveis, como óleos, ácidos, gasóleo e oxigénio. Alarমে. Acorrem os bombeiros e, perante o grave do caso, pedem-se reforços. Da Arrifana, da Vila da Feira, vêm mais bombeiros. O armazém ficou destruído, mas as linguas de fogo foram retalhadas na sua tendência expansionista. O fogo, atribuído à volatilização de gases dos produtos inflamáveis e ao calor proveniente das secções de fundição e de aquecimento central, causou grandes prejuízos, da ordem das centenas de contos, devendo forçar a paralisação temporária de algumas secções, sem impedir, contudo, o movimento fabril.

* Foi nas terras áspers entre o Vimioso e Alcanices, em que os cabos se encadeiam uns nos outros e que nesta altura do ano se apresentam como verdadeira imagem da desolação e melancolia. Um grupo de portugueses fora a uma tourada à vila de Alcanices. Terminada a função e bebidos uns copitos condimentados com umas lascas de presunto, puseram-se a caminho de Portugal. Na fronteira há destas fraternidades, tu cá tu lá, de aldeia para aldeia, sem interposições de arame farpado. Mas às vezes as coisas complicam-se e é o diabo. A cem metros da fronteira aparecem-lhes os carabineiros, de tricórnio negro. Vozes de intimação para parar que não são obedecidas. Fogo, e cai para sempre, nessa fronteira sagrada desde que por ela entrou a Rainha Santa, o sr. Manuel Martins Amaro, de Vimioso, de 34 anos.

* As ultrapassagens na estrada são o diabo. E se é numa curva apertada são um verdadeiro passaporte para o outro mundo. Ontem, em Farada de Cunhos, perto de Vila Real, o sr. Augusto Barcoso dos Santos, do Torrão, Alcaide do Sal, acompanhado de sua esposa, ia em direcção ao Porto. Numa curva muito apertada foi ultrapassado por uma bicicleta motorizada. Em hora terrível o fez porque em sentido contrário vinha uma camioneta. Choque violento e o sr. Augusto Barcoso dos Santos ali mesmo morreu. Sua esposa, D. Ema Carneiro Reis Santos, de 28 anos, fracturou a base do crânio e está em perigo de vida no hospital de Vila Real.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. embaixador dr. Marcelo Gonçalves Nunes Duarte Mathias, ministro dos Negócios Estrangeiros; dr. José Soares da Fonseca e Jaime Pinho. * Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam os srs. ministros da Presidência e da Marinha e secretário de Estado do Comércio. * Em Gravelos, Vila Real, Joaquim da Costa, de 85 anos, foi mortalmente colhido pela traseira de uma camioneta quando atravessava a estrada. * Em Porto de Mós, uma camioneta atropelou Joaquim de Sousa Pires, natural de Arrimal, cabo de Artilharia 4. Encontra-se internado no Hospital Militar de Tomar. * No lugar de Adães, Oliveira de Azemeis, António Pereira Pinto, de 16 anos, caiu de um andaime. Morreu no hospital. * José Tavares, de 57 anos, em Tancos, caiu sobre um monte de pedras e morreu. * Na serra de Alferragide houve outro violento incêndio. Arderam 8.000 metros de mato e muitos postes telefónicos, mas o posto da Marconi que ali está instalado não foi atingido.

Partiu para o Funchal

o novo governador militar

Com rumo à Madeira e aos Açores, largou hoje, ao meio-dia, do Tejo, o paquete «Carvalho Araújo», da Empresa Insulana de Navegação, conduzindo 301 passageiros — 79 em 1.ª classe, 67 em 2.ª e 155 em 3.ª — além de carga diversa.

No referido navio, seguiu para o Funchal o novo governador militar da Madeira, sr. brigadeiro Amadeu Buceta Martins, com sua esposa e sua filha. Aquele oficial-general teve, no cais da Rocha do Conde de Obidos afectuosa despedida por parte de muitos camaradas.

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88, 1.ª ESQ. TELEFONE 733257

Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA

Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO

SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES

— DR. MANUEL VASCONCELOS

DIAS ÚTEIS — das 9 à Meia-noite

DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

Fizeram-se ao mar os navios belgas e portugueses que vão efectuar exercícios conjuntos

A formação naval luso-belga, para iniciar o exercício combinado entre as Marinhas dos dois países, o que se desenrolará da costa portuguesa até às proximidades do arquipélago das Canárias, fez-se esta manhã ao mar.

Os escoltadores oceanicos, «Nuno Tristão» e «Diogo Gomes», que constituem o grupo independente n.º 2 do comando superior do capitão-de-fragata Melo Alvim e o submarino «Neptuno», representam a nossa Armada. Este exercício tem ainda a colaboração do caça-minas «Valor», da Marinha norte-americana.

Finda a primeira fase, os dois escoltadores tomarão o seu rumo, que compreende visitas às nossas províncias ultramarinas de África Oriental e Ocidental enquanto que as unidades belgas arribarão às Canárias, para reabastecimento, de onde largarão para o porto de Banana, no Congo Belga.

Assim que concluir a sua actualização, que compreende um «ataque» a um comboio, o submarino «Neptuno» regressará à Base Naval do Alfeite.

Concha

Piscina da Praia das Maças

ESTA NOITE

EM ESPECTÁCULO ÚNICO,

AS 23.45 H.

UMA DAS MAIORES VEDE-

TAS DA FRANÇA

MARJANE

ao piano: GERARD FEUGA

Palm Beach

às 23.45 h.

DEO MAIA

WALTER MACHADO

IRMÃOS GUARAS

à 1.30 h.

MARJANE

Musica de dança pelo famoso

Conjunto de

MAX MARINO

Grande Prémio do Disco 1959

(Maiores de 17 anos)

Tágide

à 1 h.

DEO MAIA

WALTER MACHADO

IRMÃOS GUARAS

às 2.30 h.

MARJANE

Tágide-Palm Beach

Concha

Os únicos Restaurantes que com os preços idênticos aos de qualquer outro do mesmo nível oferecem aos seus Clientes os melhores espectáculos de Music-Hall apresentados em Portugal

Restaurante «IMPERIAL» CARREGADO

Nova gerencia — Novo serviço
NOVAS INSTALAÇÕES

A CIDADE

Caso do dia

Na véspera de «andar a roda», cerca da meia-noite, na Rua Barros Queirós, andava a apregoar jogo o cauteleiro José de Almeida, aproveitando o movimento das pessoas que saíam dos teatros e cinemas.

Havia dois dias que não vendia um vigésimo e estava perturbadíssimo, tanto mais que, embora sendo um homem ainda novo, sofre de doença nervosa. Quando tem qualquer contrariedade fica tão trémulo como se fosse uma árvore batida por um vendaval.

O guarda que ali andava de serviço observou-lhe:

— Não sabe que é proibido andar a vender e a apregoar a esta hora? Venha daí comigo à esquadra para o autuar.

Foi como se tivesse apanhado um choque eléctrico. Arremessou o boné que trazia na cabeça com o numero de cauteleiro e descalçou um dos sapatos que arremessou ao chão, recusando-se a acompanhar o guarda. Foi preso e respondeu no dia seguinte no Tribunal de Polícia, perante o juiz sr. dr. Oliveira Gala. Na frente do magistrado tremia como varas verdes.

— Porque treme, perguntou-lhe o magistrado, esteja sereno.

O captor interveio, para dizer que conhece a irmã do réu há muitos anos, por ela ser da sua terra, e que o acusado é uma pilha de nervos. Se ele quando o pretendia autoar, o acompanhasse logo à esquadra, não teria ficado preso, nem estaria ali. E em tom compreensivo:

— Ele ainda me disse, antes de atirar o boné ao chão: Se o senhor soubesse o que custa a vida...

O réu, ouvido pelo magistrado diz que tirara o sapato por não o poder aguentar e explicou que há três dias andava com sete bilhetes e não havia vendido sequer um vigésimo — Não quis ofender o guarda. Juro pelas alminhas dos meus... Até lhe pedi que tivesse dó de mim... Ainda não tinha ganhado um tostão.

O captor parece que se impressionou com o relato e elucidou: — Eu, por mim, já o mandava embora, mas as coisas complicaram-se...

— Se só pretendia autuá-lo, que necessidade tinha de o levar à esquadra para esse efeito? — pergunta o magistrado.

— Era para o identificar!

— Uma vez que o réu tinha o seu cartão de identidade e a respectiva licença, esses documentos eram elementos mais que suficientes. Levar alguém à esquadra, embora só por motivo de uma multa, dá sempre certa reacção entre certas pessoas, que se julgam vítimas perante as outras que o vêm ir preso.

— E que muitas vezes eles não moram já nas casas que constam do cartão.

— E quem nos diz que eles não se mudam no dia seguinte ao de serem autuados? De resto há sempre maneira de saber as moradas e quanto a este era facilíssimo, tanto mais que ele tem o numero no boné e na licença. Os srs. guardas devem evitar de levar as pessoas à esquadra que possam ser identificadas no local. E' o próprio regulamento de Polícia que o determina.

— Ele descalçou um sapato...

— E o sr. autuava-o por andar descalço. Ele não tinha que ir à esquadra para isso.

Em seguida, foi proferida a sentença que absolveu o réu e o mandou em paz.

Pelos hospitais

EXPLOSAO DE UM FOGÃO DE GAS — Quando o cozinheiro Manuel dos Santos, de 57 anos, acendia um fogão a gás, no Casino da Praia da Areia Branca, deu-se uma explosão com deslocação de ar que o arremessou de encontro a uma parede, causando-lhe fractura numa perna e ferimentos vários pelo corpo.

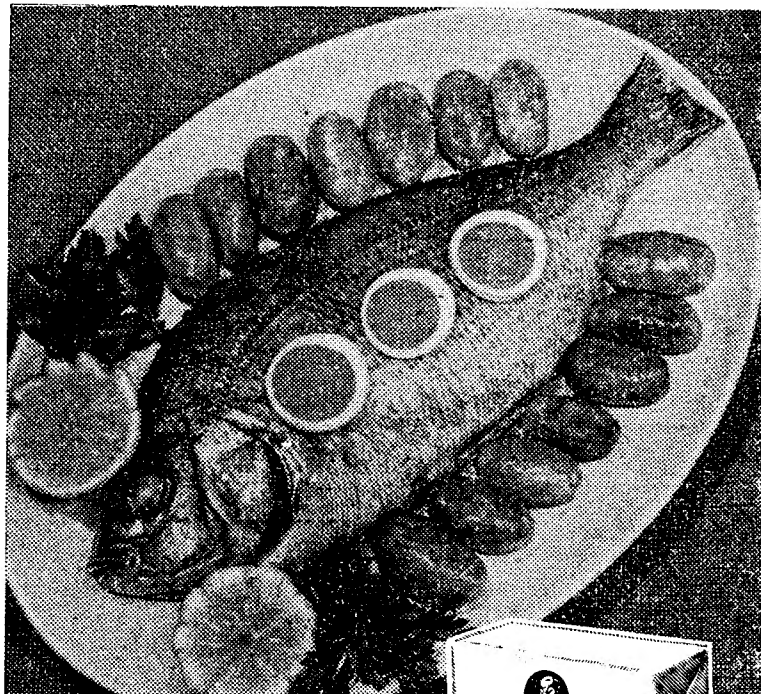
Transportado numa ambulância dos Bombeiros Voluntários da Lourinhã, à sala de observações do Hospital de S. José, ficou ali internado.

Quem achou?

Uma pobre mulher que vive com muitas dificuldades, perdeu, no Rossio, um porta-moedas com dinheiro que lhe haviam confiado para um pagamento. Pede a pessoa que o achou a caridade de o entregar na Rua do Ferragiel, 14, 4.ª.

O Legado do Operário de Évora

Por despacho do sr. ministro das Corporações e Previdência Social, foi a associação de socorros mútuos «O Legado do Operário de Évora», autorizada a proceder à partilha de 600.000\$00 de excedentes técnicos, sob a forma de subsídios suplementares sem encargos para os sócios.



A MARGARINA

Vaqueiro

Vaquéiro

torna tudo mais apetitoso

59-VA-RB

FABRICA IMPERIAL DE MARGARINA (FIMA), LDA. — SACAIVEM

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

A companhia de declamação que chegou da digressão que fez pela provincia, antes da sua apresentação no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, aprazada para 25 de Setembro, realizará espectáculos em algumas cidades do Norte.

O actor Procópio Ferreira e a sua companhia de comédias estão a actuar na Rádio Tupi, do Rio de Janeiro.

Em Espinho está a actuar a cançonetista Maria de Fátima Bravo.

A companhia de revistas do empresário Giuseppe Bastos, depois dos espectáculos que vai realizar em Malange, segue para Nova Lisboa, onde permanecerá até 30 do corrente.

—Anda em digressão artística pelos Açores o Circo Marius.

—Hoje, no Porto, o conjunto cénico do Grupo dos Modestos representa o original de D. João da Camara, «Os velhos».

—Em Paio Pires participa hoje num espectáculo o artista Joaquim Cordeiro.

—No domingo, numa sessão da revista «Há feira no Coliseu!», serão homenageados os ciclistas da Volta a Portugal.

—Os artistas Humberto Madeira e Guida de Carlo terminaram a digressão que efectuaram pela provincia, durante a Volta a Portugal, em bicicleta.

—Está a actuar em Serpa o Grande Circo Mariano.

Em Cascais

estreia-se hoje uma revista de amadores

No Teatro Gil Vicente, em Cascais, estreia-se, esta noite, a revista em 2 actos e 20 quadros «Cartaz da Costa do Sol», de Fernanda Santos, João Reis e Luis de Barros, com musica de Helena Moreira Viana e interpretada pelo Grupo Cénico dos Bombeiros Voluntários daquela vila. Escreveu também musica para a mesma revista a actriz Corina Freire, que foi uma das mais festejadas artistas do teatro musicado. Foi ensaiada por Peggy Astor e tem vistosa montagem de Ernani e Rui Martins.

Primeiras exhibições

«Em guarda contra a injustiça» no Eden

O erro judiciário, por vezes tão grave e de resultados irreparáveis.

põe em causa a validade das máquinas judiciais e levanta dolorosas duvidas «Em guarda contra a injustiça», de Jack Cardiff, é um drama baseado num romance de A. J. Cronin, o autor de «O cativeiro da verdade», agora publicado, e tem uma densidade e um ritmo que subjugaram o publico do Eden. Nem sempre a lógica árida e geométrica dos métodos judiciais capta o significado dos factos mais complexos. Filme apaixonante, «Em guarda contra a injustiça» é a história da mais espantosa injustiça que se cometeu e da luta contra ela.

Von Johnson e Vera Miles in-

terpretam com excepcional vigor e realismo duas figuras de grande interesse. O filme atinge uma intensidade invulgar e desenvolve-se num clima de ansiedade.

Bons documentários. — Visor 100.

«O Preço do Medo», no Condes

Merle Oberon, certamente uma das mais notáveis actrizes do cinema norte-americano, e Lex Barker, o mais recente intérprete da figura lendária de Tarzan, são os protagonistas de «O preço do medo» (The price of fear), que Robert Talman realizou com o maior vigor e intensidade dramática. Um homem é acusado de dois crimes que não

cometeu e tem de lutar para esclarecer o caso. O inesperado, a dureza, a violência, o heroísmo são os temas centrais desta obra, notável no género, que o publico do Condes apreciou.

Bons complementos. — Visor 98

«Os Amantes do Deserto», no Aviz

O filme, estreado ontem no Aviz, insere-se numa corrente cinematográfica que visa o ambiente espectacular e grandioso das aventuras de caracter histórico. Constantes peripécias e situações inesperadas criam o necessária clima de expectativa que domina a atenção do espectador, através de uma sequência movimentada, cujos exteriores foram filmados no Egipto.

O elenco conta com os nomes prestigiosos de Carmen Sevilla, Ricardo Montalban, Gino Cervin e Franca Bettoia (de «O homem de palha») que o nosso publico conhece e admira.

Benito Perojo, outro nome bem conhecido, assina a produção desse filme que reúne um notável grupo de técnicos: António Ballesteros, Alessandrini e Siegfredo Burman, entre outros.

Agradáveis complementos preenchem o programa. — Visor 37.

No São Jorge

exibe-se «Os 4 gatos pingados»

O São Jorge, que ainda há poucas semanas nos havia dado duas comédias excepcionais de deliciosa graça, antecipou a estreia de outro filme do mesmo género, intitulado «Os 4 gatos pingados».

Na verdade, «Os 4 gatos pingados» com a sua história, inconcebível de originalidade, mostra-nos um grupo de «gangsters» que, não obstante todos os seus porfiados esforços, não conseguem roubar um tostão a ninguém.

Terry-Thomas, George Cole, Brenda de Banzie, Bernard Bresslaw, Vera Day e outros bons artistas, desempenham com incrível hilaridade os seus papéis.

No Coliseu

prossegue o êxito da revista popular

O publico que acorre todas as noites ao Coliseu, aplaude a revista

(Continua na página seguinte)

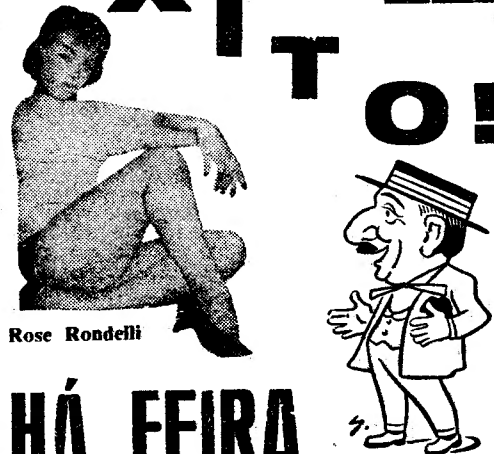
EM PLENO

ÊXITO!

NO COLISEU

As 20.45 h.

TELEFONE 31997



ESPEC. P. AD. M/ DE 17 ANOS

GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTAM A MELHOR, MAIS ALEGRE E POPULAR DE TODAS AS REVISTAS!

HÁ FEIRA NO COLISEU

PELO MAIOR ELENCO DE TODOS OS TEMPOS!

AMANHÃ, AS 16 HORAS, ESPECTACULO A TARDE



Maria Adelina, Costinha e Luisa Durão nos «Cantores da Rua»

O ELENCO MAIS FAMOSO DO ANO

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS - M 17 ANOS)

TODAS AS NOITES CASAS A' CUNHA

A ATRACÇÃO ALEMÃ O FASCINANTE CONJUNTO

BALLET VISON

10 MULHERES ESCULTURAIS

ANA MARIA Y SU BALLET

em BOLEROS-RUMBAS e criações AFRO-CUBANAS

A RAINHA DA «RUMBA»

MARY MISTRAL

HERMANOS RUIZ

EM VIBRANTES BAILADOS

VILAÇA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TÍPICO: CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS



FIGUEIRA DA FOZ

AMANHÃ, às 17,30 horas

Grande Corrida de Toiros à Portuguesa

4 Cavaleiros 4

ALBERTO LUIS LOPES

MANUEL CONDE

PEDRO LOUCEIRO

DAVID RIBEIRO TELES

Forçados de Adelino de Carvalho

Toiros de Paulino da Cunha e Silva Herdeiros

Preços populares

Espectáculo para M/ de 6 anos

MOSTEIRO DOS JERONIMOS

TODAS AS NOITES TOUS LES SOIRS EVERY NIGHT

ESPECTACULO «SON E LUZ»

SPECTACLE «SON ET LUMIERE»

Ag 22 horas

NOITE DO TEJO

As 23 horas

MUSICA E LUZ

Hoje, entradas desde 5\$00, estudantes e soldados 2\$50. O mesmo bilhete dá direito a assistir aos dois espectáculos para 6 anos

Estalagem do Senhor da Serra

FIXE a sua RESIDENCIA ou faça férias num dos 20 APARTAMENTOS

com — Banho, Aquecimento, Musica e Telefone, da

estalagem do Senhor da Serra

Terels 1960175-1960176

BELAS - a 8 km. de Lisboa

Vários e amplos locais para CASAMENTOS, BAPTISADOS e BANQUETES

Ambiente delicioso. Preços acessíveis

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Recintos de diversões

Na Sociedade Filarmónica Recordação Apolo efectua-se hoje, pelas 22 horas, uma festa, na qual participam Fernando Farinha, Isabel de Oliveira, Mário Rocha, Constança Nunes, Raul Dias, Florinda Maria, António Ramos, Julieta Estrela, Victor Nunes, Raul Pereira, Joaquim Silveirinha, António Santos, o guitarrista Alfredo Rodrigues, o violista Amadeu Rami, e os «Rapazes do Ritmo».

«Expresso-Popular»

a Viana do Castelo

Comunica-nos a C. P. que se encontra esgotada a lotação do «Expresso-Popular», a Viana do Castelo, de amanhã, por motivo dos tradicionais festejos da Senhora da Agonia.



O crítico Fernando Fragoalala ao êxito DO MONUMENTAL

MONUMENTAL — O Baile

Três actos, três épocas, três personagens e três sentimentos dominantes — o amor, a ternura e a saudade. Apaixonados pela mesma mulher, dois homens vão envelhecendo docemente entre as recordações de um passado que não morre. A beleza e o encanto daquela que alvorçou seus corações identificam-se muitos anos depois, na imagem da neta, a lembrar, na distancia do tempo, a memória d'uma felicidade perdida.

«O Baile», de Edgar Neville, traduzido por Luis Francisco Rebelo tem a sedução e o pitoresco do album da familia onde se guardam testemunhos de dias longínquos, a suscitar a nostalgia de uns e a irreverência dos mais jovens. É uma comédia repousante, sem mensagens e sem problemas, convencional aqui e além, superficial quase sempre, valorizada a cada instante pelos mais belos impulsos do coração humano, a generosidade e a compreensão. Entre sorrisos e fugidias lágrimas, o espectador segue com agrado o desenrolar do conflito, acentuadamente romantico na efabulação e na linguagem, mas teatralizado com engenho e de qualidade literária que o distingue dos subprodutos do género. O êxito registado em Espanha vai ter réplica condigna entre nós — e o acolhimento do publico, na noite de ontem, não deixou margem para duvidas.

Uma peça com semelhantes características, assente sobre escasos numero de personagens, não admite falhas no desempenho. Ou os artistas afinam pelo mesmo diapásão — ou o espectáculo sobra, á míngua da harmonia indispensável. Laura Alves, Paulo Renato e Rui de Carvalho, sob direcção de António Pedro, estiveram sempre, em tudo e por tudo, á altura do que se lhes pediu. Representaram com autoridade e brilho — e justificaram, assim, as calorosas ovações da assistência. Laura Alves deu-nos um primeiro acto delicioso e houve-se no segundo de forma superior. Na fase de menina, só não atingiu o mesmo plano, porque o derradeiro acto é o menos bem construido da peça e também porque a acção incide mais sobre os velhos.

A forma como agradeceu o amor e a ternura que ambos lhe consagram, primeiro como mulher, depois como garota, em dois momentos paralelos mas intimamente dissemelhantes: essa quase imperceptível diferença na maneira de proferir as mesmas palavras, em situações idênticas — chegam para definir uma actriz. Paulo Renato e Rui de Carvalho desta vez não se limitaram a ser galãs, porque se sujeitaram á rude prova de envelhecer em cena. E em qualquer das fases se mostraram ao nível das responsabilidades dos papéis. O primeiro com a segurança e a presença que é seu timbre, o segundo cada vez mais confiante nas qualidades que lhe deram lugar de relevo entre os actores da nova geração. De António Pedro bastará dizer que a sua acção se sentiu na harmonia do jogo de cena e no rendimento do labor dos artistas. Cenários e figurinos de Pinto de Camões, muito felizes no desenho e na cor.

Vasco Morgado, depois de «A Rainha do Ferro Velho» e de «Eles, elas e os Meninos», tem em cena outra peça para se demorar no cartaz. Não há duas sem três. Mesmo no teatro, e de tudo é contingente, a profecia não costuma falhar. — F. F.

HOJE às 21.45 h.

(Para maiores 12 anos)

PREÇOS DE VERA

DESDE 5\$00

AR REFRIGERADO

AMANHÃ ESP. A TARDE

AS 16 H.

POR HOJE, LOUIS DE FUNÉS

LIMITA-SE A DIZER
QUE, A PARTIR DE

2.ª FEIRA, no

TIVOLI

um cabelo na sopa



(Maiores
de
12 anos)

CRÓNICA CINEGÉTICA

Medidas preconizadas para obviar à escassez de caça

Pretendemos que a densidade de caça indígena, nos campos con-
tinentais onde, por ora, ainda não
está interdito o livre exercício
venatório, nomeadamente das espe-
cies consideradas principais, a le-
bre, o coelho e a perdiz —, já que
a cabra do Gerez desapareceu e o
veado só habita em raras proprie-
dades do Estado e tapadas particu-
lares e o javali vai rareando, facto
que levou, em relação a este ani-
mal, à interdição da sua caça —
volte a ser tão elevada como o foi
há, pelo menos, 40 anos, constitui-
ria, sem dúvida, estultícia que, por
razões fáceis de adivinhar, nunca
nos atreveríamos a perfilar. E
que múltiplos factores, acumulados
durante algumas dezenas de anos
como sejam o acréscimo populacio-
nal do Continente e o arroteamento
dos campos incultos, têm contribui-
do, além de outros, para que não
seja possível voltar a verificar-se,
nos nossos campos, a abundância
de animais silvestres de outoraa. E
a continuar votada a caça ao ostraci-
smo não é difícil vaticinar que
em grandes regiões venha a extin-
gir-se e por quanto tempo, portan-
to, ainda, os caçadores poderão go-
zar a liberdade de actuação na prá-
tica do seu desporto favorito, uns,
matar um coelho ou uma lebre para
seu alimento e dos seus familia-
res, outros. E dizemos que não se
sabe por quanto tempo pode-
rão caçar porque, repete-se, uma
onda avassaladora de condenável
egoísmo vem atacando gravemente
numero elevado, lamentavelmente,
de proprietários de grandes exten-
sões territoriais, na maior parte in-
culta, os quais, a coberto do regi-
me florestal, a que nunca ligaram
a menor importância, cuidam ape-
nas, e pouco mais, no seu proveito
e conveniência, esquecendo, iróni-
camente, os direitos do seu seme-
lhante, com o beneplácito dos ser-
viços oficiais, que lho permitem e
autorizam o abuso inqualificável de
instituir reservas de caça, reservas
que nada reservam, querendo-a só
para si, apesar desta constituir ri-
queza que, por ser «res nationale»,
depois de, durante muitos séculos,
ter sido considerada «res nullius».

A excursão anual

do 2.º Grupo de Escuteiros

Com partida, às 12 e 30, da respec-
tiva sede, teve hoje começo a excursão
anual do 2.º Grupo de Escuteiros de
Portugal, enquadrada no seu programa
cultural do corrente ano, e que se efec-
tua com o lema «Conhece a tua terra».

A excursão inclui visitas a monumen-
tos históricos e artísticos e a observa-
ção dos usos e costumes e das activi-
dades das regiões visitadas.

A viagem que se efectua todos os
anos com itinerários diferentes tem este
ano o seguinte percurso, durante uma
semana em autocarros: Loures, Torres
Vedras, Bombarral, Obidos, Caldas da
Rainha, Alcobaça, Batalha, Leiria, Fi-
gueira da Foz, Aveiro, Espinho, Porto,
cidade e arredores, Matosinhos, Maia,
Vila do Conde, Ancora, Caminha, Vila
Nova de Cerveira, Valença, Monção,
Arcos de Valdeaz, Ponte da Barca, Bra-
ga (Bom Jesus e Sameiro), Guimarães,
Fafe, Amarante, Vila Real, Régua, La-
mago, Castro Daire, S. Pedro do Sul,
Viseu, Tondela, Santa Comba, Buçaco,
Luso, Coimbra, Lousã, Castanheira de
Pera, Figueiró dos Vinhos, Ferreira do
Zêzere, Tomar, Santarém, Vila Franca
de Xira, Lisboa.

Os alojamentos e as refeições são
efectuadas em acampamentos efectua-
dos nos locais de paragem.

Ao regressar todos os seus elementos
partirão para uma nova actividade: o
acampamento de férias, prática também
anual deste grupo.

Através do percurso, efectuar-se-ão
visitas aos grupos das respectivas lo-
calidades.

pertence a todos aqueles que a de-
sejem usufruir legalmente.

Excessiva densidade de animais
silvestres, mormente de coelhos,
roedores impenitentes e, como tal,
grandes depredadores das culturas,
não pode ser possível hoje, salvo
nos coutos, nome que se dá às tais
propriedades entregues ao regime
florestal como reserva de caça-parti-
culares. De admirar é, pois, que, en-
dendo este animal, quando em densi-
dade elevada, daninho para a lavou-
ra, centenas de proprietários con-
tinuem requerendo a submissão das
suas terras ao regime florestal com
reserva de caça, propriedades que
já hoje abrangem muitas centenas
de milhares de hectares de terreno
na maior parte inculto, como se
disse já. Neles cresce e viceja o
voio a esteva, o cardo, a giesta, o
carrasco e o tomilho em lugar de
culturas de cereais para o abaste-
cimento do País, excepto aonde en-
contram água com abundância para
cultura do arroz.

E' que a caça, nessas proprie-
dades, causa danos apreciáveis nas
suas escassas culturas constitui o
argumento de maior valia invoca-
do para solicitarem autorização para
nesses feudos realizarem caça.

(Continua na 11.ª página)

Exposição Filatélica

em Aveiro

AVEIRO, 22 — (Pelo telefone)
—Aguardada com grande interesse
e expectativa, abriu hoje ao pú-
blico, pelas 15 horas, no edifício do
antigo liceu, na Praça da Repúbli-
ca, a I Exposição Filatélica de
Aveiro, integrada no programa co-
memorativo do milénario e bicen-
tenário desta cidade, importante
certame ao qual concorreram os
mais completos filatelistas, não só
do distrito como de diversos pon-
tos do País, além das valiosas par-
ticipações dos C. T. T. e do Minis-
tério do Ultramar, para cujas re-
presentações oficiais foram reser-
vadas duas salas. O vasto recinto
foi hoje visitado por grande nu-
mero de pessoas que demoradam-
mente o percorreram, admirando
os muitos e raros exemplares es-
postos, cuja valor é incalculável.
Pelas 17 e 30 efectua-se-á o acto
inaugural, com a presença das en-
tidades oficiais, momento em que
o dr. A. J. de Vasconcelos Carva-
lho fará uma palestra sobre «Fila-
telias». O certame conservar-se-á
aberto até ao dia 30.

HOMENAGEM

em Setúbal

aos mortos da Grande Guerra

por marinheiros franceses

SETUBAL, 22. (Pelo telefone). — O
comandante, oficiais e marinheiros do
navio de guerra francês «Le Gascon»,
que em viagem de rotina tocou este
porto, prestaram hoje homenagem aos
mortos da Grande Guerra, numa ceri-
mónia que se efectuou esta manhã, jun-
to ao respectivo monumento, na Praça
dos Combatentes, em cuja base foi de-
posta uma linda coroa de flores com
as cores da bandeira gaulesa. Estavam
presentes o cônsul da França, sr. Yves
Lapointe, o capitão do porto, os co-
mandantes e oficialidade das unidades
e estabelecimentos militares da guarni-
ção de Setúbal, bem como comandantes
e oficiais dos navios portugueses surtos
no Sado. A guarda de honra foi pre-
stada por soldados de Infantaria 11, com
fanfara, Artilharia, P. S. P., G. N. R.
e Marinha. A Liga dos Combatentes
da Grande Guerra achava-se represen-
tada por vários elementos da delegação
de Setúbal com a respectiva bandeira.
O barco francês «Le Gascon», de que
é comandante o capitão-de-fragata La-
mes, parte amanhã para Toulon.

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

popular «Há Feira no Colisen!»
consagrando o novo espectáculo
apresentado por Giuseppe Bastos e
Vasco Morgado.

Trata-se, na verdade, de um es-
pectáculo de inextinguível alegria,
luxo, comicidade e bom gosto, in-
terpretado por um grande elenco,
à frente do qual se encontra a ve-
deta brasileira Rose Rondelli e o
actor cómico Costinha. Além destes,
intervêm ainda os populares artis-
tas Alvaro Pereira, Maria Domín-
gas, Maria Adelina, Luísa Durão,
Carlos Alves, Anita Guerreiro, Do-

mingos Marques, Maria Adelaide e
Casimiro Chagas.

Charles movimenta dezenas de

apresentado por Giuseppe Bastos e

Vasco Morgado.

Trata-se, na verdade, de um es-

pectáculo de inextinguível alegria,

luxo, comicidade e bom gosto, in-

terpretado por um grande elenco,

à frente do qual se encontra a ve-

deda brasileira Rose Rondelli e o

actor cómico Costinha. Além destes,

intervêm ainda os populares artis-

tas Alvaro Pereira, Maria Domín-

gas, Maria Adelina, Luísa Durão,

Carlos Alves, Anita Guerreiro, Do-

mingos Marques, Maria Adelaide e

Casimiro Chagas.

Charles movimenta dezenas de

apresentado por Giuseppe Bastos e

Vasco Morgado.

Trata-se, na verdade, de um es-

pectáculo de inextinguível alegria,

luxo, comicidade e bom gosto, in-

terpretado por um grande elenco,

à frente do qual se encontra a ve-

deda brasileira Rose Rondelli e o

actor cómico Costinha. Além destes,

intervêm ainda os populares artis-

tas Alvaro Pereira, Maria Domín-

gas, Maria Adelina, Luísa Durão,

Carlos Alves, Anita Guerreiro, Do-

mingos Marques, Maria Adelaide e

Casimiro Chagas.

Charles movimenta dezenas de

apresentado por Giuseppe Bastos e

Vasco Morgado.

Trata-se, na verdade, de um es-

pectáculo de inextinguível alegria,

luxo, comicidade e bom gosto, in-

terpretado por um grande elenco,

à frente do qual se encontra a ve-

deda brasileira Rose Rondelli e o

actor cómico Costinha. Além destes,

intervêm ainda os populares artis-

tas Alvaro Pereira, Maria Domín-

gas, Maria Adelina, Luísa Durão,

Carlos Alves, Anita Guerreiro, Do-

mingos Marques, Maria Adelaide e

Casimiro Chagas.

Charles movimenta dezenas de

apresentado por Giuseppe Bastos e

Vasco Morgado.

Trata-se, na verdade, de um es-

pectáculo de inextinguível alegria,

luxo, comicidade e bom gosto, in-

terpretado por um grande elenco,

à frente do qual se encontra a ve-

deda brasileira Rose Rondelli e o

actor cómico Costinha. Além destes,

intervêm ainda os populares artis-

tas Alvaro Pereira, Maria Domín-

gas, Maria Adelina, Luísa Durão,

Carlos Alves, Anita Guerreiro, Do-

mingos Marques, Maria Adelaide e

Casimiro Chagas.

Charles movimenta dezenas de

apresentado por Giuseppe Bastos e

Vasco Morgado.

Trata-se, na verdade, de um es-

pectáculo de inextinguível alegria,

luxo, comicidade e bom gosto, in-

terpretado por um grande elenco,

à frente do qual se encontra a ve-

deda brasileira Rose Rondelli e o

actor cómico Costinha. Além destes,

intervêm ainda os populares artis-

tas Alvaro Pereira, Maria Domín-

gas, Maria Adelina, Luísa Durão,

Carlos Alves, Anita Guerreiro, Do-

mingos Marques, Maria Adelaide e

Casimiro Chagas.

Charles movimenta dezenas de

apresentado por Giuseppe Bastos e

Vasco Morgado.

Trata-se, na verdade, de um es-

pectáculo de inextinguível alegria,

luxo, comicidade e bom gosto, in-

terpretado por um grande elenco,

à frente do qual se encontra a ve-

deda brasileira Rose Rondelli e o

actor cómico Costinha. Além destes,

intervêm ainda os populares artis-

tas Alvaro Pereira, Maria Domín-

gas, Maria Adelina, Luísa Durão,

Carlos Alves, Anita Guerreiro, Do-

mingos Marques, Maria Adelaide e

Casimiro Chagas.

Charles movimenta dezenas de

apresentado por Giuseppe Bastos e

Vasco Morgado.

Trata-se, na verdade, de um es-

pectáculo de inextinguível alegria,

luxo, comicidade e bom gosto, in-

terpretado por um grande elenco,

à frente do qual se encontra a ve-

deda brasileira Rose Rondelli e o

actor cómico Costinha. Além destes,

intervêm ainda os populares artis-

tas Alvaro Pereira, Maria Domín-

gas, Maria Adelina, Luísa Durão,

Carlos Alves, Anita Guerreiro, Do-

mingos Marques, Maria Adelaide e

Casimiro Chagas.

Charles movimenta dezenas de

apresentado por Giuseppe Bastos e

Vasco Morgado.

Trata-se, na verdade, de um es-

pectáculo de inextinguível alegria,

luxo, comicidade e bom gosto, in-

terpretado por um grande elenco,

à frente do qual se encontra a ve-

deda brasileira Rose Rondelli e o

actor cómico Costinha. Além destes,

intervêm ainda os populares artis-

tas Alvaro Pereira, Maria Domín-

gas, Maria Adelina, Luísa Durão,

Carlos Alves, Anita Guerreiro, Do-

mingos Marques, Maria Adelaide e

Casimiro Chagas.

Charles movimenta dezenas de

apresentado por Giuseppe Bastos e

Vasco Morgado.

Trata-se, na verdade, de um es-

pectáculo de inextinguível alegria,

luxo, comicidade e bom gosto, in-

terpretado por um grande elenco,

à frente do qual se encontra a ve-

deda brasileira Rose Rondelli e o

actor cómico Costinha. Além destes,

intervêm ainda os populares artis-

tas Alvaro Pereira, Maria Domín-

gas, Maria Adelina, Luísa Durão,

Carlos Alves, Anita Guerreiro, Do-

mingos Marques, Maria Adelaide e

Casimiro Chagas.

Charles movimenta dezenas de

apresentado por Giuseppe Bastos e

Vasco Morgado.

Trata-se, na verdade, de um es-

pectáculo de inextinguível alegria,

luxo, comicidade e bom gosto, in-

terpretado por um grande elenco,

à frente do qual se encontra a ve-

deda brasileira Rose Rondelli e o

actor cómico Costinha. Além destes,

intervêm ainda os populares artis-

tas Alvaro Pereira, Maria Domín-

gas, Maria Adelina, Luísa Durão,

Carlos Alves, Anita Guerreiro, Do-

mingos Marques, Maria Adelaide e

Casimiro Chagas.

Charles movimenta dezenas de

apresentado por Giuseppe Bastos e

Vasco Morgado.

Trata-se, na verdade, de um es-

pectáculo de inextinguível alegria,

luxo, comicidade e bom gosto, in-

terpretado por um grande elenco,

à frente do qual se encontra a ve-

deda brasileira Rose Rondelli e o

actor cómico Costinha. Além destes,

intervêm ainda os populares artis-

tas Alvaro Pereira, Maria Domín-

gas, Maria Adelina, Luísa Durão,

Carlos Alves, Anita Guerreiro, Do-

mingos Marques, Maria Adelaide e

Casimiro Chagas.

Charles movimenta dezenas de

apresentado por Giuseppe Bastos e

Vasco Morgado.

Trata-se, na verdade, de um es-

pectáculo de inextinguível alegria,

luxo, comicidade e bom gosto, in-

terpretado por um grande elenco,



Baptista Pereira chega sorridente ao Cais das Colunas e entra no automóvel do «Diário de Lisboa» que o conduziu ao Clube Nacional de Nataçao

Para embarcar no avião de hoje com destino a Londres, o popular Baptista Pereira veio a nado de Alhandra a Lisboa

O «papa milhas» português, que conquistou fama como fundista e se celebrou com a sua sensacional vitória na travessia da Mancha em 1954, vai de novo participar na importante competição.

Para Baptista Pereira, pois é ele o «papa milhas», esta nova travessia da Mancha assinala o seu regresso ao desporto, após uma campanha bacalhadeira nos mares da Gronelândia, como tripulante do navio-apoio «Gil-Eanes», a que se seguiu um período de inatividade, perante o qual foi submetido a uma operação cirúrgica que o obrigou a uma convalescença que durou aproximadamente 90 dias.

A «rodagem» de um fundista faz-se na água e, por isso, Baptista Pereira, que apenas pode nadar 1,000 quilómetros aproveitou a oportunidade de apenas partir às 15 e 30, de avião, para Londres, lançando-se à água esta manhã, às 7 e 15, em Alhandra e desceu o Tejo a nado até ao Cais das Colunas, onde chegou cerca das 11 horas.

Ali, era o nadador aguardado por muitos populares e pela reportagem do «Diário de Lisboa», em cujo automóvel Baptista Pereira foi conduzido até ao Clube Nacional de Nataçao, onde tomou um banho de chuveiro e se preparou para seguir viagem.

Durante o trajeto, o popular nadador afirmou-nos:

— Se tivesse nadado 2.000 quilómetros antes da prova, podia garantir a minha vitória. Assim, não espero vencer, mas apenas classificarme entre os primeiros, para prestígio do desporto português e satisfação do sr. António Champalimaud, presidente do conselho de administração da Companhia de Cimentos Tejo, a quem devo a minha participação na grande prova.

Sempre sorridente e bem disposto, como se tivesse feito o trajeto Alhandra-Lisboa em automóvel, o nadador fez, depois, algumas considerações acerca da travessia da Mancha.

— Temos de nadar mais de 30 quilómetros, pois a vaga, que ali é sempre rija, obriga a desviar. Mas, desta vez irei mais satisfeito, com a companhia de Primo Ferreira, que considero um excelente camarada e um rival de categoria.

Já preparado para seguir em direcção ao aeroporto — e desta vez não iria a nado... — o valoroso Baptista Pereira confiou-nos, ainda, o seu prognóstico acerca da prova.

— Embora quando me lanco á água seja sempre com a mira de vencer, desta vez não penso assim... Estarão lá, a americana Anderson e o argentino Camarero, que há muito estão preparados convenientemente. Se não surgir qualquer imponderável, serão com certeza os triunfadores. Aparecem sempre uns novos e desta vez há muitos que não conheço. No entanto, de entre eles pode surgir uma revelação... e um campeão.

Depois de nadar durante 4 horas e 30 m. de Alhandra a Lisboa, Bap-

tista Pereira voa confiante a caminho de Londres, e, se desta vez estiver livre dos seus habituais complexos, tudo pode suceder...

NECROLOGIA

Dr. Manuel da Trindade Gonçalves de Miranda

BRAGANÇA, 22 (Pelo telefone). — Faleceu, ontem, inesperadamente, em sua casa, nesta cidade, de onde era natural, o sr. dr. Manuel da Trindade Gonçalves Miranda, solteiro, de 69 anos, aposentado há três anos, como professor e vice-reitor do liceu de Bragança.

O extinto exerceu o professorado liceal, desde 1911, nos liceus de Bragança, Lisboa, Funchal, Portalegre e, de novo, nesta cidade.

Era provedor devotadíssimo, há seis anos consecutivos, da Santa Casa da Misericórdia de Bragança. Fez parte de diferentes vereações municipais deste concelho, das direcções da Junta da Província de Trás-os-Montes e Alto-Douro e de várias colectividades de carácter social e humanitário desta cidade.

Já pelo inesperado da sua morte, já por se tratar de uma pessoa de bem e de uma figura de grande relevo, que gozava de gerais simpatias pela bondade do seu coração e pela integridade do seu carácter, a sua morte causou profunda mágoa em toda a cidade, e vai causá-la, por certo, em todos os seus antigos alunos espalhados por todo o País.

O extinto era irmão da sr.ª D. Gaudência do Espírito Santo Gonçalves Miranda Quintela, casada com o sr. dr. António Augusto Pires Quintela, antigo professor e reitor do liceu, e tio, além de outros, do prof. dr. António Augusto Gonçalves Rodrigues, vice-reitor da Universidade de Lisboa; da dr.ª D. Maria Margarida Costa Gomes, casada com o prof. dr. Ruy Luís Gomes, presentemente no Recife, e da dr.ª D. Ema Costa Rodrigues, casada com o dr. Veiga Rodrigues, inspector dos tribunais de Trabalho.

O funeral realiza-se hoje, às 17 horas, saindo da igreja da Santa Casa da Misericórdia para o cemitério local.

A família enlutada, e em especial ao sr. dr. António Pires Quintela, apresenta o «Diário de Lisboa» sentidos pesames.

D. Virginia Pinto de Oliveira

SANTA CRUZ DO DOURO, 22. — (Pelo telefone). — Faleceu, no Porto, a sr.ª D. Virginia Pinto de Oliveira, grande proprietária da Casa do Valinho, desta freguesia. Era mãe da sr.ª D. Maria Helena Magalhães e do sr. António Oliveira Magalhães, e sogra do sr. António Pinto do Freixo. A saudosa extinta veio em carro funerário para o cemitério desta localidade, tendo o fune-

O 4.º Acampamento Nacional e o 3.º Congresso de Campismo em Peniche

PENICHE, 22. — (Pelo telefone). — A Federação Portuguesa de Campismo e a comissão central do 4.º Acampamento Nacional ofereceram um banquete em honra do sr. António da Conceição Bento, presidente do Município, que decorreu num ambiente de grande entusiasmo. Diversos oradores puseram em destaque o auxílio, a boa vontade e o carinho daquela autoridade, que tornaram possível a realização, nesta via do Acampamento e do 3.º Congresso de Campismo, enaltecendo o êxito dos dois empreendimentos. E o homenageado agradeceu, manifestando a sua satisfação por terem sido em Peniche os dois grandes acontecimentos desportivos.

Enalteceu a forma como ambos decorreram e o espírito de civismo revelado por todos os campistas. E referiu-se à sensacional notícia, divulgada pelo «Diário de Lisboa», do estabelecimento de carreiras de helicópteros para o transporte de passageiros para as Berlengas, dizendo que elas muito contribuirão para a sua valorização e para o desenvolvimento do turismo desta zona.

Esta noite, com a assistência de todas as autoridades locais, haverá na sala da Associação Recreativa Penichense, a sessão de encerramento do Acampamento e do Congresso.

Presidente da Junta de Colonização Interna

Por portaria do secretário de Estado da Agricultura, foi nomeado presidente da Junta de Colonização Interna o sr. eng.º agr.º Vasco Pinho Leônidas, que há um ano desempenhava interinamente aquelas funções.

D. Henriqueta Pinto da Silva

MESÃO FRIO, 22. — (Pelo telefone). — Faleceu nesta vila, com 88 anos, a sr.ª D. Henriqueta Laura Pinto da Silva, viúva, mãe das sr.ªs Irene Guedes Sequeira, casada com o capitalista sr. João Rodrigues Sequeira, D. Ilda da Silva Guedes, antiga chefe da estação dos C. T. T. de Mesão Frio, e do sr. António da Silva Guedes, director da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, deste concelho, avó da sr.ª D. Maria de Lourdes Guedes Sequeira Sarb, casada com o sr. Roger David Sarb, conhecido pianista de orquestra e do sr. António Ferreira Guedes, estudante universitário, em Coimbra. O funeral efectuou-se, com grande acompanhamento, para o cemitério local.

D. Joaquina Gonzalez Rodrigues

MONÇÃO, 22. — Com 89 anos faleceu na Quinta Garrido, desta vila, a sr.ª D. Joaquina Gonzalez Esteves Rodrigues, viúva do sr. Francisco Rodrigues Garrido. A saudosa extinta, aqui muito considerada, era natural de Pontevedra e residia há muitos anos em Lisboa. Era mãe da sr.ª D. Primitiva Moinhos Fernandes Garrido.

SUFRÁGIOS

D. Maria José Parada Neves

Mandada rezar pelo seu marido, sr. Guilherme Mário da Costa Neves e mais família, celebra-se amanhã, às 10 horas, na igreja da Luz, em Carnide, missa sufragando a alma da sr.ª D. Maria José Parada Neves, falecida há um ano.

Alfredo da Silva

BARREIRO, 22. — (Pelo telefone). — Foi hoje rezada missa, na capela de Santo António, privativa da Santa Casa da Misericórdia desta vila, sufragando a alma do industrial sr. Alfredo da Silva, grande benfeitor desta instituição de caridade.

Ao acto religioso, que vem repetindo-se neste dia, todos os anos, assistiram, além do sr. dr. Jorge de Melo, em representação da sua família, muitas pessoas, nomeadamente pessoal superior e operários da empresa C. U. F.

Foi celebrante o rev. padre Manuel Lino. Seguiu-se uma romagem ao cemitério, onde foi colocada uma grande palma de flores naturais no mausoléu daquele industrial, por incumbência do respectivo provedor e mesários da Santa Casa da Misericórdia.



Os atletas despedindo-se do subsecretário da Educação

Na «Universiada» de Turim participará uma delegação portuguesa que hoje se despediu do subsecretário da Educação

Parte amanhã para Turim uma representação portuguesa de atletas universitários que, naquela cidade italiana, de 27 deste mês a 6 de Setembro, vão participar na «Universiada», promovida pela Federação Internacional de Desporto Universitário, na qual actuarão cerca de 1.700 atletas de 50 países, nas modalidades de atletismo, basquetebol, esgrima, nataçao, polo aquático, tênis e voleibol.

A delegação nacional é chefiada pelo sr. dr. Armando Rocha, inspector do Desporto Universitário, e inclui os srs. dr. Sérgio Ribeiro e João Branco Ló, presidente e director do Centro Desportivo Universitário de Lisboa; professores de educação física João Coutinho e José Machado da Costa; os esgrimistas Orlando Azinhais, José D'Argent, Carlos Pimenta, José Valerinho, Chito Rodrigues e Rui Fernandes; e os praticantes de atletismo Baptista Lopes e Paulo Molarinho do Carmo. Os dois primeiros dirigentes participaram na assembleia-geral da F. I. S. U.

Acompanhados do sr. prof. Américo da Fonseca, os desportistas universitários foram esta tarde, recebidos pelo subsecretário de Estado da Educação Nacional. O dr. Armando Rocha disse da sua honra em apresentar os atletas-estudantes, verdadeiros amadores do desporto, que até materialmente contribuíram para esta deslocação; da vantagem técnica existente no contacto

SUB-REGISTOS e centros criptos nos comandos militares dos Açores e da Madeira

Um decreto-lei, hoje publicado, pela Presidência do Conselho, criou, nos comandos militares dos arquipélagos dos Açores e da Madeira sub-registos e centros criptos. No respectivo preambulo, diz-se o seguinte:

«As circunstancias decorrentes dos nossos compromissos internacionais e a necessidade crescente de rodear a correspondência militar das condições de segurança que os assuntos requerem justificam, á semelhança do que já foi estabelecido para os órgãos militares do continente, a criação de um sub-registo N. A. T. O. e de um centro cripto em cada um dos comandos militares dos Açores e da Madeiras».

IX encontro de formação no subsecretariado da Aeronáutica

Efectuou-se esta manhã, com início ás 10 horas, no Subsecretariado de Estado da Aeronáutica, o IX Encontro de Formação profissional que reuniu cerca de 40 chefes de contabilidade de todos os conselhos administrativos da Força Aérea, sob a presidência do sr. coronel Alvaro de Oliveira.

Durante a sessão de trabalhos, que terminou á uma da tarde, foram tratados vários assuntos de ordem técnica, relacionados com a organização das forças armadas em tempo de paz e de guerra.

A próxima reunião realiza-se no fim de Setembro.

com os concorrentes das outras nações, dada a falta de nível geral do desporto português; e agradeceu as facilidades dispensadas pelo Governo.

O sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, em resposta, fez a apologia do desporto universitário e do seu papel na purificação do desporto nacional; referiu-se ao valor formativo das modalidades em que o País se faz representar; e formulou votos para que os atletas honrem a Nação, pelo seu comportamento desportivo e social, e obtenham uteis ensinamentos, para divulgação.

Prossegue o concurso de arte dramática das colectividades de Cultura e Recreio

Com a apresentação de «Os Campinos», de Salvador Marques, o grupo cénico de «Os Plebeus», de Avintes, prestou provas de selecção do concurso de arte dramática das colectividades de Cultura e Recreio, organizado pelo Secretariado Nacional da Informação.

A peça, ensaiada por João Ferreira Gonçalves, foi interpretada por Cristina Dias Lopes Teixeira, Laura Celeste Alves de Oliveira, Aurora Maria Pereira, Maria de Fátima de Sousa Dias, Maria Carolina Pereira do Amaral, Rosalina Gomes Teixeira, Maria Candida Bessa Rodrigues de Azevedo, Manuel Rodrigues de Azevedo, José da Silva Fernandes, Augusto Gonçalves da Costa, José Gomes de Oliveira, Licínio Pinto da Costa, João Ferreira Gonçalves, Alberto Gonçalves da Silva, João da Silva Moreira, António Mateus Pereira da Silva, António Alves Simões, Armando de Oliveira Dias, David Teixeira de Sousa, Domingos das Neves e Ernesto Augusto Dias de Sousa.

Hoje, prestam provas, no salão de festas das sedes das agremiações, os amadores do «Grupo dos Modestos», do Porto e da «Progresso Clube», de Algueirão, respectivamente com as peças «Os Velhos», de D. João da Camara e «O tio rico», de Ramada Curto.

Os papeis de «Os Velhos», que tiveram a encenação de José Francisco da Silva, serão desempenhados por Idalina Gonçalves Moutinho Piedade, Aida Eurídice da Rocha, Maria de Lourdes Cabral, Maria Manuela Ferreira, Orlando Rodrigues Soares, Joaquim Alves de Lima, Miguel Costa, Octávio Marinho e João Francisco da Silva Pereira.

A peça de Ramada Curto, ensaiada por João Ferreira, será interpretada por Carminda Trindade, Elisabeth Hilário, Amélia Veloso, Eva Sertã, Armando Soares, Manuel Romana, Angelo Baptista Avelar, Manuel Antunes, Ernesto Hilário e Artur Veloso.

Continua na Mitra

o pequeno Fernando Carlos

O pai daquela criança que um guarda da P. S. P. encontrou nas ruas de Lisboa, perdida, no dia 30 do mês passado, ainda não obteve autorização para a levar para casa. Assim, o pequeno Fernando Carlos continua entregue aos cuidados do Albergue da Mitra.

DESPORTOS

O CIRCUITO DE MONSANTO

Stirling Moss é a vedeta do «Grande Prémio de Portugal»

A maior competição de automóveis que se realiza no nosso País, ou seja, o «Circuito de Monsanto», que inclui o «Grande Prémio de Portugal», reservado a carros da fórmula 1 e conta para o campeonato do Mundo de Condutores, está a decorrer.

Este género de provas continua a atrair grande numero de entusiastas, desejosos de observar os grandes pilotos.

VELA

Os Campeonatos de «moths»

em Aveiro

AVEIRO, 22. — Com o mesmo interesse e brilho iniciais realizou-se ontem a 5.ª Regata do Campeonato Internacional da classe «Moth» e do Campeonato de Portugal da mesma classe, que estão a decorrer na Costa Nova numa organização do Sporting Clube de Aveiro.

Pedro Cavaco, do Alhandra Sporting Clube, foi o vencedor desta jornada, mas o comando da classificação geral, tanto num como noutro campeonatos, pertence ao eng. Mateus Augusto do Sporting Clube de Aveiro.

Damos a seguir os resultados gerais:

5.ª Regata

1.º, 3.150, Pedro Cavaco (Alhandra); 2.º, 23, eng. Mateus Augusto (Aveiro); 3.º, 3.093, Henry Neil (U. S. América); 4.º, 3.188, António Teles (Aveiro); 5.º, 3.073, José Rebelo (Alhandra); 6.º, 3.187, Mário V. Macedo (Aveiro); 7.º, 3.201, João Carvalho (Alhandra); 8.º, 3.206, Carlos Tolentino (S. A. Dafundo); 9.º, 3.190, Bernardino Silva (Ovarense); 10.º, 5.220, Devillers André (França); 11.º, 3.180, Manuel Padinha (U. Vila-franquense); 12.º, 3.071, José Rato (Alhandra); 13.º, 3.165, Mário A. Nunes (Alhandra); 14.º, 3.191, Manuel Pereira Duarte (Ovarense); 15.º, 38, Carlos Ribeiro (Aveiro); 16.º, 3.061, José Santos (Funchal).

Desistiram nesta regata: Ricardo Marques, José Nunes, António Santos Silva e António Sucena.

Classificação Geral após a 5.ª Regata

VI Campeonato de Portugal

1.º, Eng. Mateus Augusto; 2.º, António Sousa Teles; 3.º, Carlos Tolentino; 4.º, António Santos Silva; 5.º, Manuel Padinha; 6.º, José Rebelo; 7.º, João Carvalho; 8.º, José Nunes; 9.º, Pedro Cavaco; 10.º, Mário Virgílio Macedo.

1.º Campeonato Internacional

1.º, Eng. Mateus Augusto; 2.º, Carlos Tolentino e António Sousa Teles; 4.º, António Santos Silva; 5.º, Manuel Padinha; 6.º, Devillers André; 7.º, José Rebelo; 8.º, Henry Neil; 9.º, João Carvalho, e 10.º, José Nunes.

des nomes do automobilismo mundial que, constantemente, rodam nas mais afamadas pistas.

Por força do destino, não podemos contar com a representação nacional, porque não temos valores para competir com os campeões estrangeiros que vêm até nós. Por isso, lembramos com saudade os nomes de Vasco Sameiro, Casimiro de Oliveira, D. Fernando Marcarenhas, que encontrou a morte em Barajas (Madrid), Joaquim Filipe Nogueira e Ernesto Martorell, que fizeram a «festa de despedida».

Começa aqui o nosso breve comentário sobre as possibilidades dos automobilistas nacionais de momento, os antigos que continuam nestas andanças, já deram fruto desejado e, chegaram até ao ponto que as suas forças consentiram. Ontem, em Monsanto, das faculdades dos actuais, chegámos à conclusão de que os praticantes estão ainda longe de possuir todos os requisitos para serem considerados bons «volantes».

A camada nova necessita de adquirir, sobretudo, experiência e confiança.

Dos treinos oficiais, a contar para as taças «Cidade de Lisboa» e «Governador Civil de Lisboa» e «Secretariado Nacional da Informação», há a lamentar o capotamento do carro pilotado por Eurico António Martins, embora sem consequências, e o desastre, de certa gravidade, sofrido por Madeira Ferreira, que teve de sofrer uma operação cirúrgica ao cair da noite.

A melhor média, 112,830 km., obteve-a João Posser de Andrade Villar, integrado na 2.ª classe, e Manuel de Castro (112,532 km.), também dentro da mesma categoria. Seguiram-se: Carlos Faustino, 111,634; Fernando Terto, 107,900; Manuel Nunes dos Santos, 107,545; Rui Martins da Silva, 104,699; Marinho de Lemos, 104,615; Burnay Bastos, 100,880; Armando Silva, 100,710; Ribeiro da Silva, 98,387; Ruco, 97,852; Carlos Nunes Ferreira, 96,255; Mário Gonzaga Ribeiro, 96,160; António Augusto Parente, 95,944; José Cardoso de Lemos, 95,324; António de Oliveira Martins, 95,137; Cipriano Flores, 94,485; Luís Junqueiro Pinto, 93,654; Abílio Barros, 92,282; Alberto Marques da Fonseca, 91,935 e José da Silva Bento, 86,235 km. Portanto, hoje, á tarde, á partida, os concorrentes alinharão pela ordem de melhor média.

Para as taças «Governador Civil de Lisboa» e «Secretariado Nacional da Informação», os corredores competirão conjuntamente. Estarão em circuito, 25 automóveis, destacando-se as médias de Joaquim Correia de Oliveira, 123,333 km.; João de Vaz Guedes, 120,993 e Jorge Moreira Pinheiro, 120,406 km. Os restantes, obtiveram médias compreendidas entre 119,436 e 100,153 km.

Como nota curiosa, informamos que o malogrado D. Fernando Marcarenhas, venceu, em 1953, 54 e 55, na Taça Cidade de Lisboa, e, Manuel Nunes dos Santos, em 1957.

Na taça Governador Civil de Lisboa, Abílio Barros, Ernesto Martorell e Stirling Moss, respectivamente em 1953-54 e 1955, foram os triunfadores do certame.

Stirling Moss, a vedeta do circuito

A ultima parte, do programa dos treinos oficiais, foi preenchida pelos carros da fórmula 1. Estiveram em acção, catorze bólides, faltando as viaturas da marca Lotus, que serão tripuladas pelos ingleses Graham Hill e Innes Ireland, retidos em Espanha, por avaria no câmbio que os transportava. Todavia, esta tarde, já estarão a rolar no pavimento do Circuito de Monsanto.

A sensação deste treino, foi fornecida pelo conhecido corredor inglês Stirling Moss que, de volta para volta, aumentava a velocidade, a ponto de alcançar 155,812 km, batendo a sua própria média conseguida no mesmo circuito, há três anos.

O «piloto» foi alvo de grande manifestação de simpatia por parte do publico, que não lhe regateou aplausos, colocando-o como a «vedeta» do circuito. Masten Gregory, não pôde melhorar a média, chegando a 152,274. Mais atrasados, contavam-se: Jack Brabham, 151,567; Ron Flockhart, 149,725; Maurice Trintignant, 149,098; Phil Hill 148,094; Harry Schell, 147,915; Tony Brooks, 147,503; Daniel Gurney, 146,784; Carroll Shelby, 145,282; Joakim Bonnier, 144,365; Roy Salvadori, 143,514; Bruce McLaren, 141,667 e o português Mário Araujo Cabral, 138,383.

Esta competição, classifica para o Campeonato do Mundo de Condutores, cuja ordenação, actual, é a seguinte:

1.º, Jack Brabham, 27 pontos; 2.º, Tony Brooks, 23; 3.º, Phil Hill, 13; 4.º, Joakim Bonnier, 10; 5.º, Maurice Trintignant, 9; 6.º, (ex-aequo) Stirling Moss e McLaren, 8,5; 8.º, Daniel Gurney, 6; 9.º, Harry Schell, Ireland e Gendebian, (ex-aequo), 3 pontos.

Hoje, de tarde, a partir das 18 e 30, realizar-se-á novo treino, para apuramento de médias, portanto, ordem de partida.

MARIO FRANCO

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — No Estádio do Restelo prossegue, ás 16 horas, o 2.º Portugal-Espanha, em juniores, sendo a ordem das provas a seguinte:

110 metros barreiras, dardo, vara, 100 metros, 400 metros, 1.500 metros, 3.000 m. obstáculos, comprimento, martelo e 4 x 100 metros. CAMPISMO — Encerramento do 4.º Acampamento Nacional, que desde o dia 15 tem funcionado no Píndal da Lagoa, em Peniche.

DESPORTO CORPORATIVO — No recinto do Porto de Lisboa, a Santos, ás 10 horas, 2.ª «mão» da final da fase nacional do 13.º Campeonato Nacional de Voleibol, entre as equipas da Casa do Pessoal do Porto de Lisboa e do Corpo dos Bombeiros Municipais de Coimbra. HANDEBOL DE 7 — Conclui-se, no campo da Constituição, no Porto, a 1.ª volta da fase final do campeonato nacional de handebol de sete (seniores), com os encontros F. C. Porto-Almada e Salgueiros-Benfica, respectivamente, ás 14 e ás 15,45 horas.

HIPISMO — No hipódromo da Gandarilha, a partir das 14,30 h., prossegue o 23.º Concurso Hípico de Cascais, que tem a participação de

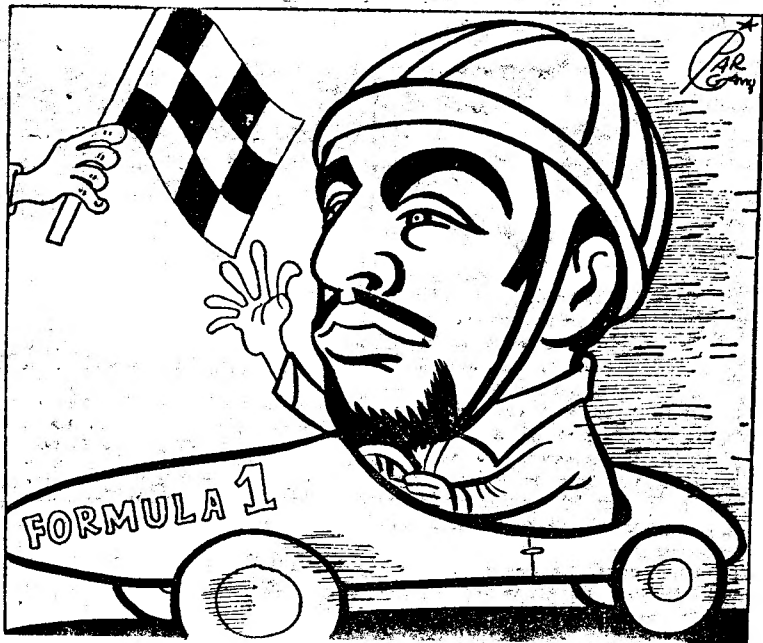
ENCERROU-SE HOJE

o Campo de Trabalho

da M. P. em Meróbriga

SANTIAGO DO CACÉM, 22 — Encerrou-se hoje o Campo de Trabalho Internacional, promovido pela M. P. nas ruínas romanas de Meróbriga e dirigido pelo arqueólogo D. Fernando de Almeida, no qual participaram universitários portugueses, suecos, alemães, franceses e norte-americanos, de ambos os sexos.

As escavações arqueológicas, que foram as maiores ali realizadas desde há vinte e três anos, revestiram-se de grande importância, tendo posto a descoberto as ruínas de um castro de implantação lusitana.



Pela primeira vez um Português valente... em Monsanto!

HÓQUEI EM PATINS

A vitória dos Sintrenses sobre o Campo de Ourique não corresponde à marcha do jogo

O Clube Atlético de Campo de Ourique jogava, ontem, na sua pista, contra o Sintra, importante cartada para as suas pretensões.

E para a obtenção do triunfo lutou, lutou denodadamente, acrescentando-se, mas sem conseguir o seu desejo, pois, no final, a marca era de 3-2, favorável para as cores sintrenses.

Registe-se, entretanto, que o desfecho mais conforme o desenrolar da partida era o do empate, porquanto a equipa de Fausto de Oliveira nunca actuou em plano de inferioridade relativamente á de Cipriano Santos.

Inversamente, os Lisboetas formaram conjunto mais estruturado. Contudo, o seu binário dianteiro, o despeito da «garrá» que sempre

pôs na esquematização dos lances, não correspondeu inteiramente. Talvez porque o seu numero quatro, embora muito habilidoso, mostrou falta de experiência, o que, aliás, é natural pois subiu da categoria de juniores para a de seniores, antes de ter a idade exigida pela lei, ou talvez por o seu companheiro estar extremamente infeliz, no capítulo do remate.

Os campeões nacionais encontraram extraordinárias dificuldades em «abrir» a defesa contrária. De resto, essa tarefa é sempre difícil para qualquer, pois José Vaz Guedes (o melhor jogador de ontem) e Bernardino são hoquistas de maior capacidade no presente momento.

Mas, agora isso, os «azuis» não chegaram a atingir bitola razoável. A equipa perdeu o ritmo, do princípio da prova, e essa circunstância tem sido causa das suas más exibições.

Rui Faria e Pompílio (mais aquele) acusam descida de «formas» e desse facto se ressentem todo o «team». Magnifico esteve o guarda-redes sintrense que, dia a dia, vê subir a sua cotação.

Nos outros encontros de ontem, os resultados foram os seguintes: Futebol Benfica, 5-Cascais, 2; Paço de Arcos, 5-Lisboas, 2; Mundet, 4-Cuf, 2; Parede, 2-Oeiras, 2.

JOSÉ GRAIS

Natação

O Portugal-Espanha entre equipas femininas efectua-se hoje e amanhã em Aveiro

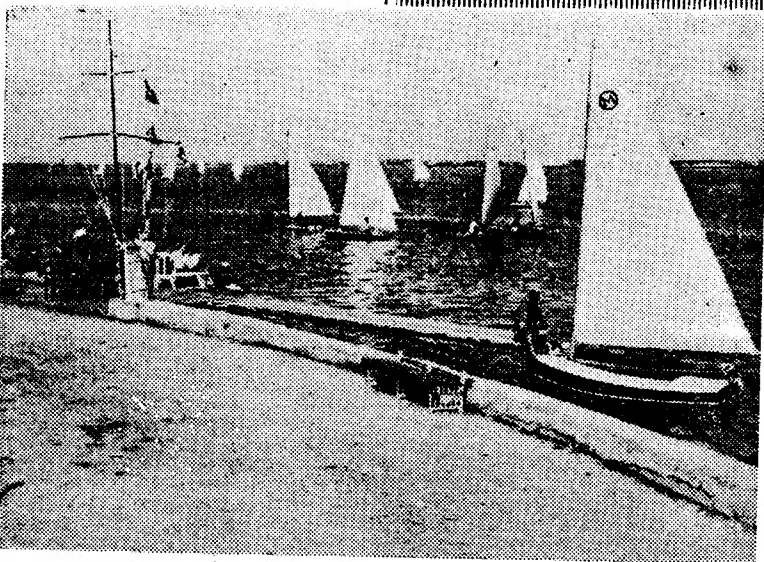
AVEIRO, 22. — A F. P. N. realiza hoje, á noite, um Festival Internacional de Natação, o primeiro que em Portugal se efectua, apenas, com equipas femininas. A organização está a cargo do Beira-Mar e as provas terão lugar na piscina deste clube.

A competição concorrem, apenas, equipas de Espanha e de Portugal que incluem alguns dos principais valores na modalidade.

A formação das equipas nacionais, ficou assim determinada:

1.ª prova — 100 m. mariposa: Maria Teresa Montoia (Algés) e Maria Luísa Bessone Basto (Algés); 2.ª prova — 100 m. costas: Berta Madeira (Algés) e Isabel Barrué (G. Figueirense); 3.ª prova — 200 m. bruços: Felícia Barreto (Algés) e Edite Maia (Nacional); 4.ª prova — 200 m. livres: Maria Luísa Bessone Basto (Algés) e Cecília Costa e Silva (Nacional); 5.ª prova — 100 m. livres: Maria Teresa Montoia (Algés) e Isabel Barrué (G. Figueirense); 6.ª prova — 4x100 m. livres: Isabel Barrué (G. Figueirense), Maria Teresa Montoia, Maria Luísa Bessone Basto e Isabel Pereira Machado (todas do Algés).

A 2.ª jornada deste festival é amanhã, á tarde.



Um aspecto das regatas em Aveiro

Rosa dos Ventos

Sopra da Roménia o vento da juventude. Pretendem os médicos de Bucareste ter descoberto, senão o segredo da mocidade eterna, pelo menos um método seguro para rejuvenescer. Consiste esse método numa série de banhos, mornos, de 32 a 36 graus, em que se deitam apenas na água 60 gramas de bicarbonato de sódio, de acordo com o que preceitua o prof. Parbon. O tratamento é completado por injeções intramusculares de novocaina e de vitamina E e ainda por uma racional actividade, física e intelectual.

A raça japonesa está a aumentar muito sensivelmente de estatura. Em 1940, o japonês media menos 45 centímetros do que o europeu médio. Essa diferença está reduzida, em 1959, segundo rigorosas estatísticas, para 30 centímetros. Tal é o efeito de uma alimentação nova e de exercícios ginásticos adequados.

Em Glasgow, um preso, prestes a ser posto em liberdade, cumprida a pena que ali o retinha há vinte anos, sem saber como empregar daí em diante o seu tempo nem como arrotar com as inclemências da vida, enforcou-se na sua cela. Estranho, mas humano, fenómeno: esperou pela liberdade vinte anos e, no momento em que ia enfim recuperá-la, respirá-la, apavorou-se, ou descobriu que já nada lhe importava...

Após 238 observações, sábios de todo o Mundo concluíram que as causas normais do enfarto do miocárdio são: a arteriosclerose em 84 % dos casos e a hipertensão em 6 %. Conclusão: a tirar: não comer excessivamente, se se tem tendência para a arteriosclerose, mas, em contrapartida, não pôr de lado os picantes nem os salgados, que fazem subir a tensão, excepto havendo contra-indicação de origem hepática.

A princesa Maria Gabriela de Saboia dançou o «rock-conga» no cabaré «Jardins do Licorne», em Saint-Tropez. Esta dança semitropical vem das Antilhas e foi Martine Carol quem a trouxe para França, após uma estada deliciosa naquelas ilhas de sonho... e de calor...

— E diziam vocês que ele não tinha jeito para nada. Vejam lá a fortuna que ele fez com essa história dos elásticos!...
— Bem... é que talvez já tivesse a consciência elástica...

Morreu o condutor de um automóvel que chocou com uma furgoneta no Campo Grande

Por volta das dez horas, verificou-se no Campo Grande um grave acidente de viação, de que resultou a morte de um homem. O caso ocorreu no local em que a Avenida Brasil desemboca na ala ocidental do Campo Grande, quase em frente do campo de treinos da P. S. P.



Abel Ferreira

Um automóvel conduzido pelo seu proprietário sr. Abel Marques Ferreira, de 26 anos, empregado das Companhias do Gás e Electricidade, residente na Rua Josefa de Obidos, 24, 3.ª, descia a Avenida Ocidental do Campo Grande, com certa velocidade. Entretanto, surgiu uma furgoneta fechada, com vários caixotes contendo louça e pertencente ao sr. Manuel João Loureiro, e conduzida por Mário Cristóvão Reis, de 27

co acima da cabina eléctrica das Companhias Reunidas.

Transportado o ferido imediatamente num automóvel à sala de observações do Hospital de S. José, chegou ali já morto.

A vítima era casada há pouco mais de um ano com a sr.ª D. Maria da Conceição Marques Ferreira e deixa uma filha de dois meses. A responsabilidade do desastre ainda não está bem determinada, pois o automóvel tinha prioridade por se apresentar pela direita e vinha na sua mão, embora se afirmasse no local que ele rodava com excesso de velocidade. A furgoneta atravessava, quando foi apanhada de lado, como acima dissemos. É possível que o motorista não previesse a velocidade do automóvel que avistara ao longe e julgasse que tinha tempo suficiente para passar.

O motorista da furgoneta foi receber curativo ao Hospital de S. José, não sendo grave o seu estado.

No local está por vezes um polícia sinaleiro, mas, para maior infelicidade, não se encontrava ali à hora do desastre.



O estado em que ficou o automóvel que chocou com uma furgoneta, no Campo Grande

anos, morador na Rua do Cruzeiro, 21, rés-do-chão, que vinha da Avenida Brasil e que foi apanhada de lado pelo automóvel, quase junto ao rodado traseiro. O choque obrigou-a a dar algumas voltas e a galgar o passeio, indo fixar-se sobre a ponta da placa relvada.

O automóvel, por sua vez, deu também várias voltas sobre si e foi embater depois com tal violência numa coluna de ferro dum candeeiro, que o carro ficou todo num feixe.

A porta abriu-se e o condutor foi projectado contra a coluna, deixando ali algumas madeiras de cabelo pegadas, ao mesmo tempo que o sangue jorrava abundante de profunda brecha na cabeça. O carro ficou em cima do passeio, um pou-

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

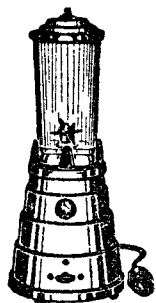
Um automóvel outro deixou três crianças uma das quais morreu

PORTO, 22 — (Pelo telefone) — Um automóvel conduzido por Luís Fernando Pereira, residente na Rua de França Junior, 671, Matosinhos, atropelou, em circunstâncias ainda não esclarecidas, na estrada

(Continua na 10.ª página)

TURMIX (Modelo Turbilhão)

O aparelho indispensável em todas as cozinhas modernas, com mil e uma possibilidades de aplicação puras de sopa, «mayonaises», sumos de fruta, trituração de sólidos, fácil preparação de massas de ovos e de alimentos para doentes e crianças



Esta excelente batedora de tão amplas aplicações e de fácil manejo é distribuída pela acreditada firma

MARÇAL CORREA, LDA.
R. SERPA PINTO, 15, 5.ª - B.
Tel 26076 — LISBOA



O «Almeida» é uma figura popular da cidade que tem a seu cargo uma tarefa indispensável

Lisboa vai homenagear no «Dia dos Almeidas» os seus humildes e dedicados servidores que defendem a saúde da população

A cidade vai dedicar, como dissemos, um dia aos empregados municipais que se encarregam da remoção do lixo e da limpeza das ruas do burgo, os humildes e modestos varredores, conhecidos na gíria lisboeta pelo apodo de «Almeidas».

Não se sabe bem qual a origem dessa designação, toda pitoresca e nada molestanda do brio e da dig-

nidade dos obscuros e prestimosos servidores da cidade — e quem poderia ofender ou humilhar os simpáticos e honrados trabalhadores, que tanto contribuem para a higiene e a saúde da população? —, não se sabe de ciência certa, embora haja mais de uma versão a explicá-la.

Dizem uns, os pesquisadores de tradições alfacinhas e do seu típico casquilho ao sabor popular, enfiados nas coisas olisiponenses, que a designação lhes adviria, talvez, pela circunstância de, nos primeiros tempos, quando foi estabelecido o serviço de limpeza na cidade todos os quase todos os homens empregados no mesmo, possivelmente por influência de algum chefe seu contraneiro, serem

(Continua na 10.ª página)

Mais 500 contos apreendidos na margem Sul

Os contrabandistas, apesar das diligências da Guarda Fiscal no sentido de reprimir a sua actividade ilegal, o que se tem feito sentir particularmente nestes últimos dias conseguiram mais uma proeza. Desta vez desviaram-se do bulício da cidade para assentar arraiais na outra margem do Tejo, no concelho de Palmela. No lugar de Cabanas, onde foi apreendido agora contrabando no valor de 500 contos



PARA COLOCAÇÃO DO SEU CAPITAL A R E N D E R

A CONFIDENTE

LISBOA - PORTO - TELÉFONO 3 11 11 PORTO - S. PAULO - MANUEL, 14 - TELÉFONO 27 11 A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS EM PROPRIEDADES

Olhe bem para estes dentes



São o resultado do uso diário da **Pasta Medicinal Couto** QUE EVITA E TRATA AS DOENÇAS DA BOCA

de escritório de Aveiro em 30% 1 de Setembro

de dar satisfação às aspirações dos profissionais abrangidos pelas ditas convenções colectivas.

Natural seria, em todo o caso, que a pretendida actualização tivesse lugar através de novas convenções colectivas. Não obstante, porém, todos os esforços feitos nesse sentido, não foi possível resolver o problema por aquela forma, pelo que só restava ao Ministério dar-lhe solução pelos meios que a lei lhe facultava, isto sem prejuízo, no entanto, de prosseguirem as negociações entre os organismos interessados, com vista, porventura, a uma mais perfeita solução por via corporativa.

Nestes termos, determino o seguinte, ao abrigo do art. 1.º do decreto-lei n.º 32.749 de 15 de Abril de 1943:

- 1.º — Os ordenados constantes das tabelas de remuneração que fazem parte dos contratos colectivos de trabalho indicados nas alíneas seguintes, são aumentados em 30 %, termos em que as entidades patronais ficam obrigadas a remunerar o trabalho dos profissionais abrangidos pelas ditas convenções:
 - a) — Entre o Grémio de Comércio do Concelho de Aveiro e o S. N. dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito, homologado em 30-1-1948 e publicado no Boletim do I. N. T. P. de 29-2-1948;
 - b) — Entre o Grémio do Comércio dos Concelhos de Espinho e Feira e o S. N. dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito, homologado em 23-12-1948 e publicado no Boletim do I. N. T. P. de 15-1-1949;
 - c) — Entre o Grémio do Comércio do Concelho de Ovar e o S. N. dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito, homologado em 23-12-1948 e publicado no Boletim do I. N. T. P. de 15-1-1949.
 - 2.º — Ficam igualmente vinculadas ao cumprimento da mesma obrigação as empresas às quais foi mandado aplicar, por despacho de 26 de Março de 1953, publicado no «Diário do Governo» e no Boletim do I. N. T. P., respectivamente, de 8-4-1953 e 15-4-1953, o «contrato colectivo de trabalho referido na alínea a) do n.º 1 deste despacho.
- Este despacho entra em vigor em 1 de Setembro de 1959.

de contrabando pelas autoridades do Tejo

Desta vez esteve em acção a Guarda Nacional Republicana, de Setúbal, que naquele lugar passou uma busca a um barracão, onde foram encontradas garrafas de «whisky», elevado numero de cortanhas de origem americana, lenços e outros artigos de «nylon» e tabacos de marcas estrangeiras. Toda esta mercadoria, que pesa aproximadamente 1.500 quilos, foi depois transportada em camionetas daquela corporação para a Repartição de Finanças de Palmela, onde se está a proceder à sua verificação e a organização do respectivo processo, que depois será enviado ao tribunal competente.

Presume-se que os contrabandistas tenham conseguido levar a efeito qualquer desembarque num dos muitos esteiros existentes ao longo da margem esquerda do Tejo.



O sr. António de Almeida, premiado no nosso concurso «Domingo Feliz», com uma viagem de ida e volta ao Porto, na carreira da T. A. L., ao tomar ontem o avião daquela companhia

Mais um «Domingo Feliz!»

em que a sorte decidirá, no próprio dia, quem há-de levar os prémios do nosso concurso semanal

Amanhã, os nossos leitores que passarem o seu dia no campo ou nas praias dos arredores, terão nova oportunidade de obter um dos diversos prémios do nosso concurso semanal «Domingo Feliz!». Trata-se, sem dúvida, de uma lista atraente, inclui brindes continuando a fazer a felicidade dos premiados. Tem sido sempre, aliás, com evidente satisfação, com sincero aplauso para a nossa iniciativa que os leitores bafejados pela sorte, neste despretencioso concurso de Verão, se nos têm dirigido.

Os 12 prémios para amanhã SINTRA

- 1.º — Um gira-discos da afamada marca PLESSEY representada pelos estabelecimentos Valentim de Carvalho e 5 quilos de tinta S. João BEL-PLAST.
- 2.º — Produtos da casa Vilariño & Sobrinho, Ld.º.
- 3.º — Um aparelho de massagens VIBRETTE da Sociedade de Representações Lisboa, Ld.º.
- 4.º — Um fogareiro niquelado, a petróleo, para campismo, marca HIPÓLITO da casa Barros Queirós.

COSTA DO SOL

- 1.º — Um fim de semana no HOTEL DO GUINCHO e 5 quilos de tinta S. João BEL-PLAST.
- 2.º — Um relógio eléctrico da marca SMITHS, dos estabelecimentos Valentim de Carvalho.
- 3.º — Produtos SCHWEPES.
- 4.º — Um lote de produtos de salchicharia da fábrica AVEIRENSE, LDA.

COSTA DA CAPARICA

- 1.º — Uma bicicleta VILAR fornecida pela firma Ciclo-Areeiro e 5 quilos de tinta S. João BEL-PLAST.
- 2.º — Uma ventoinha G. E. da firma General Electric Portuguesa.
- 3.º — Dois candeeiros, mesa de cabeceira, da firma Barros Queirós.
- 4.º — Flores plásticas da Papilaria Vasconcelos, Ld.º.

EM DEFESA DO AUTOMOBILISTA FRANCÊS EM PORTUGAL

Respeitar ou não respeitar o Código da Estrada

Do sr. P. Baradez, engenheiro, residente em La Praz, Saboia francesa, recebemos com pedido de publicação a seguinte carta:

«Sr. director do «Diário de Lisboa»: — Li com muito interesse a sua «Nota do dia» publicada no jornal de 6 do corrente. Penso, todavia, que o seu cronista se deixou levar um pouco pela ironia sem atender, verdadeiramente, ao fundo do problema. Eis a razão por que espero que não deixe de publicar esta carta, que constitui de qualquer modo uma defesa do automobilista francês em Portugal.

Desde 1941 tenho tido ocasião de

fazer longas e frequentes permanências no seu país, de que aprecio cada vez mais a beleza e o sentido de hospitalidade. Há seis anos que vou passar regularmente as minhas férias a Lisboa, Faço, deste modo, em Portugal perto de três mil quilómetros em automóvel todos os anos, o que me permite apreciar todas as tardes o seu jornal, de que sou leitor assíduo.

Os Franceses conduzem depressa, sem dúvida, mas isso não resulta, como V. pretende, de a rede rodoviária francesa estar bem conservada, porque muitas das vossas estradas não têm nada que invejar às nossas. Esse facto provém, particularmente, da circunstância de que, em França, a maioria dos condutores respeita o Código da Estrada. Para conduzir depressa, é preciso não só conduzir bem, mas estar igualmente seguro da boa conduta dos outros utentes da estrada. De um modo geral, em França o Código da Estrada é bastante respeitado: em virtude da circulação intensa, das dificuldades cada vez maiores em obter a carta de condução, da severidade da Polícia da estrada e da propaganda aturada feita por todos os meios (Imprensa, Rádio, etc.) pela «Segurança na estrada».

Ora eu conheço muitos Franceses que tiveram igualmente o prazer de viajar de automóvel em Portugal e todos, como eu, se mostram surpreendidos com as frequentes infracções feitas ao Código da Estrada pelos vossos compatriotas, que parecem conduzir de uma forma bastante individualista e sem se preocuparem com os outros. Citarei apenas duas das faltas mais graves:

1.º — Os automobilistas portugueses não gostam de conduzir pela direita: Quando não há ninguém na estrada, o caso tem pouca importância; não acontece o mesmo quando outros automobilistas lhe aparecem pela frente ou pretendem ultrapassá-lo. Neste ultimo caso, tenho observado com muita frequência que alguns, mesmo avisados da presença de outros condutores por um insistente toque de buzina, não querem ceder-lhes a passagem. Para verificar aquilo que afirmo, bastar-lhe-á colocar-se à saída de Lisboa, na berma da

(Continua na 11.ª página)

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional.

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava limpo e o vento era fraco a moderado de norte por acção de uma massa de ar seco transportada na circulação conjunta de um anticiclone centrado a Oeste dos Açores e de uma depressão de origem térmica centrada em Espanha.

TEMPERATURAS A'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Porto, 19; Coimbra, 19; Lisboa, 20; Funchal, 21; Faro, 25.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA: até às 16 horas: máxima, 30,8; mínima, 17,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 24,7; mínima, 15,3.

PREVISÃO ATE A'S 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu geralmente limpo, vento fraco por vezes moderado de Noroeste no litoral a Oeste, neblinas matinais a Norte do Cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS OBSERVADAS A'S 10 HORAS (T. M. G.) NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 20,9; na água do mar, 15,2.



O MAESTRO

sir Thomas Beecham

casou-se com a secretária

LONDRES, 22. — «Sir» Thomas Beecham, o chefe de orquestra inglês, célebre tanto pelo seu talento como pelas suas excentricidades, casou-se agora, aos 80 anos, com a secretária, «Miss» Shirley Hudson, de 27 anos.

«Sir» Thomas Beecham, que há tempos declarou: «Tenho um grande futuro à minha frente, e embora todos se admirem, tenciono continuar a viver», casou-se agora pela terceira vez, em Zurique, no maior segredo.

O chefe de orquestra, especialista em Mozart, é bem conhecido pelo seu desprezo às formas convencionais e pelo seu sarcasmo. Interrogado um dia acerca dos seus métodos de trabalho, respondeu: «Metotal medo aos músicos, que eles não têm mais remédio senão tocar com o frenesi necessário». — (F. P.).

A estadia em Lisboa do general Baptista

O antigo Presidente da Republica de Cuba, general Fulgêncio Baptista, que se encontra em Lisboa, aguardando passagem para a Madeira, onde vai fixar residência, voltou hoje a percorrer a cidade de automóvel, acompanhado de alguns membros da sua comitiva.

SISMO NO FAIAL

HORTA, 22 — Sentiu-se durante a madrugada, na ilha do Faial, um abalo de terra. Não se registaram prejuizos.

Mantém-se estacionário o regime fumarólico do vulcão dos Capelinhos. — (A. N. I.).



MAIS DURAÇÃO
MENOS AVARIAS

PERFECTA-DEMM

ANDA MAIS
E GASTA MENOS

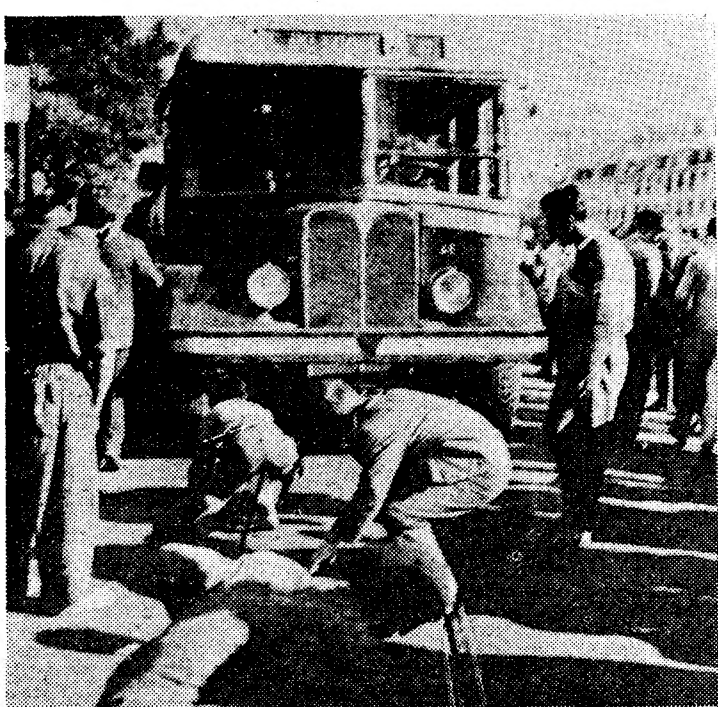
CICLO-AREEIRO

Av. do Aeroporto, 3-A LISBOA
(junto à Praça do AREEIRO)

OURO e PRATA

Compra e vende os melhores preços
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 - Tel. 24564

A objectiva do leitor



Os passageiros do autocarro n.º 46, em serviço de carreira para o Cais do Sodré, começaram, no meio da sua viagem de hoje de manhã, a ouvir um gato miar. A princípio, julgaram tratar-se de brincadeira de alguém que imitasse o felino, para os intrigar; mas como o animal nunca mais se calava, ao chegar o veículo ao Rossio, obrigaram-no a parar, para se descobrir onde estava o gato. Manuel Dias, antigo maratonista olímpico e repórter fotográfico apaixonado, que é também leitor assíduo do «Diário de Lisboa» focou uma das fases dos trabalhos para a retirada do bichano, que se encontrava afinal entre o chassis e o pavimento do autocarro.

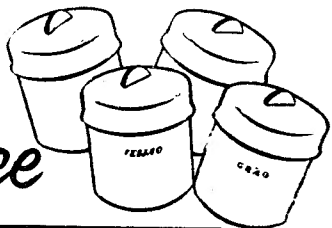
Sonasol



LIQUIDO

oferece

CAIXAS PARA GÉNEROS



«Domingo Feliz»

(Continuação da página central)

Lisboa para o seu descanso semanal, o «Domingo Feliz» não deixa de constituir um passatempo curioso. Como sabem já os nossos leitores, todos os domingos de manhã os nossos serviços fotográficos percorrem alguns dos locais mais frequentados nesse dia, para colherem imagens do publico, apanhado despreocupadamente. Dentre as fotografias feitas escolhem-se, à sorte, três relativas aos prémios Costa do Sol, Sintra e Costa da Caparica. Em cada uma dessas fotografias assinalam-se depois, ao acaso, quatro pessoas aquelas que terão direito às quatro categorias dos prémios que distribuímos todos os domingos, com a colaboração dos nossos estimados anunciantes.

Todos os domingos são assim instituídos prémios para os mais variados gostos, cujo volume total ultrapassa uma dezena de contos — o que equivale a dizer que já atribuímos algumas dezenas de contos que constituiriam, por certo, um bom complemento para a felicidade de um domingo de repouso.

Damos hoje a lista completa dos prémios de amanhã — e, com toda a sinceridade, desejamos aos nossos leitores que tenham um «Domingo Feliz».



No Porto, o feliz premiado no nosso concurso, que vemos à direita, a porta do Grande Hotel da Batalha, onde se hospedou num dos magníficos quartos daquele estabelecimento hoteleiro

CATERINA VALENTE feriu-se quando filmava

BERLIM, 22. — A actriz e cantora de «music-hall» Catarina Valente feriu-se nos estudos de Berlim-Spandau, onde está a filmar uma película intitulada: «Tu és maravilhosa».

A actriz, cujos ferimentos não são de gravidade, escorregou sobre o «plateau», quando se filmava uma cena de revista de grande espectáculo.

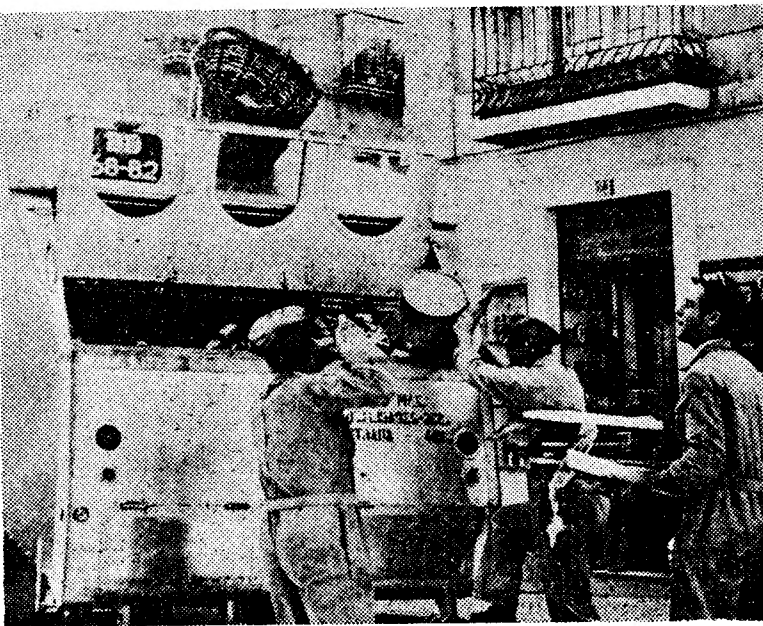
Pensa-se que a actriz poderá voltar ao trabalho dentro de oito dias. — (F. P.).

Vida religiosa

Juventude Agrária Católica do Patriarcado

No Seminário de Almada, onde têm decorrido os trabalhos do Campo de Formação da Juventude Agrária Católica do Patriarcado de Lisboa, com a participação de quarenta rapazes, efectua-se hoje, às 21 e 30, a sessão de encerramento, a qual será presidida pelo presidente da Direcção Nacional da Juventude Católica, dr. Pedro Andrade. De manhã, houve, como nos dias anteriores, duas lições: uma sobre formação religiosa, pelo assistente padre José Mendes Sarrazina; e a outra intitulada «Aprenda a falar», pelo antigo jactista sr. António Fortuna.

De tarde, os rapazes assistiram às duas últimas lições: uma do engenheiro-agrônomo Costa Neves, intitulada «Implantação e exploração de pomares»; e outra do engenheiro-agrônomo Alarcão e Silva, sobre emigrantes.



A recolha do lixo nos modernos camiões que circulam de manhã por toda a cidade

A propósito da homenagem aos «Almeidas» de Lisboa

(Continuação da página central)

naturais da vila de Almeida e seu termo.

Outros estudiosos, por cujas mãos têm passado os velhos documentos dos tombos municipais, assinalam que a designação de «Almeida» surgiu quando um vereador desse apelido propôs para os obscuros varredores, e pela primeira vez, um aumento aos seus reduzidos vencimentos. Coisa falada e por todos também desejada, a acção do benemérito edil foi logo popularizada pela população citadina, que, em sua homenagem e como testemunho de simpatia pelos homens da limpeza das ruas, passou a chamá-los «Almeidas».

Seja como for, eles bem merecem a estima e algo da protecção do publico que beneficia da sua árdua e constante tarefa, para lhes amenizar um pouco, a existência cheia de canseiras e dificuldades, pois, na sua escala, não podem auferir salários desafogados.

Ganham 39\$00 diários, ilíquidos, isto é, sujeitos aos vários descontos, e têm fardamento. Ao fim de cinco anos de serviço, são-lhes concedidos doze dias de férias; ganham o direito à aposentação, após quinze anos, e aos 70, com vencimento por inteiro.

A designação oficial, que lhes compete, é a de *cantoneiros de limpeza*. São 1.100, incluindo capatazes, divididos pelas doze zonas citadinas, constituindo o pessoal da limpeza urbana. O «Relatório da Gerência do Município», relativo ao ano findo, presta expressiva e louvável homenagem aos modestos e dedicados «Almeidas», assinalando «que tem jus este pessoal, a que se lhe dedique uma referência especial, como predomínio da sua mão-de-obra na grande maioria das tarefas que competem à limpeza urbana. E' pessoal assíduo, pouco propício a deixar o serviço municipal, e regularmente disciplinado».

Assim segundo o referido relatório, os lixos recolhidos na cidade (pelo trabalho dos «Almeidas»), «provenientes das edificações urbanas, dos mercados municipais e das diversas operações de limpeza nas vias publicas, atingiram, em

RAPARIGA

ferida gravemente

por um «míssil» minúsculo

CINCINNATI (OHIO), 22 — Um «míssil» de dimensões não superiores a sete centímetros atravessou o pavimento dum apartamento num sexto andar, e foi alojar-se na cabeça de Nella Rutr Sergeant, de 16 anos, que foi hospitalizada em estado grave.

As autoridades suspeitam que o projectil tenha sido disparado por Robert Trimble e por um seu companheiro de 47 anos, e prendeu-os para averiguações.

E' convicção da Polícia que o pequeno objecto de aço foi disparado com o auxílio de um instrumento utilizado na construção civil para fixar cavilhas nas paredes. — (A. N. I.).

Dia trágico de acidentes de viação

(Continuação da página central)

de Sendim, três crianças que seguam pela berma da estrada: Jorge Artur Salvador Monteiro, de 3 anos, morador na Rua da Seara, 415; Maria Emilia Nunes da Rocha, de 7 anos, residente na Rua da Bolsa de Baixo; e Felicidade Rodrigues Maia, de 6 anos, da Rua da Seara, 441. Conduzidos ao hospital da vila, os dois primeiros ficaram internados com ferimentos graves e em perigo de vida, e a última faleceu pouco depois de ali ter dado entrada.

O condutor do automóvel, que não prestou socorro às vítimas, apresentou-se uma hora depois no posto da P. S. P. de Matosinhos, onde ficou detido.

Mais uma vítima de atropelamento

PORTO, 22. (Pelo telefone). — Cerca das 13 horas e 30 minutos, uma camioneta conduzida por Manuel Duarte da Mota, residente em Pombal, ao passar na Rua do Progresso, em Perafita, Matosinhos, atropelou mortalmente uma mulher cuja identidade se desconhece e que saía inadvertidamente de um portal.

O cadáver foi removido para o Necrotério. Pelo depoimento das testemunhas o condutor não teve culpa, pelo que não ficou detido.

Três feridos num choque de veículos

AMARANTE, 22 (Pelo telefone). — Hoje, pelas 10 horas, seguia de Bragança para o Porto fora da mão, uma furgoneta conduzida pelo sr. Artur Roque Cardoso, residente na Rua das Taipas, no Porto, que foi chocar com uma camioneta de carga que rodava em direcção a Chaves e era conduzida pelo sr. Domingos Forte Aguilheiro, residente naquela cidade.

Em virtude do desastre, que ocorreu na estrada de Vila Real a Amarante, a 20 quilómetros desta vila, ficaram feridos os passageiros da furgoneta srs. Agostinho da Silva Ribeiro, casado, de 52 anos, músico, residente na Rua Duque de Palmela, 202, no Porto, que sofreu fractura da perna direita e várias escoriações pelo corpo, e Maria Alice Ferreira, de 16 anos, artista de variedades, residente na Rua do Corvo, 22, Bairro da Azenha, do Porto, que sofreu ferimentos nas pernas. O motorista da furgoneta sofreu várias lesões internas e o seu estado inspira sérios cuidados. Todos os feridos estão internados no hospital desta vila.

Um atropelamento

Também pelas 11 horas, na Rua 31 de Janeiro, desta vila, no cru-

zamento com a Avenida Alexandre Herculano, um automóvel ligeiro guiado por uma senhora atropelou Candida Rosa, doméstica, conhecida por Maria Lombeira, de 60 anos, moradora no lugar de Baceiros, deste concelho, que foi conduzida ao hospital, não sendo felizmente, grave o seu estado. A G. N. R., tomou conta da ocorrência.

Uma bicicleta motorizada

chocou com dois veículos

Quando o construtor civil, sr. Henrique Filipe, residente em Albarraque, vinha esta manhã para Lisboa, conduzindo uma bicicleta motorizada, ao passar em Rio de Mouro, chocou com uma camioneta e uma furgoneta. Ficou ferido na cabeça, sendo internado na Sala de Observações do Hospital de São José.

Despenhou-se o carro do pároco de Mesão Frio

MESÃO FRIO, 22. (Pelo telefone). — Quando o pároco desta localidade, padre Manuel António Pires se dirigia para férias, com sua irmã e uma servil, o automóvel perdeu, subitamente, o «contrôle», numa rampa, em Paredes e, descendo para trás, despenhou-se de cerca de 6 metros de altura. O carro ficou muito danificado, mas os seus ocupantes quase nada sofreram, tendo continuado viagem, noutro veículo, depois de ligeiramente pensados. Supõe-se que o desastre tenha ocorrido em consequência do grande peso de bagagem que o carro transportava á rectaguarda, e ainda devido ao mau estado dos pneus que não conseguiram aderir ao pavimento, quando subiam.

MISSA POR ALMA

dos bombeiros falecidos

Como já informámos, não foi «O Dia do Bombeiro» comemorado com as solenidades habituais em virtude do luto imposto pela morte de dois sapadores no ataque ao fogo na igreja de S. Domingos.

No entanto, resolveu a Liga dos Bombeiros Portugueses mandar celebrar amanhã, às 10 horas, na igreja de S. José da Anunciada, missa por alma de todos os bombeiros falecidos, sendo celebrante o cônego Correia de Sá (Asseca).

VIDA SOCIAL

ANTÓNIO CARMO

Acompanhado de sua esposa, partiu de avião para Timor, onde vai exercer as funções de secretário do governador, o sr. António de Almeida e Carmo, que teve uma afectuosa despedida no aeroporto.

Portugal foi eliminado

nos campeonatos europeus de remo

MACON, 22. — Na primeira mão da repescagem dos campeonatos europeus de remo (4 com timoneiro), Portugal classificou-se em segundo lugar, sendo definitivamente eliminado. Em primeiro lugar classificou-se a Jugoslávia, que foi apurada. — (F. P.).

Dormiram ao relento para ouvir a Callas

LONDRES, 22. — Cinquenta pessoas dormiram ontem, à noite, no passeio, em frente do Royal Festival Hall, á espera que abrisse a bilheteira para o concerto da cantora Maria Callas, marcado para 23 de Setembro. Pela madrugada, mais 150 pessoas incorporaram-se na «bilha». — (A. N. I.).

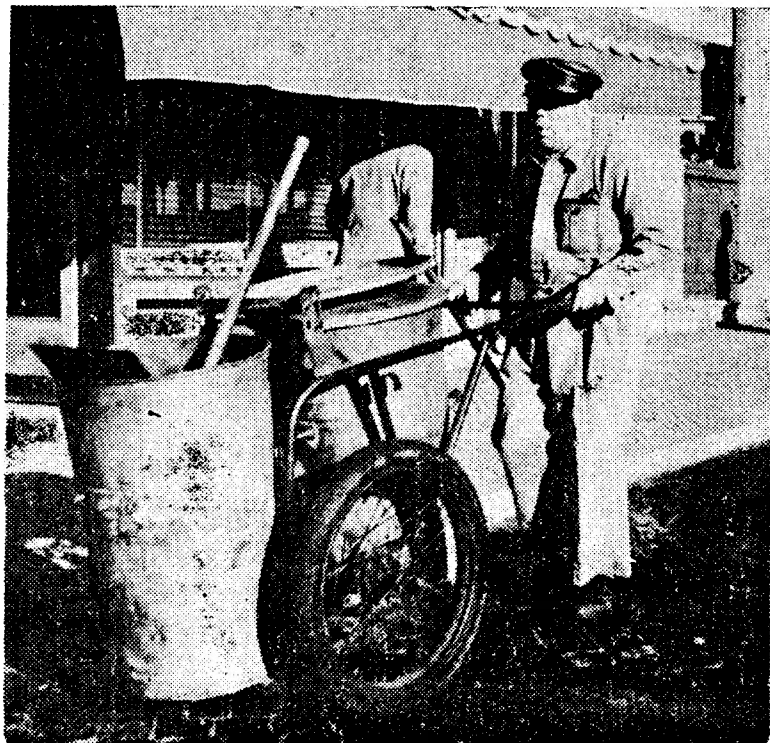
LOTE DE TERRENO PARA MORADIA

No Areeiro, junto ao Parque Palmela, em Cascais, a cerca de 150 m. da praia e da Estação de caminho de ferro.

Vende a Camara Municipal de Cascais, em praça, a realizar no próximo dia 29, ás 16 horas.

Cascais, 21 de Agosto de 1959.

O presidente da Camara, — Victor Novais Gonçalves



Há anos que o «Almeida» dispõe de um carro mais fácil de conduzir

EM DEFESA DO AUTOMOBILISTA FRANCÊS EM PORTUGAL

Respeitar ou não respeitar o Código da Estrada

(Continuação da página central)

magnífica estrada que desce para o viaduto Duarte Pacheco, à entrada da auto-estrada que conduz ao Estoril. Poderá facilmente contar o elevado número de automobilistas que conduzem a distância de muitos metros do passeio, e o que é mais, sob o olhar impassível da Polícia de Viação, que se preocupa especialmente com os burros e os ciclistas. A estrada marginal, aliás muito bem sinalizada, constitui também a este respeito um pósto de observação bastante interessante.

2.ª — A prioridade é direita e pouco respeitada, a tal ponto que certos automobilistas se mostram muito admirados quando se lhes cede a passagem que aliás lhes é devida pelo Código da Estrada. Devo dizer-lhe que há dois anos estive quase a ter um grave acidente à saída da auto-estrada, antes de chegar à estrada marginal: um carro da Polícia que vinha de um estabelecimento prisional desembocou de um caminho sem respeitar nenhuma regra de prioridade e estacou precisamente quando estava já em plena estrada principal. O condutor reconheceu perfeitamente a falta em que incorreu; felizmente, eu não ia depressa e tinha bons travões. Os meus filhos é que não ganharam para o susto.

As duas faltas graves que acabo de lhe apontar podem provocar resultados catastróficos quando um automobilista, francês ou não, supõe que pode andar depressa porque as estradas portuguesas são boas. O desgraçado não sabe que pode defrontar-se com um condutor que não segue pela direita ou que desemboca de qualquer lado sem respeitar as regras de prioridade; muitas vezes só dá conta disso depois de ser vítima de um acidente.

Deste modo, para terminar no estilo irónico do seu cronista, só vejo dois remédios: ou forçar os automobilistas a respeitar o Código da Estrada, ou distribuir a todos os estrangeiros que cheguem a Portugal prospectos recomendando-lhes que conduzam devagar, para o caso frequente em que podem encontrar-se face a face com um Português que não respeita o Código da Estrada.

Acredite, sr. director, que tudo isto não diminui em nada a amizade que tenho pelo seu belo país, onde conto muito bons amigos que, assim o espero, não me levarão a mal pelo facto de restabelecer a verdade. Quero dizer-lhe ainda que residi dois anos no Brasil, onde se conduz muito mais depressa do que em França, mas sem haver mais desastres por isso.

De V., etc. — P. Baradez.

Não vale a pena estabelecer polémica com o sr. eng. Baradez, porque, bem feitas as contas, ambos devemos ter razão em partes sensivelmente iguais. Podíamos transcrever numerosas e autorizadas opiniões da imprensa francesa, para provar o contrário do que o sr. eng. Baradez afirma em abono dos seus compatriotas — e em desabono dos nossos. Elas são unânimes em acusar os automobilistas franceses de muitos dos defeitos que o nosso correspondente atribui com tanta convicção aos condutores portugueses. Defeitos que, aliás, nós somos

AMPLIAÇÃO

do Liceu D. Filipa de Lencastre

Na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos foram hoje lidas e abertas propostas para adjudicação da empreitada de obras de ampliação do Liceu D. Filipa de Lencastre, cujas obras estão orçadas em 899.979\$00. Estas propostas vão ser submetidas a estudo.

FOI ATINGIDO

por um tiro de pedra

EVORA, 22. (Pelo telefone). — Vindo de Santo Aleixo (Monforte), deu entrada no hospital da Misericórdia de Évora o trabalhador António João Gromicho de 23 anos, casado, daquela localidade, que ali, ao preparar um tiro de pedra, foi vítima da deflagração inesperada da carga, ficando bastante queimado nos olhos, rosto, mãos e braço esquerdo.

os primeiros a reconhecer, e que tantas vezes temos condenado, mas que não constituem, o sr. eng. Baradez sabe-o tão bem como nós, exclusivo dos automobilistas portugueses. Quer dizer que cá e lá... maus condutores há.

O número crescente de desastres que se verificam nas estradas francesas não abona, em boa verdade, a prudência e a perícia que o sr. eng. Baradez reclama para os seus compatriotas. Lê-se, por exemplo, no «Figaro» de 17 do corrente: «O balanço dos acidentes da circulação toma todos os dias um aspecto mais trágico. Como parar esta hemorragia, visto que os conselhos e apelos repetidos à prudência não impotentes para a jugular?». Só nos dias 31 de Julho, 1 e 2 de Agosto, a despeito dos reiterados apelos à prudência dos condutores e das medidas de segurança tomadas ao longo das estradas, registaram-se 91 mortos por acidentes de viação nas estradas francesas. Não temos presente a estatística portuguesa; mas não pomos em dúvida que, nesses mesmos dias, tenha ocorrido nas nossas estradas um número de desastres proporcionalmente maior ao número de automóveis em circulação. Com a diferença de que alguns foram, provavelmente, provocados por automobilistas franceses, enquanto os portugueses não contribuíram, por certo, para o balanço trágico que se registou durante o mesmo período nas estradas francesas.

O mesmo jornal cita como causas frequentes dos desastres de viação em França, o que aliás está de acordo com as estatísticas oficiais, a recusa dos condutores em respeitar as regras de prioridade e a ignorância das prescrições do Código da Estrada.

Há poucos dias ainda, um redactor especializado do «Monde» afirmava que «em cada dez condutores (franceses) que partem para uma longa viagem, oito esquecem-se de verificar se os órgãos de segurança dos seus automóveis estão em bom estado».

O sr. eng. Baradez afirma que os portugueses não gostam de conduzir pela direita. O mesmo poderíamos dizer nós dos franceses. Mas não somos nós que o dizemos; é o ministro das Obras Públicas, Transportes e Turismo do seu país, sr. Robert Buron, que o afirmou ainda não há muito tempo, ao dirigir-se aos automobilistas franceses na véspera do feriado de 15 de Agosto, nos seguintes termos, que transcrevemos na língua original para não lhes tirar o sabor: «Vous faites moins de fautes de conduite, encore qu'il en demeure une: le Français n'aime pas tenir sa droite».

Para terminar, remetemos o sr. eng. Baradez, que temos a honra de contar entre os leitores assíduos do «Diário de Lisboa», para a transcrição que aqui se fez de um pequeno artigo publicado no «Figaro» há poucos dias, em que o sr. Philippe Bauvard dizia apenas isto: «Há dez anos que percorro as estradas da França em automóvel. Mas nunca como hoje, de Toulouse a Cannes, em seiscentos quilómetros de estrada, tive a este ponto a desagradável sensação de roçar pela morte em cada cruzamento e de arriscar a vida ao virar de cada curva... Vinte vezes, à minha frente, surgiram veículos que ultrapassavam nas lombas em terceira posição, sem possibilidade de se desviar... Repito, que tive medo».

E depois disto, venha o sr. eng. Baradez dizer-nos que os seus compatriotas têm pelo Código da Estrada um respeito supersticioso e que a prioridade é direita é um dogma que nenhum automobilista francês se atreve a discutir — e muito menos a deixar de respeitar.

Mocidade Portuguesa «Cruzeiro Gago Coutinho» a Angola

E' no próximo sábado que segue para Angola o «Cruzeiro Gago Coutinho», da Mocidade Portuguesa. A partida efectua-se às 19 e 30, num avião dos Transportes Aéreos Portugueses, que descolará do Aeroporto de Lisboa. Até ao dia da partida, os seus componentes — 43 graduados de todas as alas do continente, encontram-se instalados no Centro de Férias de Catalazete, onde decorrem, com interesse, as actividades preparatórias do Cruzeiro.

MOSCAS, TRAÇAS E MOSQUITOS

uma leve pressão...

e pronto!



... Todos são mortos em poucos segundos com SHELLTOX AEROSOL, um insecticida de acção imediata e eficaz.

SHELLTOX AEROSOL não é inflamável, nem provoca nódos.

SHELLTOX é económico, pois a concentração de produtos activos é tal que se obtém um rendimento máximo com um mínimo de despesa.

Compre hoje mesmo.

SHELLTOX AEROSOL

Crónica cinegética

(Continuação da 5.ª página)

das, por vezes no período das criações.

Entretanto, interdita-se a entrada livre, nessas pseudo-reservas, aos caçadores durante a época própria. Não se lhes consentindo sequer que cacem nessas privilegiadas propriedades o pombo bravo, ave de arribação que ao nosso País vem de meados de Outubro a Março seguinte, devorando, durante este lapso de tempo, muitas toneladas de bolota. Pois os donos das reservas preferem suportar os danos causados por estas aves a permitir que sejam caçadas, embora sob a vigilância dos seus guardiães. Alguns deles gastam mesmo somas elevadas, em foguetes destinados a afugentar os pombos, mas mantêm interdito o acesso dos caçadores à reserva.

A ausência de vigilância nos campos e a falta de educação cívica são as principais causas da destruição da caça

Abusa-se, desmesuradamente, em todo o País, devastando caça durante todo o ano e em toda a parte, desrespeitando-se a lei. Destroem-se, abusiva e criminosamente, as criações das perdizes, colhendo os ovos nos ninhos; devastam-se luras; o laço e outras muitas variedades armadilhas usam-se com profusão; caça-se, descaradamente, no tempo do defeso, à espera de salto, e no período venatório lança-se mão de todos os processos possíveis e imagináveis, sem respeito pela lei, para aumentar o número de peças de caça mortas, como a batida às perdizes, mesmo que esta modalidade de extermínio não seja consentida; organizam-se linhas, com número excessivamente superior ao permitido, de caçadores, que constituem autênticas máquinas de varrer campos.

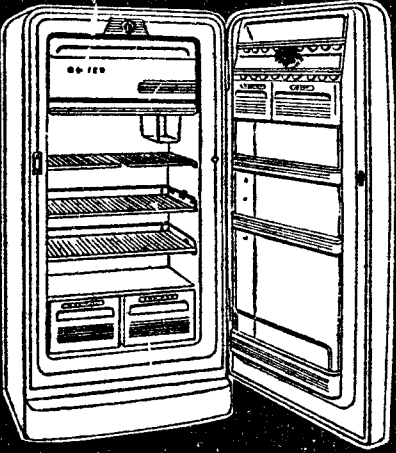
Necessário se torna, portanto, aumentar, mas consideravelmente, a fiscalização para mantendo o respeito nos campos, fazer cumprir a lei, o quantitativo de muitas cominadas no Código da Caça necessita de ser urgentemente actualizado e criadas outras penalidades como a multa elevada, perda da arma, cães, etc., pena de prisão, não remível, em caso de reincidência, etc. Se a licença de uso e porte de arma é concedida para caçar deve entender-se que a caça só poderá ser efectivamente exercida em tempo próprio. Fora desse tempo é como se a licença não existisse.

Outra causa da escassez da caça é o profissionalismo descarado que se exerce. Como não é, praticamente possível evitar que haja quem faça da caça modo de vida, ou mesmo, sendo rico, a mande vender, depois de ter levado a efeito grandes chacinadas de perdizes em batidas, deixando a desolação a pairar nas regiões onde as praticaram, que ao menos aqueles que exercem o profissionalismo paguem uma licença de custo superior às dos desportistas. Realmente, não se compreende que a licença de caçar seja de custo igual para um indivíduo que tem possibilidades de abater, durante uma época venatória, 400 ou 500 cabeças de caça, que, na sua quase totalidade, negociou, e para aquele que caçou somente 20 dias durante a época, isto é, apenas aos domingos e alguns mais dias, abatendo escassa meia centena de peças, já que, raros serão os profissionais, ricos ou pobres, de que o Sul do País está infestado e tanto mal causam à caça, que paguem ao Estado, como a lei determina, o imposto profissional ou a contribuição industrial devidos pela indústria que exercem (artigo 67.º do Decreto 23.461). Cobrar determinada taxa adicional ao custo da licença de caçar, taxa que reverteria em benefício das Venatórias, que a seu

cargo têm o encargo com o fomento e defesa cinegética não seria, parece-nos, de desprezar pelos motivos atrás aduzidos. Interditar, se possível para sempre, nos terrenos livres, a batida às perdizes deixando esta modalidade de extermínio para os coutos. Estabelecer numero apreciável de reservas, mas reservas no verdadeiro significado da palavra, e nunca reservas que sirvam para criar caça destinada apenas a alguns, de preferência, como é aconselhável, em terrenos onde a caça não possa causar danos à agricultura, que urgem defender e proteger, através de tudo. Permissão para caçar, nos terrenos livres escolhidos pelas Venatórias apenas em 3 dias semanalmente, dias que poderiam ser domingos, terças e quintas-feiras, assim se fomentando ali as espécies. Fixação de um numero máximo de peças de caça que cada caçador não poderia exceder em cada um dos dias autorizados para caçar, nessas paragens, sob pena de multa igual àquela em que incorrem os que caçarem no defeso, além da apreensão de toda a caça transportada pelo transgressor ou seus criados, caça que reverteria a favor das casas de caridade.

Estas, em resumo, algumas medidas que nos parece aconselhável ir estudando para, caso sejam reconhecidas viáveis e justas, tendo sempre em atenção o estado deploável em que se encontra entre nós a caça, serem postas em prática, quando julgadas oportunas, de uma vez ou parcialmente, ouvidos, claro, e consultados que sejam, como é lógico, os técnicos e os organismos venatórios competentes, dado que estamos, felizmente — e já não é sem tempo! — em vésperas de ver remodelada a legislação cinegética vigente, assunto de que nos ocuparemos em crónicas seguintes.

NABAIS DA CUNHA



**NA
VANGUARDA
DA TÉCNICA
ALEMÃ**

BOSCH

**7 MODELOS
DESDE 5.990\$00**

**APROVEITAMENTO
MÁXIMO**

**CONSUMO
REDUZIDO**

Hidro-Eléctrica do Douro

S. A. R. L.

RUA DO BOLHAO, 36 — PORTO
CAPITAL EMITIDO: 580 000 CONTOS

5.º AUMENTO DE CAPITAL RATEIO

Avisam-se os Senhores Accionistas, subscritores deste aumento de capital, que declararam estar interessados no rateio das acções não subscritas nos termos da alínea 3.ª das condições de subscrição desta emissão, que lhes é atribuído um quantitativo suplementar de acções, nominativas ou ao portador, arredondado por excesso, de acordo com a percentagem estabelecida no seguinte quadro:

ACÇÕES SUBSCRITAS (Tomadas firme)	TAXA A APLICAR PARA EFEITO DE ATRIBUIÇÃO DAS ACÇÕES SOBRANTES
1 a 1 804	6,1 %
1 983 a 12 257	6,05 %

O pagamento destas acções deverá ser efectuado nos estabelecimentos de crédito onde foram realizadas as respectivas subscrições, sendo a 1.ª prestação (80 %) de 25 a 31 do corrente mês e a 2.ª prestação (20 %) de 21 a 30 de Setembro próximo.

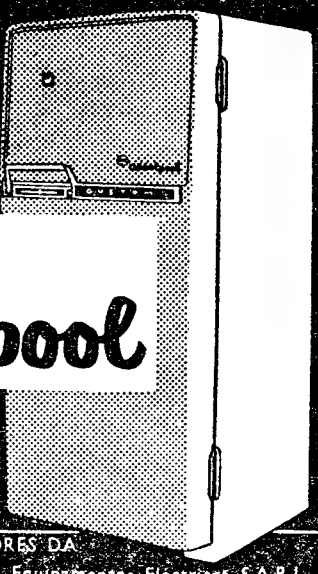
Esclarece-se que neste aumento de capital foi possível atribuir às acções subscritas a natureza (nominativa ou ao portador) indicada pelos Senhores Accionistas nos respectivos boletins de subscrição.

Porto, 20 de Agosto de 1959.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

QUALIDADE · BELEZA · DURAÇÃO

GRANDE CAPACIDADE
ECONÓMICO
LINHAS ELEGANTES
EIS O



Whirlpool

O FRIGORÍFICO DAS
PESSOAS EXIGENTES

A VENDA NOS REVENDEDORES DA
TELECTRA — Empresa Técnica de Equipamentos Eléctricos S.A.R.L.
LISBOA PORTO

Festas e romarias

NA CHARNECA DO LUMIAR — Começaram hoje, na Charneca do Lumiar, as tradicionais festas em honra de S. Bartolomeu, com arraial, feira franca e concerto musical. Amanhã, às 11 e 30, será rezada missa solene, com sermão; às 18, sairá uma procissão que percorrerá as principais ruas da freguesia; e, à noite, continuarão o arraial e a feira franca, havendo mais um concerto, pela banda de música da Academia Recreativa Musical de Sacavém. A Companhia Carris de Ferro de Lisboa assegura os transportes, com autocarros que partem do Cais do Sodré, dos Restauradores, do Campo Pequeno, da Praça do Chile e do Aeroporto.

FANHÕES — Começam hoje, às 21 e 30, com terço, pregação e bênção do Santíssimo, os festejos em honra de Nossa Senhora do Cabo. O programa de amanhã é o seguinte: às 7, alvorada; às 9, missa solene e comunhão geral; às 14 e 50, inauguração do arraial e concerto pela banda dos Bombeiros Voluntários locais; às 16, recepção à banda da Sociedade Filarmónica Recreio Alverquense; às 17, procissão; às 18, missa solene cantada; às 19 e às 21, concertos pelas duas bandas.

AROUCA — Começaram hoje e prosseguem amanhã e depois, as tradicionais festividades em honra de S. Bartolomeu, também conhecidas pelos milhares de forasteiros que a elas acorrem, de muitas partes, como festas da Rainha Santa Mafalda, cujo corpo incorrupto se conserva ali. Às 14 horas, chegou a Banda de Arouca ao recinto das festas, onde foi inaugurada a importante feira de gado; às 16, começou, nos paços do concelho, uma sessão de boas-vindas aos componentes do Orfeão de Gondomar, procedendo-se à distribuição dos prémios atribuídos aos lavradores no Concurso Pecuário de Aveiro, em colaboração com o Grémio da Lavoura; e às 21 e 30, começará

um sarau de arte, pelo Orfeão de Gondomar, seguido de um concerto pela Banda de Arouca, até à meia-noite, e de fogo de artifício. O programa, de amanhã é o seguinte: às 7, alvorada; às 10, concerto pela Banda de Arouca; às 14, concerto pela Banda de Vale de Cambra; às 15, exibição dos ranchos folclóricos Poveiro, da Póvoa do Varzim, e Rendilheiras, de Vila do Conde, e concertos pelas duas bandas referidas; às 21, arraial; às 21 e 30, novas exhibições dos ranchos e novos concertos pelas bandas; e às 24 fogo de artifício.

VIANA DO CASTELO — Hoje, terceiro dia das Festas da Agonia, houve, de manhã, a terceira feira franca. À tarde, efectua-se o Cortejo do Mar, no qual estarão re-

presentadas todas as actividades ligadas à vida marítima e fluvial do Norte do País. À noite, no Campo da Agonia, haverá o grande arraial minhoto, durante o qual será queimado o tradicional «fogo do meio». Está patente, nos antigos paços do concelho, uma exposição de cerâmica artística e decorativa da cursal da Meadela, das Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos. O programa de amanhã é o seguinte: de manhã quarta feira franca; às 15, no Estádio Dr. José de Matos, festival do traje, com cerca de 1.500 figurantes; às 17 e 30, concerto pela Banda dos Bombeiros Voluntários de S. Mamede de Infesta; às 18, tourada, com os cavaleiros João Nuncio e D. Francisco Mascarenhas e os «espadas» Afonso Sanchez e José Julio; à noite, serenata no rio Lima, concerto, exhibição de ranchos regionais, fogos do ar e aquático, cachoeira luminosa e «bouquet» monumental.

AVISO

Farmácia Pinto

R. Xabregas, 65 — Lisboa

Chama credores até 26-8-59, data realização escritura trespasse no 12.º Cartório Notarial, do Dr. Alvaro Menano, pelas 16 h. Declara o futuro proprietário não responsabilizar-se quaisquer encargos anteriores a 1-7-59.

CARLOS SALTER CID

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na AGÊNCIA CULTURAL, Av. Combatentes da Grande Guerra.

Este rapaz tem qualquer coisa de fascinante...



**ICE BLUE
AQUA VELVA**

VIDA ECONÓMICA

(Continuação da 1.ª página)

ses da O. E. C. E. já atingiu ou ultrapassou os níveis estabelecidos. Só a Islândia e a Turquia continuam a invocar a cláusula de salvaguarda do Código, que lhes permite isentar-se de tais obrigações, com motivo nas dificuldades das respectivas balanças de pagamentos.

É oportuno salientar, todavia, que Portugal é precisamente um dos países que tem levado mais longe e mais a rigor o princípio da eliminação quase integral dos contingentes restritivos do comércio inter-europeu. Em Maio de 1959 elevava-se a 93,7 por cento a proporção do seu comércio liberalizado, atingindo 88,2 por cento no sector dos produtos alimentares, 98,9 por cento no das matérias-primas e 91,7 por cento no dos produtos manufacturados. Entre os restantes países da O. E. C. E. só a Itália, com 98,4 por cento, e a Grã-Bretanha, com 95, excediam a margem fixada em Portugal para a liberalização. O nosso País tem sido, como notoriamente lhe foi reconhecido em várias circunstâncias, um dos que mais fielmente têm cumprido na prática as disposições que assumiu sob a égide da Organização.

Mas terão os nossos intercâmbios europeus beneficiado, em contrapartida, de idêntico tratamento de facto por parte dos outros países? Parece que não — pelo menos na generalidade. A eliminação dos contingentes, das restrições quantitativas, é apenas um aspecto formal da autêntica liberdade de comércio. Muitos outros factores, a começar pelos regimes aduaneiros, condicionam na realidade prática os volumes e valores do intercâmbio. E desses factores, verificados no comportamento comercial de muitos países, tem sofrido consideravelmente a nossa exportação, sem que a prática liberalizadora instituída pela O. E. C. E. a acatele de facto contra as práticas efectivas que na realidade a infringem. Ainda há pouco, no regresso das conversações de Estocolmo, o sr. secretário do Estado do Comércio aludia aos benefícios que poderão resultar para o comércio externo português da Zona de Livres Trocas, defendendo-o mais seguramente dos preços duplos, do «dumping», da cartelização e de outras práticas desleais de concorrência. As regras que vigoram na O. E. C. E. sob estes aspectos, como declarou justamente o dr. Correia de Oliveira, são de difícil aplicação prática. Apesar da largueza da nossa liberalização, do cumprimento rigoroso na letra e na forma dos princípios da liberdade comercial inter-europeia, não temos beneficiado em inúmeros casos de igual tratamento. Quase todos os países defendem pertinazmente, por vezes astuciosamente, a sua exportação. Portugal é dos raros que têm limitado o mais possível essas práticas. A nossa exportação é uma das menos defendidas e patrocinadas oficialmente, na Europa de hoje. Quando os dirigentes da O. E. C. E. se congratulam com os resultados da liberalização e as perspectivas, da sua continuidade, temos muito menos motivos do que outros para nos regozijarmos com tal facto.

O que mais importa agora ao nosso comércio exportador, em face dos horizontes imediatos, é que a Zona de Trocas Livres liberte as suas actividades dos constrangimentos a que têm sido submetidas — começando pelos seis países com que vamos associar-nos sob o signo do acordo de Saltsjbaden e finalizando, tão prontamente quanto possível, nos outros seis do Mercado Comum, pela almejada harmonização deste último com a prevista Zona.

A liberalização tem sido, sem dúvida, um dos grandes factores da expansão económica europeia, evitando a desastrosa tendência para os autarquismos que foram instrumento lógico mas fatal nas mãos dos regimes totalitários nacionalistas antes da última guerra. Mas é indispensável que a sua continuidade se traduza em mais fiel cumprimento do espírito que a informa — o da efectiva liberdade de comércio, cooperação leal entre todos os países, subordinação prática e não apenas formalista ao «modo de pensar europeu» que tem sido a nobre insígnia ideal do Château de la Muette.

FACTOS E PROBLEMAS

● O mercado inglês está a manifestar pelos vinhos de mesa por-

tugueses um interesse que não deve passar despercebido e que seria de toda a vantagem estimular pelos meios convenientes. Em 1957 exportaram-se para a Grã-Bretanha 432 mil litros de vinhos comuns produzidos em Portugal. No ano de 1958 já se elevou essa exportação a 679 mil litros. Não é muito, no panorama geral da colocação dos vinhos comuns portugueses nos mercados externos. Mas é o bastante para sugerir animadoras perspectivas, se não faltarem continuidade e forte iniciativa na acção que cumpre desenvolver em tal domínio. Vem a propósito lembrar que já no século XII os Ingleses compravam vinhos de mesa em Portugal, especialmente o famoso vinho de Monção, que gozava de grande fama nos castelos da nobreza normanda.

● Mais de três quartas partes das exportações das nossas províncias ultramarinas dirigem-se para os mercados da Europa Ocidental, mas, nessa predominância, parcela só 28 por cento tem por destino os países excluídos do Mercado Comum, confinando-se aos Seis deste agrupamento económico perto de 48 por cento. As perspectivas inquietantes que se verificariam com uma hipotética «guerra de tarifas» entre o Mercado Comum e a Zona de Comércio Livre, ultimamente concertada em Estocolmo poderiam assim reflectir-se com gravidade no comércio exportador do Ultramar português. É mais uma razão para que Portugal alinhe deliberadamente no esforço previsto de conciliação dos dois blocos que ameaçam dividir economicamente a Europa. Angola, por exemplo, coloca no Mercado Comum cerca de 25 % das suas exportações. Moçambique mais de 30 %. Cabo Verde, 90 %. a Guiné 89 %. Timor, 80 %. S. Tomé, 32 %. As perspectivas a considerar naquele caso são especialmente delicadas.

● A baixa continua das cotações do café, que já descenderam aos níveis anteriores à alta de 1953-54, está a suscitar a perspectiva de medidas draconianas na defesa desse sector económico — medidas que implicam o retorno às práticas destruidoras tão verçadas em outras épocas. O Instituto Brasileiro do Café, por exemplo, encara a hipótese de ter de arrancar-se um bilhão de pés de café no seu país. Entretanto, os cafés angolanos continuam insólidamente a suportar encargos de mais-valia neste período em que a menos-valia é a norma irremediável da comercialização do produto. E tais encargos tendem a agravar-se, como há pouco assinalava «A Província de Angola»: em Janeiro passado, 100 toneladas de café do tipo Ambriz pagavam de encargos tributários 255 contos na 1.ª qualidade, 284 na 2.ª e 321 na 3.ª; em Junho, os mesmos encargos subiam a 280 contos na 1.ª qualidade, a 310 na 2.ª e a 342 na 3.ª. Perguntamo-nos pelos meios para isso qualificados com que podem contar os cafés de Angola nas árduas perspectivas de concorrência internacional que se lhes apresentam actualmente, em face do progressivo e alarmante declínio das cotações.

● Foram estabelecidas recentemente certas disposições de incontestável amplitude para minorar a crise prolongada e não dissipada da indústria têxtil algaroiense. Criou-se o Fundo de Estabilização do Algodão, com apreciáveis recursos: eliminou-se finalmente, a cobrança de direitos de exportação sobre os fios e tecidos exportados para o estrangeiro; promoveu-se a redução de 10 % nos fretes marítimos do algodão ultramarino para a metrópole, etc. No entanto, o problema mais grave e de mais profundas raízes é difícil atacá-lo: é a deficiência do poder de compra da nossa população. O mercado interno não oferece grandes possibilidades de acréscimo dos consumos algodoiros, que não ultrapassam actualmente os 3 quilos anuais por habitante. Ora é no merca-

do interno, precisamente, que se situa o âmbito mais importante da colocação dos têxteis produzidos pela nossa indústria. Das ramas que esta transforma, cerca de 25 % são exportadas em produtos manufacturados para o Ultramar e apenas 15 % para o estrangeiro, ficando no próprio território metropolitano cerca de 60 % da produção.

● Aquilo de que mais carece o agricultor de hoje, escreveu recentemente o eng. agrônomo Henrique de Barros, é que lhe digam, ou melhor, que lhe demonstrem, onde e de que modo poderá obter maior receita e elevar assim o seu nível de vida. É disto que ele está a esperar, consciente ou inconscientemente. A revisão fundamental dos critérios de assistência técnica agrícola, tão desejada e preconizada nos sectores com mais clara consciência dos nossos primários problemas económicos, tem naquele conceito uma norma inspiradora de que não pode ignorar-se o alcance. A nossa lavoura vive na preocupação constante de não se afogar nas águas fundas das insuficiências de rentabilidade. O que mais deseja é que lhe ensinem antes de tudo a maneira de se manter a superfície — e só depois que lhe ensinem a nadar em bom estilo.

● A percentagem de mulheres empregadas nas indústrias da cortiça e considerável no nosso País, atingindo cerca de 36 % do total. No entanto, essa forma de actividade feminina é muito variável consoante os diversos ramos da produção corticeira limitando-se a 5 %, por exemplo no ramo preparador, e atingindo 75 % no ramo transformador. E esta actividade económica, no entanto, uma das que alimentam mais flagrantemente as diferenças de salários entre os dois sexos: o salário feminino cinge-se, em média, a 45 % do salário masculino. No entanto, verificou-se nos últimos anos nítida tendência para a melhoria dos salários médios nas indústrias corticeiras graças a melhores técnicas de laboração, como a de produção contínua, que evita quebras de ritmo no trabalho e na temperatura das caldeiras e fornos. Cumpre fazer partilhar pela mulher trabalhadora estes benefícios do progresso técnico e económico.

● A industrialização ultramarina é factor essencial de povoamento civilizado nas nossas parcelas africanas. Exemplo dos mais significativos é o que vai sendo dado pela indústria da celulose em Angola, que entrará em activa laboração dentro de alguns meses. No bairro residencial já construído no Alto Catumbela, anexo à fábrica, será instalado imediatamente um núcleo de mil pessoas, incluindo técnicos e operários europeus e trabalhadores indígenas com as respectivas famílias. Vai nascer, assim o maior aglomerado de população civilizada entre Benguela e Nova Lisboa — com perspectivas de desenvolvimento futuro em função de novas actividades que o núcleo urbano nascente há-de fazer surgir.

● A Cooperativa dos Produtores de Leite de Loures recolheu no ano passado 19,8 milhões de litros de leite no valor de 41.200 contos. O bônus resultante da exploração da Cooperativa atingiu cerca de 3.300 contos, que foram já distribuídos pelos associados. Além de assegurar a colocação do leite, o mesmo organismo criou e mantém uma secção de seguro mútuo de gado, que abrangia no final do ano 6.545 cabeças. Em indemnizações pela morte de animais foram distribuídos pela Cooperativa 1.117 contos. E foi por ela criado ultimamente, um serviço de informação destinado a orientar a lavoura da região para melhoria técnica e económica das suas actividades. As lições do cooperativismo agrícola, bem demonstradas neste caso, têm tardado em generalizar-se.

Diz o medico...

(Continuação da 1.ª página)

criação, a maneira de agir ou actuar, traduzindo quase sempre uma inibição ou uma perturbação na esfera motora?

O clínico geral, atraído, em regra, pelos problemas do soma, das doenças corporais e físicas, ignora o quadro e as causas da depressão. Não lhe interessa em particular a alma do enfermo, as razões perto ou distantes do sintoma ou do síndrome em questão. Em contrapartida, empresta maior importância à circunstância aguda, à pneumonia, ao enfarte do miocárdio, à tuberculose que rói e consome milhares e milhares de indivíduos em todos os países, ao cancro, às doenças infectocontagiosas, ao deficiente funcionamento de uma glândula. Que lhe importa o resto? Uma inibição não dá febre, não exige um aparelho de fractura ou uma intervenção de pequena ou grande cirurgia. Quando muito, distraído por outros grandes e aparatosos problemas, diz ao doente ou ao indivíduo que sofre: repouse, reduza ou elimine os excitantes, fume três ou quatro cigarros por dia e esmoreça, faça por olvidar tudo o que o contraria. O internista — como hoje se usa chamar ao clínico geral em meios hipercivilizados — tem função diferente a desempenhar, outras dores a combater, situações diversas a dominar.

Na depressão existe introversão, regresso à fase oral, entendimento da libido em sua extensão mais profunda (Freud).

O diagnóstico clínico, para as pessoas directamente interessadas, não é difícil de estabelecer. É mesmo simples, muito simples. O rosto do indivíduo, sua atitude e mímica, posição na vida, no agregado social e no lar, carregam em si materiais suficientes para o diagnóstico e também para o prognóstico.

A inibição delimita a exteriorização dos sentimentos ainda os mais profundos. Difícil, em todos os casos, se torna o diagnóstico das causas próximas ou remotas da depressão. Existem sintomas depressivos vulgares e patológicos; depressões endógenas e exógenas. Sem escutar, ouvir, entrar fundo no íntimo do indivíduo, sem o obrigar, através da psicoterapia ou da psicanálise, a falar, a expor as dúvidas que o assaltam minuto a minuto, torna-se impossível estabelecer com precisão e clareza o diagnóstico diferencial. Lehman, numa comunicação recente, intitulada «Conceito psiquiátrico da depressão: nomenclatura e classificações», arruma, reunindo ideias alheias, as seguintes formas de depressão num quadro elucidativo: 1.º Flutuações diurnas, agressividade intra ou extravertida (critério sintomatológico); 2.º Psicógena ou não (critério etiológico); 3.º Personalidade pênica ou não — um dos três tipos morfológicos da biotipologia humana de Kretschmer (critério somato-típico); 4.º Personalidade antes da actual (expansiva ou rígida); 5.º História e antecedentes; 6.º Alterações das paratiroides e outras; 7.º Resposta à terapêutica de choque e aos medicamentos.

A depressão, no decorrer dos tempos, de Hipócrates de Cós a Freud, teve vários nomes até ao aparecimento do notável estudo do sábio de Viena sobre as causas da tristeza e da melancolia.

Depressões, estados de tristeza e melancolia, podem ter uma causa externa, surgir de uma maneira diferente, nascerem mesmo em virtude de factos, de atitudes alheias:

que não se coadunam com o critério de lealdade, a confiança depositada no objecto amado. Nascerem mesmo e só desaparecem quando as situações se clarificam, regressam espontaneamente, sem subterfúgios, e com segurança ao estado anterior, ao amor desencontrado, à renovação da certeza que fica então a badalar para sempre.

As depressões directamente ligadas a estados mórbidos, a doenças do soma não interessam neste momento: constituem um grupo diferente.

Refiro-me em especial a um outro tipo de depressão, tristeza e melancolia, causada pelo desapontamento, pelo dúvida, pela falência de sentimentos interiores que deveriam perdurar pela vida fora, constituindo cimento de rara beleza e permanente motivo de encantamento.

Choque de duas personalidades fortes, desencontradas por razões inúteis, difíceis de explicar, ou ainda pelo desejo remoto de vingança descabida, fora de tempo, sem razão de ser.

Sabido é que o melancólico e o depressivo adquirem maior acuidade, passando a analisar e dissecar os sentimentos alheios, as palavras e os gestos, separando com rara facilidade o real do irreal, o espontâneo do premeditado e medido. Tudo, então, adquire volume, expressão diferente, desfrangendo-se com maior facilidade as divergências entre o cenário e a paisagem, entre o ser e o não ser.

Nas mulheres, esta forma de depressão exógena acompanha-se de sintomas sortidos e variados: obsessões, histeria, hipocondria, agressividade, desarrumação de problemas afectivos e já arquivados, revolta contra a pessoa amada, frequentes crises de lágrimas, e desespero, instabilidade, frustrações, comparações e desejos supérfluos, frigidez ou exagero da sexualidade, horror à luz, total incompreensão das atitudes alheias, transposição no plano afectivo, intoxicação com ideias de outrem, ainda que sejam desconexas e disparatadas.

Verifica-se também, em ambos os casos, nos indivíduos dos dois sexos, transfiguração do humor e incapacidade de conseguir a satisfação de qualquer desejo.

Mercê de modernos processos terapêuticos consegue-se hoje actuar sobre a inibição, mas pouco ou nada se obtém quanto à superestrutura do humor.

Recentemente, o «Jornal da Associação Canadense de Psiquiatria» consagrou um número especial ao magno problema da «Depressão e estados afins», volume este que arquivava as comunicações e actas do «simposio» realizado na McGill University, Montreal.

Danilo Perestrelo, na «Medicina Psicossomática», em um dos capítulos, afora o problema que incapacita muitos e muitos seres humanos.

As depressões exógenas são as mais vulgares. O motivo é exterior, uma soma de factos e de provas, de pequenas e grandes mentiras, contradições que fixam quadros que perduram.

A psicoterapia, mais do que qualquer outro recurso terapêutico, encontra-se indicada. O indivíduo que sofre tem necessidade de conversar e adquirir certezas, balizas fixas, marcos de ternura e amor. Só assim será possível obter a cura, que o mesmo é dizer: devolver o prazer da vida, reajustando a personalidade de transviada.

A. d'E.

Externato Luís de Camões

(ANTIGA ESCOLA LUÍS DE CAMÕES)

(Fundada em 1921)

LISBOA — Avenida Almirante Reis, 27

CURSO COMPLETO DO LICEU EM AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

TRABALHOS PRÁTICOS DE FÍSICA, QUÍMICA E CIÊNCIAS NATURAIS // ENSINO PRIMÁRIO // ADMISSÃO

As inscrições para os alunos menores terminam em 15 de Setembro

VEJA E OUÇA

confortavelmente instalado
O CIRCUITO DOS CAMPEÕES EM MONSANTO

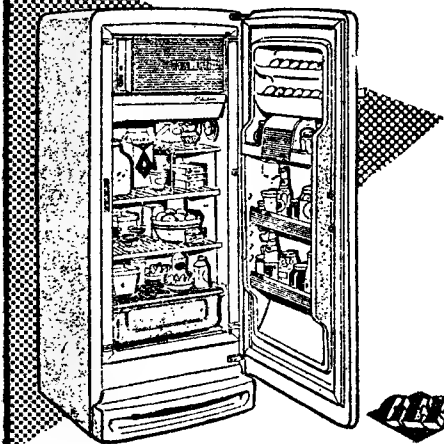
PHILIPS
RADIO-TELEVISÃO

AUTO-RADIO
TRANSISTORIZADO

VISITE OS AGENTES OFICIAIS PHILIPS

GEIado começa por GENERAL ELECTRIC

O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA



- FECHO MAGNÉTICO ETERNO
- MOTOR SILENCIOSO
- PRATELEIRAS METÁLICAS INOXIDÁVEIS
- GAVETA PARA VEGETAIS
- CONGELADOR A TODA A LARGURA
- PRATELEIRA PARA OVOS
- MANTEIGUEIRA

A VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES DA

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

BUZINAS DE AR COMPRIMIDO (COM COMPRESSOR ELÉCTRICO)



A GRANDE MARCA FRANCESA
IDEAL PARA A ESTRADA

MODELOS DE 1, 2 E 3 CAMPÂNULAS

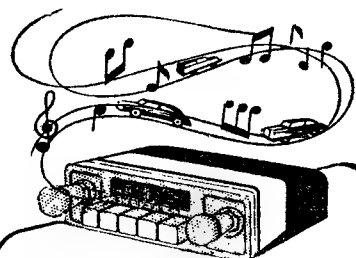
Cicca

DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:

A. M. ALMEIDA, LDA.

R. ACTOR TASSO, 24 (AO MARQUÊS DE POMBAI) - LISBOA

TELEFONES: 42421 - 41883



O PRAZER
DE VIAJAR
COM MÚSICA
com um Auto-Rádio

MODELOS AUTOMÁTICOS E DE
TECLAS COM ONDA MÉDIA,
CURTA E MODULAÇÃO DE
FREQUÊNCIA 6 OU 12 VOLTS

Refrigeração
POLAR
LIMITADA

EM QUALQUER PONTO
UM PONTO AZUL

Rua da Emenda, 66, r/c. Frente Telef. 307211

Venda de terreno, em Cascais

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que, no dia 29 do corrente mês, pelas 16 horas, no edifício dos Paços do Concelho, procederá à venda em hasta pública de um lote de terreno no Areeiro, em Cascais.

O lote, com a área de 1031 m², situado próximo da praia e com vista de mar, será posto em praça com a base de licitação de 180\$00 o metro quadrado, devendo nele ser construída uma moradia isolada com um fogo.

O seu pagamento poderá ser feito em prestações sem juros, mas não se aceitam cheques.

Cascais, 14 de Agosto de 1959.

O Presidente da Câmara,
VICTOR NOVAIS GONÇALVES

MORADIA

Linha do Estoril, do lado do mar, estilo rustico, amplas divisões, dentro de parque. Preço 1.200 c. Telef. 30703.

FORÇAS ARMADAS

Formação profissional da Força Aérea

No prosseguimento do estudo de tudo quanto se relaciona com a matéria a cargo da Direcção do Serviço de Intendência e Contabilidade da Força Aérea e ao aperfeiçoamento dos métodos aplicados, efectua-se amanhã, pelas 10 horas, no Subsecretariado de Estado da Aeronáutica, o novo encontro de formação profissional, que versará, especialmente, o estudo e discussão de casos concretos relacionados com: vencimentos, alimentação, fardamento, combustíveis, organica e funcionamento dos Conselhos Administrativos, autonomias e competências administrativas, Regulamento de Disciplina Militar, Código de Justiça Militar e organização geral da Força Aérea.

Alferes milicianos da Administração Militar

Pelo 2.º Grupo de Companhias de Administração Militar foi feito convite aos alferes milicianos do S. A. M. do Q. C. na disponibilidade, que desejem prestar serviço no Conselho Administrativo da Direcção do Serviço de Administração Militar. As declarações deverão dar entrada naquela unidade até amanhã.

Juramento de bandeira de soldados-cadetes da Milícia

ESPINHO, 22.—Amanhã, às 10.30, efectua-se no quartel do Grupo de Artilharia Contra-Aeronaves n.º 3, em Paramos-Espinho, o juramento de bandeiras dos soldados-cadetes do 5.º Curso Especial de Preparação Militar da Milícia da Mocidade Portuguesa, seguindo-se um almoço na messe daquela unidade.

Dois homens colhidos pela mesma camioneta

Muito contusos e com fracturas, recolheram à Sala de Observações do Hospital de São José os jornalheiros Manuel Marques, de 46 anos, e Jorge Canastra, de 62, residentes, respectivamente, em Coima e em Penalva (Barreiro) que, quando seguiam, pela bermã da estrada, na primeira daquelas localidades, foram colhidos por uma camioneta.

Clube de Futebol «Os Belenenses»

AVISO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Nos termos do art.º 37.º e ao abrigo do art.º 40.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral a reunir, em sessão extraordinária, no edifício do Estádio do Restelo, às 20.30 horas, do dia 31 do corrente, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- eleição dos membros do CONSELHO GERAL para o triénio de 1959/61;
- apreciação, discussão e votação da nova redacção do art.º 55.º, § único do art.º 56.º e do art.º 64.º do Estatuto do Conselho de Administração do Estádio do Restelo.

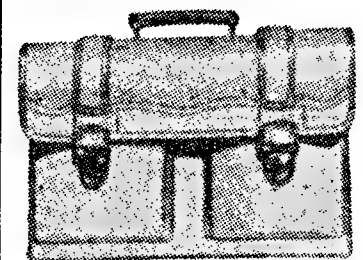
Se à hora designada não estiver presente o numero legal de associados para que a Assembleia possa funcionar, reunirá esta uma hora depois com a presença de qualquer numero de sócios.

Lisboa, 18 de Agosto de 1959.

O PRESIDENTE DA MESA DA
ASSEMBLEIA GERAL

a) António Julio Castro Fernandes

PASTAS



30 anos de fabrico todos
modelos fornece ao comércio
A Comprido—R. Madalena 97

Sociedade «ESTORIL»

Venda de bilhetes para os comboios dos domingos

Esta venda começa-se a fazer aos sábados na estação do Cais do Sodré, a partir das 12 horas, até aviso em contrário.

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Agosto de 1929 dava notícia da inauguração de uma exposição de trigo na Estação Agrária Nacional de Belém, com a presença do Chefe do Estado e do ministro da Agricultura, e dizia: «Também para activar e realizar a Campanha do Trigo, iniciada pelo nosso jornal numa série de entrevistas com lavradores e técnicos, reuniu no Ministério da Agricultura a Junta Central presidida pelo ministro Congratulamo-nos com todas estas actividades e desejamos que elas nos conduzam ao belo ideal de nos bastarmos, dispensando a importação de trigo que tanto agrava a nossa balança económica».

EFEMÉRIDES

No dia 22 de Agosto de 1642 foi por Carlos de Inglaterra declarada guerra aos Puritanos.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio rural; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra Kaempfort; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Música de jazz; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores, Noticiário; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para trabalhadores. No intervalo, «Terras de Angola»; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Palestra por Maria de Carvalho; 19 e 10: Continuação da «Transmissão Integral dos Concertos Brandeburgueses», de Bach, Concerto n.º 2 em fá maior, pela Orquestra do Festival de Prates, dirigida por Casals; 19 e 23: Canções folclóricas húngaras, de Bela Bartok; 19 e 30: Os grandes violinistas: Jascha Heifetz, no «Concerto n.º 8», de Spohr, com a Orquestra Sinfónica da R. C. A. Victor, sob a direcção do maestro Solomon; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Quinto programa do Festival Sibelius, realizado em Helsinquia em 1959; «Sinfonia n.º 7», de Sibelius, pela Orquestra da Cidade de Helsinquia, dirigida pelo maestro Hannikainen; o «Concerto em ré menor», de Sibelius, para violino e orquestra, por Tossy Spivakovsky e a mesma orquestra; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: «Canção do Destino», de Brahms, pelo Coro de Motetes de Berlim e a Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida por Fritz Lehmann; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: Ciclo «Sonata»: Sonata n.º 3, de Kabalewsky, por Vladimir Horowitz; 22 e 20: Cartas a um músico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir?; «Outono», da Oratória; «As Estações», de Haydn, por Trotschet, Josef Greindl, tenor Walter Ludwig, Coro da Rias de Berlim e Coro de Santa Edwiges, e a Orquestra Sinfónica de Berlim, sob a direcção de Ferenc Fricsay; «Sinfonia Espanhola», de Lalo, pela Orquestra Sinfónica da R. C. A. Victor, sob a direcção de Steinberg; solista Jascha Heifetz; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Jornal feminino; 19: Variedades; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 30: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Orquestras e canções; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Baile; 22 e 15: Solistas; 22 e 30: Cantares de Espanha; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 30: Contos, humor e fantasia; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — A's 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Artistas gaticos; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 15: Pequeno concerto; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Trechos de ópera; 19 e 25: Leitura do programa; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: Guitarradas; 20: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As últimas novidades; 21 e 30: Fados; 21 e 50: Vida rural; 22 e 20: Orquestra sinfónica; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Música e canções de fim de semana.

TELEVISAO

Hoje, às 21, abertura: 21 e 2, «O que vai pelo Mundo»; 21 e 10, «A aranha» (filme cultural); 21 e 20, João Villaret, produção e texto de Nelson de Barros, acompanhamento ao piano por Carlos Villaret; 21 e 45, «Momento musical», recital de guitarra clássica pelo prof. Dimitri Fampas, do Conservatório de Atenas; 22 e 5, «O Improviso do Barba Azul», de Pierre Barbier, versão livre de Luís Francisco Rebelo, interpretação de Carlos Wallenstein, Sales Ribeiro, Beatriz de Almeida, Canto e Castro, Armando Cortez, Andrade e Silva, Carlos Mendes Rose e Teresa Mota; 22 e 30, «Tele-Desporto»; 22 e 50, «Jornal R.T.P.»; 23, transmissão directa de um espectáculo de «musi-hall» do Casino Estoril — com Bárbara, António Rossano e o Ballet Les Demoiselles de Paris, acompanhamento pela orquestra de Ferrer Trindade; 23 e 45, encerramento.

CONFERENCIAS

O sr. Luciano Silva dará uma lição pública de português prático, às 21 e 30, depois de amanhã, na Rua de Vitor Cordon, 14-2.º, em base amena, com profusão de exemplos colhidos em conferências, lições, livros, revistas, jornais e no trato familiar, na qual permitirá a cooperação dos ouvintes.

O seu trabalho intitula-se «Erros da fala e escrita comuns».

FESTAS ASSOCIATIVAS

Realiza-se esta noite uma sessão de bailes e variedades, na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo.

FARMACIAS DE SERVIÇO

FURNO 1.º — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E. Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica 466-A. Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B. Tel. 780511; Santa Cruz — Rua n.º 15, à Av. Gomes Pereira, n.º 2-A. Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B. Tel. 780441; Prates & Mota — Rua da Beneficência (ar. Rego) 91. Telefone 773728; Patuleia Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124. Tel. 779332; Ca Brita — Campo Grande 220-222. Tel. 772397; Al. Avenida da Igreja, 9-D. Tel. 778380 Lusitana — Avenida de Roma, 18-A. Tel. 725443; Chinje — Rua Agostinho Lourenço, 6-B. Tel. 710331; Miguel — Praça Francisco de Moraes 1. Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena 9-C (frente ao Bairro Social) Arco do Igo Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar, 69-71. Tel. 47213; Correla de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C. Tel. 47385; Sá da Bandeira — Rua Marques Sá da Bandeira 36. Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefânia 4-5. Tel. 54808; Ascensos. Lda. — Rua J. iote 48. Bairro da Encarnação. Tel. 388172; Freitas — Rua Zofimo Pedroso 11-13. Tel. 381138; Mariuz — Calçada do Picheleira 140-B/C. Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36. Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39. Tel. 23326.

A semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS. — Estão a pagamento, durante o corrente mês, com juros da mora, os seguintes:

Contribuição Industrial. — A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a segunda, terceira e quarta prestações dos divididos em quatro; a terceira dos divididos em quatro na hipótese de ter sido paga a segunda.

Contribuição Predial. — A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a segunda, terceira e quarta prestações dos divididos em quatro; a terceira dos divididos em quatro na hipótese de ter sido paga a segunda.

Imposto Profissional. — Profissões Liberais e Assalariados. — A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a segunda, terceira e quarta prestações dos divididos em quatro; a terceira dos divididos em quatro na hipótese de ter sido paga a segunda.

Imposto Profissional. — Empregados. — A segunda prestação semestral.

Imposto Complementar. — Todo o imposto se a importância liquidada for inferior a dois mil escudos, ou a primeira prestação quando de quantia igual ou superior a esta importância.

TAXA MILITAR. — A anuidade do ano de 1959 que não foi paga até ao fim do mês de Maio, com taxa simples, isto é de sessenta es-

862909. Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque RSV. Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis, 199-A. Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel, 6-10. Tel. 50593; Guerra — R. Andrade, 32-6. Tel. 845513; Higienica — Rua Heitor Salgado 20-A. Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153. Tel. 683438; Salutar — Rua B. 75-A/B. Bairro da Liberdade Tel. 683694; Amoreiras (Das) — Praça das Águas Livres, 8-D. Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia 514. Tel. 687949; Linada — Rua Ferreira Borges, 30. Tel. 660955; Conflança — Praça das Flores 59, Telef. 27901; Alb — Rua Santana, à Lapa, 156. Tel. 663562; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52. Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222. Telef. 638256; Botânico-Química Lda. — R. da Junqueira 38-40. Tel. 638132; Ester Noqueira — Rua de Alcantara 5-A. Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24. Tel. 663117; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta 15-A-B. Telefone 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12. Telefone 860464; Simões Pires — Rua da Prata 115. Tel. 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova 10 Almada, 71. Tel. 30521-A; Celta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 710621.

CARTAZ DO DIA

TEATROS
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «O baile».
COLISEU — A's 20 e 45 e às 23 — «Há fei-a no Coliseu!».

CINEMAS
TIVOLI — «Da ambição ao crime».
S. JORGE — «Os 4 gatos pingados».
IMPERIO — «A rapariga da Praça de S. Pedro».
MONUMENTAL — «Escândalo em Ischl».

EDEN — «Em guarda contra a injustiça».
POLITEAMA — «Vício de matar».
ODEON — «Pepe, o bravo».
CONDES — «O preço do medo».
ALVALADE — «Aliança de aço».
AVIS — «Os amantes do deserto».
CAPITOLIO (No terraço) — «O bobo da corte».

RESTELO — «A morena ardente».
OLIMPIA — «Blood, capitão pirata».
PAVILHÃO — «Lanceiros da Índia».
JARDIM — «Paixões sem freio».
IDEAL — «Drama no arrozal».
PROMOTORA — «Totó, Fernand e a lei».

ESPLANADA PORTUGALIA — «A família Trapp na América».

CAMPOLIDE — «Lavadeiras de Portugal».

HORAS DAS MARES

PRELA-MAR
Dia 22 — 18 e 50 (4m,07). Dia 23 — 7 e 17 (3m,82); 19 e 30 (3m,83). Dia 24 — 7 e 54 (3m,61); 20 e 12 (3m,57).

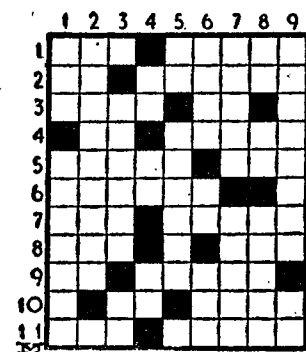
BAIXA-MAR
Dia 23 — 0 e 38 (1m,06); 12 e 42 (1m,13). Dia 24 — 1 e 16 (1m,25); 13 e 22 (1m,36).



No festival de Cazalla de la Sierra reapareceu, na plenitude da sua arte e das faculdades, o finíssimo matador de touros Manolo Gonzalez, triunfante ao lado de José Trinchera, os dois «diestros» que com o famoso Pepe Vazquez e o nosso compatriota Francisco Mendes, tomam parte na organização da Casa da Imprensa, na noite de 3 de Setembro, no Campo Pequeno.

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 1693



HORIZONTAIS: 1 — Resonância. Judeu do séc. III AC., que fundou a seita dos Saduceus. 2 — Interjeição de admiração ou ironia. Com calos. 3 — Trabalho oculto. Avista. 4 — Escarnece. Físico e político francês, deputado à Convenção, que Carlota Corday assassinou. 5 — Com asas. Actual. 6 — Republica da América Central. 7 — E o resto. Cábria. 8 — Recusa. Pronome pessoal. 9 — Ermo. Viagem sem rumo. 10 — Prefixo de negação. Líquido gorduroso. 11 — Tangede Devotos.

VERTICAIS: 1 — Aqui está. Anexos. 2 — Pantomineiro. 3 — Nome de uma cidade, de um rio e de uma serra do Estado de Paraíba (Brasil). Seguida. 4 — Aqui. Concede. Preposição. 5 — Sada. Preto meio civilizado pelo contacto com os portugueses e que volta ao sertão. 6 — O apontar da manhã. Parecência. Rilha. 7 — Causara dor. Evapore. 8 — Artigo (pl.). Símbolo químico da prata. Branquear. 9 — Canções. Artigo (pl.).

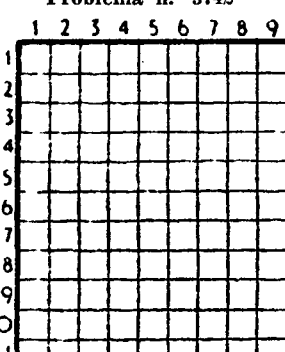
Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o Provérbio nele inserido.

Solução do problema 1692

HORIZONTAIS: 1 — Nalalai. 2 — A. VELHICE. 3 — Id. Rio. Ti. 4 — Sciva. Roa. 5 — Sei. Pé. 6 — En. Toque. 7 — Já. Ar. Ulm. 8 — Nas. Are. E. 9 — Odíáveis. 10 — Tonta. MAL. 11 — Sorraia.

VERTICAIS: 1 — Ais. Anota. 2 — DESEJADO. 3 — Vá. Ien. Sins. 4 — Servi. Ato. 5 — Alia. Travar. 6 — Lho. Pó. Ré. 7 — Al. Requeima. 8 — Icto. Ul. Sai. 9 — Seia. Eme. Lá. Provérbio: A VELHICE É MAL DESEJADO.

(NOVA MODALIDADE)
Problema n.º 3742



HORIZONTAIS: 1 — Cidade da antiguidade á beira do Eufrates. 2 — Irra! Cabo da Costa de Portugal. 3 — Pequeno poema lírico para ser posto em musica. 4 — Utensílios de padeiro. Nome de mulher. 5 — Parte do Mundo em que fica o Paquistão. Garantia de pagamento de uma letra dada por terceira pessoa. 6 — Doutor. Nome de uma letra. 7 — Inflexão de voz. Pronome pessoal. 8 — Céu. Procedi. Reis. 9 — Origem. Saca. 10 — Serra de Portugal. Lavrai. 11 — Pregam. Nome de uma flor.

VERTICAIS: 1 — Símbolo químico do bário. Parceiro. Jarro (planta). 2 — Arrostas. Atraçoar. 3 — Grande quantidade de brasas. Cólera. 4 — Moeda japonesa. Depósito de mercadorias. 5 — A ti. 6 — Mas. Receber. 7 — Insigne. Peixe de água doce. 8 — Levantada. Penhor. 9 — Em partes iguais. Naquele lugar. Peça de vestuário feminino.

Solução do problema n.º 3741

HORIZONTAIS: 1 — Arca. Tapa. 2 — Bem. Ter. 3 — Ladrão. 4 — Co. Roa. Ar. 5 — Aru. Ata. 6 — Elo. Agi. 7 — Som. Ala. 8 — Eu. Sor. As. 9 — Arcos. 10 — Tem. Amo. 11 — Alão. Cola.

VERTICAIS: 1 — Abica. Seta. 2 — Ré. Oreou. Ei. 3 — C. M. L. Ulm. Ama. 4 — Ar. Sr. 5 — Idos. Doca. 6 — Rã. Ró. 7 — Ata. Agá. São. 8 — Pé. Atila. ML. 9 — Arara. Assoa.

Esplanada do Rato

Única no género em Lisboa
COZINHA A PORTUGUESA
R. S. FILIPE NERY 23

O «Diário de Lisboa» vende-se em Loures na agência de Natalino Neves

Cintos de crocodilo

Suíços

TORRE EIFFEL

104 — Rua do Carmo — 106

O casamento na Noruega do filho do milionário americano com a filha de um merceeiro

(Continuação da 1.ª página)

be que a criada da cozinha estudava arte e música num curso nocturno.

Quando Ana Maria regressou, em Abril, à Noruega, falando com fluência o inglês, que fora a razão principal da sua ida para os Estados Unidos, os dois jovens já estavam mais ou menos prometidos. Quando se anunciou o noivado, ambos se transformaram aos olhos do Mundo nas personagens românticas de uma das mais belas histórias de amor dos tempos modernos.

As prendas do pai Rockefeller

O pai do noivo chegara ontem, ao fim da tarde, ao aeroporto de Kristiansand, acompanhado de suas filhas Ana e Maria. Foi a primeira vez que viu a futura nora depois que ela deixou o serviço de sua casa. Abraçou-a e beijou-a, declarando: «Esta é a nossa segunda nora escandinava e, a ajudar pela primeira, estamos encantados». A esposa do filho mais velho de Rockefeller, Rodman, é descendente de Noruegueses.

Ana Maria, que foi esperá-lo ao aeroporto com o pai e o noivo, estava muito sorridente e bem disposta. Cerca de seiscientos lavradores das redondezas aglomeravam-se no aerogare, e cem fotógrafos e jornalistas quase atropelaram o governador, quando este desembarcou do aparelho que fretara em Amsterdão.

Rockefeller só hoje, antes da boda, entregou ao filho e a «Mia» os presentes que lhes trouxe de Nova York — botões de punho para Steven e um relógio de pulso de ouro, para a futura nora. Falando, esta manhã, com os jornalistas confessou não ter ficado surpreendido quando seu filho anunciou o noivado com a antiga criada da família. Embora se esforçasse por afastar as questões políticas, a insistência dos homens da imprensa conseguiu arrancar-lhe algumas respostas lacónicas.

Ao ser-lhe perguntado se tencionava candidatar-se à Presidência dos Estados Unidos, respondeu que não. Acrescentou, porém: «No entanto, por várias vezes tenho dito que posso reconsiderar a minha atitude, sob certas condições». Reafirmou o seu desejo de não procurar obter a nomeação do partido Republicano para figurar como vice-presidente na mesma lista com Nixon.

Sobre os planos do filho revelou que Steven tem admitido a possibilidade de trabalhar no Centro Rockefeller. «Nada me daria maior prazer», observou.

Os noivos passam a lua-de-mel nos Estados Unidos, devendo partir amanhã, de avião. Rockefeller declarou ainda que convidou os pais de Ana Maria e a irmã para visitarem os Estados Unidos, pois quer «retribuir-lhes, de algum modo, a sua hospitalidade».

Entretanto, a Imprensa de Sogne alcançou de «Centro Rockefeller» o hotel em que se acham hospedados.

PENTATLO MILITAR

ESTOCOLMO, 22. — O sueco Stig Lekberg ganhou o Campeonato Mundial do Pentatlo Militar.

A Suécia obteve também o primeiro lugar na classificação por nações. — (F. P.).



dos seis membros daquela família, que vieram assistir ao casamento» — (A. N. I.).

Casamento de príncipes em perspectiva?

OSLO, 22. — O casamento de Anne-Marie Rasmussen, a filha do merceeiro de Soegne, com Steven Rockefeller, que a Imprensa norueguesa trata por «príncipe herdeiro da família real americana», será seguido de outro casamento, este verdadeiramente real, que encherá de alegria todos os Noruegueses?

Assim, pelo menos, o dá a entender o «Verdens Gang», anunciando a chegada da princesa Sofia da Grécia, em 29 de Agosto, a Oslo para uma visita de carácter particular. Fala-se, a propósito, do príncipe Harald, de 23 anos, herdeiro da Noruega, e o jornal anuncia mesmo que este dará com a jovem e linda princesa, de 19 anos, um longo passeio pelos fiordes, no novo «5 metros 50» em que costuma entrar em regatas.

A princesa Sofia, que será acompanhada pela família real grega, habitará durante a sua estadia em Skaugum, a residência de Verão do rei Olav, situada nas colinas à beira mar, a 30 quilómetros de Oslo.

Há muito tempo já, os jornais da Noruega puseram a hipótese de o príncipe Harald se casar em breve com a «libertaria» a irmã, a princesa Astrid, de 27 anos, «que assumiu o dever de ficar solteira enquanto não houver ninguém para desempenhar o papel de primeira dama do país».

Com efeito, depois da morte da princesa Maertha, esposa do rei Olav, é a princesa Astrid quem ajuda o soberano. — (F. P.).

O V circuito Internacional de Monsanto

Vinte carros alinharam para a «Taça Cidade de Lisboa»

A tarde de hoje foi destinada à competição dos carros de turismo, grande turismo e «sport», estando em despiques as taças «Cidade de Lisboa» e «Secretariado Nacional da Informação».

O transito dentro do circuito foi cortado às 15.30 horas e a partir de então o publico começou a afluír mas em menos escala em relação aos anos anteriores.

Ao redor do perímetro do circuito que mede 5.400 metros, estavam pequenos cachos humanos esperando a todo o momento o início das provas.

A Imprensa, desta vez, não foi convidada a dar a volta ao circuito, para se ajuizar das dificuldades do trajecto, sabendo-se, porém, que o pavimento foi beneficiado em diversos locais.

Após a volta de encerramento feita pelas entidades oficiais, os concorrentes que vão disputar a taça «Cidade de Lisboa» destinada a carros de turismo, alinharam da seguinte forma:

1.ª LINHA — João Posser de Andrade, Manuel de Castro e Carlos Faustino.

Escola de Enfermagem do Hospital de Santa Maria

MATRICULAS

Estão abertas as inscrições para o Curso Geral de Enfermagem — Sexo Feminino — até 20 de Setembro.

As candidatas com o 2.º ciclo ou equivalente são dispensadas do exame de aptidão.

As alunas são recebidas em Lar e podem ser-lhes concedidas bolsas de estudo.

Pedir informações à Secretaria — Av. 28 de Maio, Lote 3, ou pelo telefone 774022.

550 milhões de ratos no Brasil

S. PAULO, 22. — O professor Antônio Cavalcanti, membro da III Convenção Paulista de Avicultura, fez uma revelação sensacional: existem no Brasil 550 milhões de ratos, número que representa a média de 8,6 ratos por pessoa. — (L.).

Os peronistas atribuem ao Governo a situação caótica

em que o país se encontra

BUENOS AIRES, 22. — O Conselho de Coordenação do Peronismo protestou, num comunicado publicado ontem, contra a decisão do Governo argentino, de não autorizar a reorganização do Partido Peronista.

O comunicado declara, nomeadamente, ser o Governo Frondizi responsável, «pela situação caótica em que se encontra a Argentina», precisamente porque não permite a um partido maioritário prosseguir nas suas actividades legais.

O documento faz o processo da política governamental tanto no domínio económico e financeiro como social. — (F. P.).

1.100 MULHERES

presas na África do Sul

JOANESBURGO, 22. — O número de mulheres presas na província de Natal (África do Sul), desde há uma semana, ultrapassa 1.100. A noite passada, em Colenso, um grupo de mulheres, agitando mocas, manifestou-se de frente de uma cervejaria e só dispersou quando apareceram três carros blindados. — (F. P.).

Inscreveram-se já 471 jornalistas para fazer a reportagem da visita de Kruchchev aos Estados Unidos

WASHINGTON, 22. — Nikita Kruchchev dará uma conferência de Imprensa no dia 16 de Setembro, que será transmitida para todo o país pela Rádio e pela Televisão. As perguntas formuladas pelos jornalistas não estão sujeitas a qualquer espécie de censura prévia, como aconteceu quando Frol Kozlov assistiu a um almoço no Clube da Imprensa.

Até agora já há 471 jornalistas inscritos para fazer a reportagem total ou parcial da visita de Kruchchev. Destes, 193 pediram autorização para acompanhar o chefe do Governo russo durante toda a sua viagem. Contudo, a Casa Branca e a Secretaria de Estado não pensam autorizar todos estes jornalistas, pois será colocado apenas um avião à disposição da Imprensa e os lugares não chegarão para todos os que pediram. — (A. N. I.).

A Federação dos Sindicatos estará ausente

WASHINGTON, 22. — O senador Thomas Dodd, democrata, felicitou o conselho consultivo da A. F. L. - C. I. O., organismo que fiscaliza todos os sindicatos operários do país, por haver tomado a decisão de rejeitar quaisquer contactos com Kruchchev durante a sua passagem pelos Estados Unidos. «Os trabalhadores norte-americanos mostraram a nossa sociedade qual o caminho a seguir», acrescentou.

Em contrapartida, Adlai Stevenson aplaudiu o intercâmbio russo-norte-americano mas manifestou estranheza pela «abrupta reviravolta» de Eisenhower, que contradiz a política adoptada por Foster Dulles. Advertiu, também, que não se esperassem soluções drásticas dos problemas internacionais nestes entrecantos.

A directora e editora de «Newsday», que se publica em Long Island, Alicia Patterson, pediu, por seu turno, ao vice-presidente Richard Nixon que reitasse perante a convenção da Legião Americana na próxima semana, o apelo que fez à sua chegada da Rússia, para que os Estados Unidos recebam

com cortesia o chefe do Governo moscovita, tal como os Russos o haviam acolhido. «Preocupa-nos a recepção que o presidente do Conselho russo possa ter no nosso país» — comentou. — (A. N. I.).

A opinião do «New York Times»

NOVA YORK, 22. — Comentando a decisão do conselho executivo da A. F. L. - C. I. O., de não «participar nas honras» que serão prestadas a Kruchchev, o «New York Times» escreve esta manhã que, conforme pensam os três vice-presidentes da Federação que votaram contra esta decisão o facto de se encontrarem com Kruchchev não era forçosamente uma honra para ele.

«De facto, seria exactamente ao contrário», escreve o jornal — isso daria aos «leaders» sindicais uma oportunidade de dizer a «K», conforme disseram a Mikoyan em Janeiro passado, o que os trabalhadores americanos pensam do comunismo e das actividades comunistas nos Estados Unidos, e mostrar-lhe como é extraordinariamente deformada a ideia que ele faz da vida americana. — (F. P.).

Um senador democrático critica do Governo

WASHINGTON, 22. — O senador democrático Hubert Humphrey declarou no Senado que o Governo americano se cobria de ridículo ao recusar o «visto» de entrada nos Estados Unidos ao professor Morgens Fog, distinto neurologista dinamarquês, que devia representar o seu país no Congresso Médico Internacional de Chicago.

Com efeito, segundo a Secretaria de Estado, o professor Fog, como comunista de longa data, não poderá ser autorizado a entrar nos Estados Unidos.

O senador Humphrey declarou «ser realmente estranho e singular recusar-se o «visto» a um cidadão estrangeiro com o pretexto de que é comunista, quando o bolchevista n. 1, Kruchchev, pode vir aos Estados Unidos e até jantar com o presidente». — (F. P.).

A questão de Goa no Tribunal da Haia

(Continuação da 1.ª página)

Ugon, do Uruguai; Feodor Ivanovich Kojevnikov, da Rússia; «sir» Hersch Lauterpacht, da Inglaterra; Lucio Moreno Quintana, da Argentina; Roberto Cordeva, do México; Wellington Koo, da China Insular; Jean Spiropoulos, da Grécia, e «sir» Percy Sender, da Austrália. Havia mais um juiz, José Gustavo Guerrero, do Salvador, que morreu em Nice a 25 de Outubro do ano passado e cujo lugar continua vago.

Julga-se que as Nações Unidas vão eleger um sucessor até ao fim do mês. Em todo o caso, ele não tomará assento no Tribunal que julgará a disputa entre Portugal e a União Indiana. Só poderá intervir activamente em litígios que sejam apresentados depois da sua eleição.

Na disputa sobre os enclaves de Dradá, Praganá e Nagar Aveli, o Tribunal será ampliado com dois juizes «ad hoc», visto que nenhum dos litigantes está, presentemente, representado na sua constituição regular. Estes dois juizes, dr. Mahmud Currim Chagla, pela União Indiana, e dr. Manuel Fernandes, por Portugal, já haviam tido assento no Tribunal, por ocasião das objecções preliminares da União Indiana quanto à competência do Tribunal, em 1957.

ANTÓNIO SEGNI visita Adenauer

ROMA, 22. — O presidente do Conselho, António Segni, partiu esta manhã, do aeroporto militar de Centocelle, para Milão, de onde irá para Cadenabbia, nas margens do Lago de Como, a fim de visitar o chanceler Adenauer, que está ali a passar as férias. — (F. P.).

Desconhece-se, por enquanto, a ordem por que tomarão assento os catorze juizes regulares e os dois juizes «ad hoc». Contudo, segundo as normas, devem agrupar-se em redor do presidente e do vice-presidente, que ocupam o centro da mesa, dispondo-se por ordem de antiguidade do seu cargo naquele Tribunal. Isto significa que a ausência de um dos membros por doença pode motivar uma alteração total do dispositivo.

Por outro lado, desconhece-se ainda oficialmente qual a composição das duas delegações que devem expor os respectivos argumentos perante o Tribunal. Já foi estabelecido, porém, que os principais advogados de Portugal serão o prof. Galvão Teles, de Lisboa, e o prof. Maurice Bourquin, suíço, tal como na audiência de 1957.

Consta que a União Indiana contratou os serviços do prof. Henri Rolin, jurista belga que já defendeu muitas causas no Tribunal da Haia. Portugal, como autor, inicia os debates. — (A. N. I.).



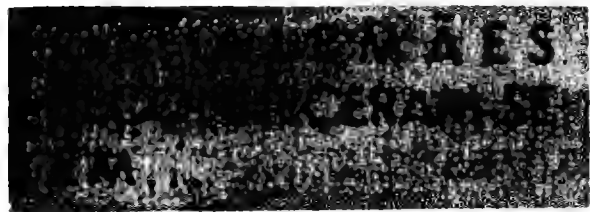
TERMAS DE CALDELAS

tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos

Abertas de 1 de Junho a 10 de Outubro



magazine



...OS PRIMOS

O filme «Os Primos», de Claude Chabrol, ganhou o «Urso de Ouro» no certame de Berlim Ocidental. O público alemão mostrou-se, tal como o francês, americano ou o italiano, ávido de realismo lírico. Os jovens alemães reconheceram-se em Jean-Claude Brialy, que desafia os exames, o amor e o triunfo — e em Juliette Meyniel, que se esforça por vencer em qualquer destes, mas perde piedosamente.

Também as jovens alemãs se reconheceram em Juliette Meyniel, perdida no maquis de Saint-Germain-des-Prés, passando de mão em mão, passiva, submissa, tanto pronta a recusa como ao dom, mas incapaz de formular um o outro.

A terrível cena do «surprise-party», de Jean-Claude Brialy, com um bone de oficial alemão, declarando, de vela em punho, versos alemães — causou arrepios aos Alemães. De alegria ou de horror? Como saber? Calaram-se e, terminado o filme, aplaudiram. Também não reagiram quando o mesmo Jean-Claude acorda, de revólver na mão, o jovem estudante judeu, caído no chão, urrando injúrias em alemão. Seguiram a cena num silêncio mortal e, no fim, aplaudiram.

Ter-se-iam reconhecido 100 % em «Os Primos»? O prémio com que o galardão é um forte indicíu.

«Os Primos» não foi, porém, o único filme francês a entusiasmar os Alemães neste festival de Berlim-occidental. Entretanto notaram-se no mesmo festival mais três grandes fil-



mes: um japonês «A fortaleza escondida», outro argentino «A queda» e finalmente um alemão: «O resto é silêncio».

O primeiro é da autoria do maior realizador japonês, Akira Kurosawa, a quem se devem filmes como «Rashomon» e «Os sete samurais». É uma obra extraordinária que lembra Shakespeare e Bertolt Brecht.

«A queda» do mesmo realizador de «A casa do anjo», deve-se a Leopoldo de Torse Nilsson. É mais um fil-

me verdadeiramente notável sobre a infância, os seus mistérios, a sua poesia.

«O resto é silêncio» é uma paráfrase actual do Hamlet. A cena passa-se no Ruhr. O pai de Hamlet, por exemplo, é um comerciante de canhões, amigo pessoal de Hitler.

Ao festival não concorreram nem a Rússia nem as Democracias Populares. Guerra fria... Entretanto abriu-se em Moscovo o L. Festival do Filme.

VIAGEM A MARROCOS

Rabat é a cidade dos palácios, das cegonhas e das flores — buganvílias de todas as cores, jasmims e o loureiro cor de rosa escorrem por todas as paredes. É a cidade na qual o turista, logo á chegada, visita a Casba dos Oudaia, espécie de convento fortificado, velho de oitocentos anos, e murmura, em êxtase, diante do seu jardim azul, o ditado marroquino:

Três coisas expulsam o tédio do coração: a água que corre, a verdura e a vista de uma bela obra.

Mas quem em torno desta cidade de sonho, quer ao redor de Salé ou Casablanca encontrar sempre imensas «bilouilles» (bairros da lata), de aspecto desolador. Percorri as de Salé, cujas filas de cabanas de madeira, de cartão, de palha, ou de folha parecem não mais ter fim. Lá dentro trabalham artífices e os vendedores de fruta oscilam pelas ruazinhas, cinzidos por enxames de crianças. Há dois anos, construíram para estes uma escolazinha e nada mais comovedor que ver, em duas salas minúsculas, um professor árabe, extremamente jovem, ensinar as primeiras letras a uns sessenta garotitos de faces cavadas e olhos brilhantes.

Não longe daí, uma mulher muito magra, mas de espantosa beleza,

(Continua na 3.ª página)

A DESCOBERTA DUM MUNDO DESCONHECIDO (1)



História do nosso Globo. Mas o homem, impotente, não pôde ainda decifrá-la.

Em 1934, um médico americano, o dr. William Beebe, pareceu encontrar solução para o problema.

Este homem audacioso decidiu lançar-se na aventura extraordinária que é uma viagem ao fundo dos

Não é paradoxo dizer que o Homem conhece melhor a Lua que a própria Terra onde vive. Os astrónomos conhecem esta metade do satélite que não deixa de nos fitar; conhecem-na como aos seus próprios dedos. Mas os três quartos da terra coberta pelos mares, pelos oceanos profundos, esses continuam desconhecidos para os olhos humanos. Mesmo os submarinos que se aventuram um pouco para lá dos 200 metros, não estão equipados para olhar em volta. Como se fossem cegos, contentam-se em tactear o terreno com os aparelhos ultrassons.

Das grandes profundidades, só temos testemunhos indirectos; cabos telefónicos sobre que se enovela uma vegetação de corais, peixes estranhos trazidos a lume pela rede dos pescadores, amostras de lamas retiradas em rápidas e raras sortidas, fotografias indecifráveis, conseguidas por camaras colocadas no fim de longos fios.

As profundezas abissais guardam os seus segredos. Mas estas amostras raras, raramente conseguidas, mostram que seres extraordinários sobrevivem longe, muito longe dos nossos olhos. O mar é o berço onde primeiramente se elaborou a Vida, nos primeiros anos da Terra. É provavelmente nestes fundos inacessíveis que se encontra escrita a

oceanos. Construiu, para isso, uma esfera de aço com 1,43 metros de diâmetro, capaz de resistir a pressões muito fortes.

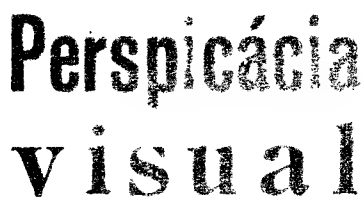
Este engenho pesava nada menos que 2.250 quilos. Foi nesta esfera curiosa, rebocada por um navio, que ele mergulhou a 6.905 metros, na fossa abissal das Bermudas, em pleno Oceano Atlântico.

A experiência foi imensamente temerosa, porque o cabo que rebocava o engenho era bastante fino e corria o risco contínuo de partir-se com o próprio peso. Beebe atingiu uma profundidade extraordinária

(Continua na página central)



Gerard Blain e Juliette Meyniel numa cena do filme «Os Primos»



(VEJA SOLUCAO NA PAGINA 3).

LUZES DA CIDADANIA

A PASSAGEM PARA DO "ELECTROLUX"

DULCE REBELO

(Continua na página central)

VIA GEM A



MARROCOS

(Continuação da 1.ª página)

acolhe-nos numa cabana de dois metros por três, com uma simples banquetela por mobília, na qual dorme um pequerrucho febril.

— Está doente?

— Variola — é o respoa económica.

— Está a ser tratado?

— Sim! No dispensário. Outras crianças continuam, porém, a brincar á sua volta. Onde enviá-las?

— Faltam-nos dispensários, hospitais, enfermeiras, médicos — diz-nos uma jovem que nos guia e que acaba de instalar um infantário num recanto cheio de sombra.

Casa, capital económica de Marrocos

De Rabat a Casablanca, ao correr da costa, perfilam-se cidadezinhas afogadas em altas muralhas vermelhas, apertadas entre torres maciças, onde as cegonhas desfaldam as suas asas brancas: Marócra, Búscia, Fedala (que os romanos, outrora, conheceram) e que se tornou uma estação balnear. O turismo desenvolveu-se imenso e por todo o lado circundam Ingleses, Escandinavos e Alemães. De subito, enchem-se os olhos: CASA, imensa e branca, ao fundo de uma angra nitidamente cortada em meia-lua. Oitocentos mil habitantes! A

maior cidade da Africa do Norte! Sem cunho particular, sem monumentos antigos, sem nada de tudo quanto fez o encanto das cidades árabes — mal a diríamos marroquina se não fossem as caras, as vestes dos passeantes, a silhueta de um minarete que se espequeia no céu, por sobre os terraços da Medina. Mas Casa é linda, rebrilhante de sol, onde a vida burbulha sem descanso.

Tudo aí se renova. Uma força invencível constrói, transforma, civiliza. No dia da minha chegada fui arrastado num cortejo engrinalhado de bandeiras vermelhas e a explosão vivas entusiásticos. Seguiu-se a Mahomede V, que vinha inaugurar uma cidade operária.

O ano passado, um gigantesco incêndio destruiu todas as barracas de um bairro operário, o «Derb Djedid». Anunciara-se então que se construiriam casas para todos os sinistrados e logo se iniciaram os trabalhos para a construção de um troço de alojamentos para 900 famílias. Hoje, estão prontos 2.000 e 1.000 já têm locatários.

Estas habitações comportam, em geral, um pátio (elemento essencial da casa marroquina), um ou dois quartos, uma cozinha e uma casa de banho. A população viu, admirada, erguerem-se em três meses, uma escola de dez classes com lotação, cada, para sessenta alunos. O novo Derb Hassani (que foi baptizado com o nome do filho do

soberano) é uma cidadezinha satélite de Casa Branca com a qual está ligada por uma carreira de autocarros. Quando se referem a esta anova cidade (dizem com orgulho: «Uma cidade construída pelos Marroquinos, para os Marroquinos, com dinheiro marroquino»). Orgulho compreensível num jovem país.

Mobilizar todas as energias

Marrocos conseguiu, num ano, reembolsar a França de seis milhões de francos de antigos empréstimos. Entretanto o esforço de construção realizado em dois anos é considerável, se bem que ainda insuficiente. Sim: a actividade económica diminuiu desde 1953, mas tem de acrescentar-se que o facto fora previsto: a expansão económica marroquina deveu-se, sobretudo, ás gigantescas especulações que resultaram, em primeiro lugar, da chegada dos Americanos, em 1942, e, em seguida, ao afluxo de capitais vindos da Indochina ou de França. O movimento de negócios era brilhante, os arranha-céus brotavam por toda a parte, os luxuosos armazéns multiplicavam-se, mas não se podia afirmar que tudo isso contribuisse para melhorar a sorte de 10 milhões de Marroquinos.

Hoje, o pensamento é mobilizar todas as energias — desenvolver a produção de fosfatos, nacionalizar

a importação do chá, que passou a ser importado directamente pelo Estado.

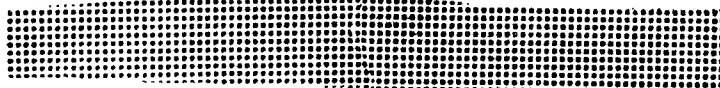
Uma chávena de chá, um naco de pão

Na antiga Medina, ao pé das velhas muralhas que, outrora, rodeavam a cidade, os barbeiros trabalham ao ar livre e uma densa multidão acotovela-se nas ruas es-

treitas, entre filas de lojinhas pito rescas. Acocorados contra os muros, vendilhões oferecem legumes, frutos secos, bombons, especiarias.

A comida não é cara em Marrocos: a carne de carneiro custa 17 escudos o quilo e a galinha 18\$80. A farinha está a 3\$80 o quilo.

Os salários, porém, são baixos. Diz o ditado: «O Árabe vive com uma chávena de chá e um naco de pão». Claro que as dietas mudaram.



GANHE 100\$00
com um sorriso nos lábios

PROVA-SE NESTA SEMANA QUE ANDA ERRADO O PROVERBIO QUE DIZ: «O QUE É DOCE NUNCA AMARCOU». PROVA-SE TAMBÉM QUE A MARMELADA É FEITA COM O FRUTO DA PIMENTA.

Todos os concorrentes desta semana concordavam em que há muitos géneros de marmelada e ganhou a «centenária» o que melhor definiu em «pocas palavras» as suas escondidas e patentes significações. Foi o sr. Manuel Cardoso Pereira, de Aldeia Nova. Diz este senhor:

MARMELADA é o doce mais esquisito do Mundo. Há imensos casos em que, por mais açúcar que lhe deitem, é sempre picante; noutros, embora quase todos se esfalfem a fazê-la, só muito poucos é que provam (nesta altura chama-se dividendo e é fruto duma enorme vaca). Além disso, sucede que os seus quadros são sempre redondos. Em certos casos toma a forma do recipiente; noutros, é o contrário. Tanto pode ser fruta do tempo como ser preciso dar tempo ao tempo. Uma vez só se conhece depois das assembleias gerais e do voto de louvor (nesta altura chama-se dividendo e é fruto duma enorme vaca). Depois dum discurso deste não há dúvida que se devia esgotar a marmelada — mas não: o sr. Vítor Manuel Alves Soutelinho (Moscavide) fez o Poema da Marmelada, que eu proponho seja musicado por um compositor de fados. O leitor pode imaginar já a Amália a cantar esta letra:

Com franqueza, marmelada?
É uma matéria bem doce,
com que a gente descarada,
sem mais, é alimentada,
porque se isso não fosse...
É o tacho de muita gente,
essa marmelada atroz.
Vive dela o indecente,
sem ter de que se lamenta,
mas que é feitição por nós.
Porque me obrigam a isso,
também faço marmelada,
sem sequer ter compromisso,
mas aí do que não vai nisso:
pobre criatura, coitada.
Por mais que pense, não vejo,
qual outra definição.
Porém, isto, é de sobejo
P'ra satisfazer o desejo
de quem não ganha pr'ó pão.

O amigo Soutelinho mandou-nos outra poesia, «Mãe, de que gostámos bastante». Como o autor tem 19 anos, a sua produção será publicada no Suplemento «Juvenil», possivelmente já na próxima semana. Quanto á que hoje publicamos, ela quase que esbarrava na «centenária».

ambém andou próximo dela (que grande escândalo se voltava a ganhar!!!) o sr. Arménio António Pereira Gonçalves (Parede), que, depois do consentimento da esposa, nos enviou os seguintes esclarecimentos sobre «marmelada»:

Extra-definição: o marmeleiro dá

Perspicácia visual

As imagens que publicámos na página anterior representam respectivamente:

1. — Cristais de soda
2. — Espuma de sabão
3. — Uma talhada de limão
4. — Cactos

Foi tão perspicaz que conseguisse descobrir alguma?

marmelos; os marmelos dão marmelada; a marmelada, ás vezes, dá marmeleiro (Aparte, pela esquerda alta: «Tu que o digas!»)

MARMELADA: título de um filme a preto, a preto e branco ou a cores, em relevo, próprio para maiores de 17 anos e cujo argumento é baseado em marmelos.

E agora digo eu: paremos por aqui. Basta que os leitores saibam que o sr. Gonçalves Pereira termina a carta desta maneira dramática:

Desculpem não escrever mais nada, mas a minha mulher faz questão de trocar umas impressões comigo sobre este assunto.

O que não lhe irá suceder... Estamos cheio de «suspense». Esperamos ao menos que o sr. Gonçalves Pereira fique com um olho ao peito. Os demais concorrentes da «centenária» até queriam ir mais longe... A morte vinha mesmo a calhar. Dê-nos, pois, notícias, senhor Gonçalves Pereira. Estamos ansiosos.

O sr. Pedro Alvim (Porto) também surgiu como forte candidato ás centenárias. Escolhemos, para amostar, apenas duas das suas razões:

MARMELADA — brincadeira proibida.

MARMELADA — petisco que, por ser muito apetecido, tem dado origem a muita alhada (embora a marmelada nada tenha a ver com o alho).

O sr. José Carlos de Oliveira (Lisboa) entre muitas afirmações de peso pede-nos uma alteração ao provérbio «Ver para crer como São Tomé». Substituiu o «para» por «e» e o «crer» por «mexer».

O sr. José A. Diogo (Lisboa) considera que

MARMELADA — é a lua de mel em... sonhos.

Porque há-de ser em sonhos? Não é mais justo na confeitaria?

Enfim, mas a coisa esta semana está-se a tornar muito... sentimental.

Paremos por aqui para evitar comições. Acabávamos todos a chorar. Vejamos o nosso programa para a semana. Creio que ficará mesmo a calhar a palavra

SOCRA

As respostas terão de vi até ao dia 21 de Agosto, acompanhadas do nome completo e morada dos concorrentes.



REMÉDIO CONTRA A VARIOLA

Conta-se que estando doente D. João, o futuro D. João V, aí por volta de 1700, se viu atacado de um mal gravíssimo, a ponto de se recear pela sua vida. A este respeito escreve frei Cláudio do Conceição:

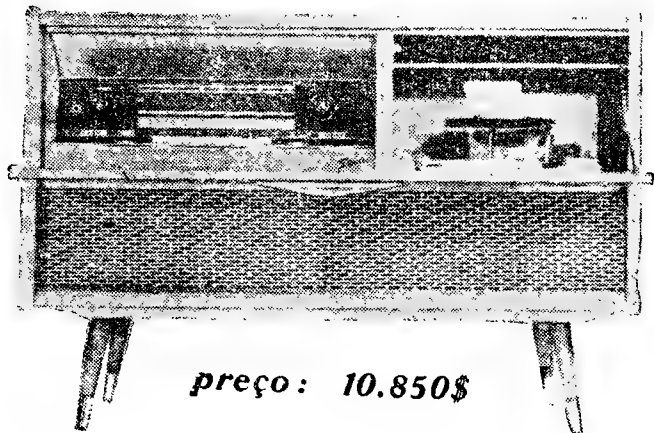
«Confessouse príncipe ao padre Francisco da Cruz; e comunicou-lhe este possuir uma reliquia da venerável Maria do Lado, mulher de grande virtude que se havia finado no Lourçal com fama de santa; e fez-lhe beber uma porção de terra da sua supultura, obteve do príncipe a promessa da construção do convento do Lourçal, terra daquela santa mulher, declarou-se o mal: beixibas. E passado a tempo de se curar de tão terrível mal, logo o príncipe se apressou a cumprir o voto que fizera».

Não sei se os leitores crêem na eficácia de tal antídoto para a va-

RADIO-GRAMOFONE
ESTEREOFÓNICO



modelo MAINAU 100



preço: 10.850\$

✓ VENDA NOS AGENTES DA

Chegou a 1.ª
Remessa deste
sensacional
conjunto!

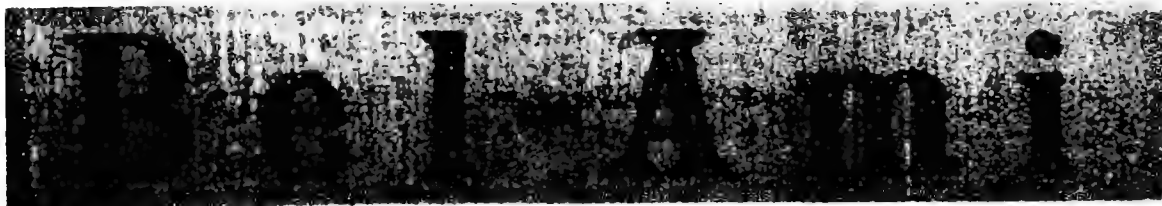
- ★ Amplificador de 2 canais
- ★ Gira-discos Dual automático

SABA



REPUBLICA ELECTRIC PORTUGUESA





Por GUY MAUPASSANT

Jorge Duroy saiu do restaurante. Era de boa presença e, por habito e altitude de antigo sargento, empertigou-se, torceu o bigode num gesto marcial, e lançou aos comensais atrasados um rápido olhar envolvente, um destes olhares de bonito rapaz que penetram como as unhas do gavião. As mulheres ergueram a cabeça.

Invadia-o uma grande colera contra aquela gente sentada e tranquila. Jorge resmungava: «Grandes porcos», enquanto flanava com ar despreocupado. Se pudesse apanhar um deles, ao canto de uma rua, numa sombra bastante escura, torcer-lhe-ia o pescoco, palavra, sem escrúpulos, como fazia às galinhas dos camponeses quando andava em manobras.

Ao recordar os seus dois anos de Africa, da maneira como explorava os Arabes um sorriso cruel e alegre passou-lhe pelos lábios.

A certa altura cruzou-se com um rapaz nutrido que lhe deu a vaga impressão de já ter visto aquela cara algures. Quem seria? Pôs-se a persegui-lo, vasculhando a memoria sem conseguir recordar-se; subitamente, porém, viu a mesma pessoa, mais nova e com o uniforme de hussardo. E disse alto: «Olha o Forestier» e alargando o passo foi bater no ombro do passeante.

Era na verdade, o Forestier, seu antigo companheiro. Conversaram. Forestier andava doente, uma tosse aborrecida que o não largava. Convidou Jorge para ir ao jornal onde trabalhava. Pelo caminho, perguntou-lhe o que fazia em Paris.

Duroy encolheu os ombros

— Rebento de fome, muito simplesmente. Estou sózinho, não conheço ninguém. Não me falta boa vontade; faltam-me os meios.

O seu camarada olhou o de alto a baixo. Tirou algumas moedas do bolso, moedas de ouro que deu ao camarada, para que se vestisse e aparcesse em sua casa, no dia seguinte. Dia de reunião elegante.

Jorge assim fez. Foi recebido pela mulher do amigo, uma jovem loira, nova, de olhos cinzentos, o nariz fino, um rosto sedutor. Conversaram, sentados numa poltrona, até começaram a chegar os convidados. Entre eles, a senhora de Marelle, uma morena daquelas a quem chamam trigueirinhas. Trazia um vestido muito simples e uma rosa vermelha nos cabelos, que atraia violentamente a atenção. Jorge procurava um cumprimento para lhe dirigir. Em vão.

Mas, a despeito de todo o embaraço, de todo o provincialismo, de todo o mal-estar que experimentava diante de todas aquelas pessoas bem vestidas e bem comidas e bem colocadas na vida, Jorge sentia uma satisfação sem limites. Tinha vontade de correr, de saltar, de andar ao acaso pelas ruas a pensar no futuro. O director do jornal de Forestier encomendara-lhe um artigo sobre a Argélia. Era um começo de vida, sem duvida alguma. Tudo corria o melhor possível.

Mas não, nem tudo corria o melhor possível. No dia seguinte, por mais que tentasse, não foi capaz de fazer o artigo. Impossível.

Queixou-se ao amigo. Forestier mandou-o a sua casa, para que a mulher o ajudasse. Jorge saiu de lá com o artigo pronto. E encantado com a jovem esposa do Forestier.

Não lhe foi preciso muito tempo para verificar que estava em presença de uma mulher inacessível. Despeitado, muito no fundo de si mesmo, lembrou-se da senhora Marelle, que o convidara para sua casa. Resolveu fazer-lhe uma visita, nessa mesma tarde. E saiu de junto dela considerando-a tentadora.

Não foi preciso mais que alguns dias para que Jorge Duroy se confessasse enamorado da senhora de Marelle. E não demorou muitos mais para que a tornasse sua amante. Alugaram um quarto, um ninho para o seu amor; passearam pelos restaurantes de meia tijela — os que ela adorava; entravam nas tascas populares e iam sentar-se no fundo das lojas cheias de fumo, em cadeiras coxas, em frente de mesas de pinho. Clotilde adorava aquelas sortidas em que ela aparecia vestida de chita como uma criadinha do bairro; e sentia-se imensamente feliz por pendurar-se no braço de Duroy.

Mas o dinheiro de Jorge não era muito; aborrecia-o aquela situação, aquela mulher que queria divertir-se, sem pensar nas dificuldades por que ele passava. Jorge entrou de pedir dinheiro emprestado aos amigos. E um dia, recebeu dinheiro da própria senhora de Marelle. Com simulada repulsa, para pagar muito em breve...

Entretanto Forestier abandona o jornal, por doença. Tuberculoso, tem de partir para o campo. A senhora Forestier, angustiada, promete a Jorge recorrer a ele, sendo necessário. E, vendo-se sózinha com um homem que morria aos poucos, sente medo. Chama Duroy. Os últimos dias do moribundo aproximam-nos. Jorge sente-se atraído, cada vez mais, para aquela jovem loira, chela de coragem, mulher do amigo. Mas a morte mantém-no afastado, em respeito, embora seja apenas um respeito aparente.

Forestier morre, enfim. Jorge regressa a Paris, mas tem já conseguido uma promessa de Madalena. Alguns meses decorrem, aqueles que a sociedade impõe para um luto decente; e no fim deles, Jorge e Madalena casam. Jorge estabelece, assim, a sua situação no jornal...

Mas a senhora de Marelle não ficou esquecida, senão por muito pouco tempo. Aquela moreninha era por demais tentadora. O quarto, alugado para ninho de amor, lá estava a espera dele. E Jorge volta...

Entretanto, Duroy torna-se assídua visita do director do jornal, cuja esposa era uma senhora encantadora, quarentona e apetitosa. Duroy sabe um dia, inesperadamente que agradava aquela senhora ainda apetecível, de olhos melhos, de reputação firme e insuspeita.

Sente-se atraído para uma aventura cujas consequências ele nem supõe. Apenas desejava saber se era verdade: se a senhora Walter se enamorara dele. E quando via, por vezes, aqueles olhos acariciadores fixos nele, pensava: «Ah! Esta pelo belcinho, na verdade!» E com os seus botões, perdidos como ele, acrescentava: «E então... porque não?... Se fosse possível...»

Duroy tinha muita sorte com as mulheres, pois a senhora Marelle, depois de terem recommçado as suas relações, parecia gostar dele a valer...

Quando Clotilde soube do duelo entre Luís Langremont e Duroy enviou-lhe um pequeno cartão ansioso:

«Meu Deus! Como tive medo. Vem sem demora à Rua de Constantinopla, que te quero abraçar. Como és bravo! Adoro-te».

Foi nessa altura que ele decidiu ficar a viver no apartamento que ela alugara para se encontrarem.



Farta de restaurantes chiques, Clotilde pediu a Duroy que a levasse à «Reine Blanche» — recinto popular.

Quando entraram na sala de baile, ela cingiu-se a ele, amedrontada e contente.



O director da «Vie Française», jornal onde Duroy trabalha, pede-lhe que se bata em duelo para defender a honra do jornal, atacado por um colaborador do jornal «La Plume». Depois do duelo visita Madame Forestier que lhe diz:

— Ele (o dono do jornal) já se julga salvo?



PEQUENA HI

3 REVO
PAC

Por JOAQUIM

O invento da máquina a vapor, a aplicação da força motriz, e o uso das máquinas-ferramentas revolucionários introduzidos pelo vapor, deram início à primeira revolução industrial, a era da grande produção.

Depois desse extraordinário acontecimento, que foi a utilização da electricidade para provocar a segunda Revolução Industrial, a era da grande produção.

Mas o uso da energia eléctrica não se limitou ao vapor; ele impôs-se pouco a pouco a todas as grandes indústrias e invenções: «Ampère», «Ohm», «Faraday», «Coulomb», «Gramme», «Alarcon», «Edison», que há mais de um século têm vindo a desenvolver a moderna electrotechnologia.

Depois que «Volta», em 1800, provocando a corrente, foi ainda mais longe, anos até se assistiu ao completo triunfo possível graças principalmente ao trabalho de Gramme, em 1870, embora a turbina eléctrica por Faraday em 1831.

portantíssima. A turbina eléctrica energia a grandes distancias por dos transformadores, permitindo a distribuição das necessidades da distribuição, abriu a toda a Humanidade, de que comigo truzera o telegrapho, a nossa moderna iluminação, a radiação da electrónica — esse maravilha são os cérebros electrónicos, avaria fantástico da Cibernética.

E, efectivamente, no ano de 1884, a revolução eléctrica. Sabe-se que o primeiro uso prático só appareceu em 1884, mas no principio do actual século as fontes importantes da energia eléctrica, com a força dos motores eléctricos.

O papel revolucionário da electricidade nas forças produtivas explica, aliás, a entrada nas mãos poderosas dos grandes colossos da electricidade que toma para si em regime de monopólio a produção da electricidade e de parte da Asia, e o «trust» americano, que ficaria com o domínio.

A luta entre os grandes países, afinal, em muitos outros, estava aos nossos dias, nem sempre de fôrça.

A derrota da Alemanha na primeira guerra mundial, sabido, motivo a nova partilha do mundo entre as potências vencedoras, não que seguiu, no campo da produção, as forças produtivas, que se materializaram na electricidade sobre as forças produtivas.

Ora o triunfo da electricidade na mecanização até ao automatismo, e isso vem provocar nas relações de produção inteiramente novas, a automação firmará definitivamente a natureza e levá-lo-á, inevitavelmente, a uma nova estrutura social em.

A fusão e a desintegração do Atómico, a extraordinária vitória do homem sobre a natureza, são até agora o ponto mais alto da civilização das forças naturais.

Com o «controle» e a utilização da Revolução Industrial se iniciaram as relações de produção que as anteriores. Forças de produção material que nos conduzirão à civilização.

O homem de hoje, dominando as suas possibilidades e a mente, por adiantar-se às relações de produção de novo vitoriosamente materializa o maravilhoso.

Você é uma e

Distraia-se um pouco. Por conforme os casos o SIM ou resultado obtido, dando a conta.

Se atingir 19 NAO — VOC batota.

Se contar de 13 a 16 NAO, esposa ideal, mas com um coisa endireita-se...

Agora se contar menos de 13, não é para ficar para tia ou pi

VEJA NA ÚLT

ISTÓRIA DE LUÇÕES ÍFICAS M CAMPINO

or por James Watt e a sua pos-
u, mais exactamente, a criação
is, só possível pelos aperfeiço-
tos na utilização da energia a
grande Revolução Industrial, e,
o fabrico.

contecimento considera-se geral-
tridade como força motriz que
ão Industrial.

a não foi tão rápido como o do
devido a sucessivas descobri-
gadores como «Volta», «Davy»,
«Coulomb», «Henry», «Page», «Sie-
rson», «Parson», e muitos outros
do até aos nossos dias a criar e
écnica.

criou a primeira pilha eléctrica,
necessário aguardar quase 70
riunjo da electricidade. Foi isso
o aparecimento do dínamo eléc-
a a descoberta da indução eléc-
l tivesse sido já uma etapa im-
a alternativa, o transporte da
meio da alta tensão e a criação
modificação das tensões segun-
o e do consumo, vieram, final-
a era portentosa da electricida-
ne e o telegrafo, o cinema e a
io, a televisão, e, mais recente-
ilhos «milagre» da técnica que
cando-se, assim, até ao domínio

1870 que se deve situar a revo-
meiro transformador em condi-
uma exposição em Turim, em
éculo a electricidade era já uma
a mecânica, concorrendo afoita-
rimários.

va energia na multiplicação das
mo rapidamente ela foi concen-
ndes «trusts»: O ano de 1907 é
partilha do Mundo pelos dois
— o «trust» alemão «A. E. G.»
onopólio os mercados da Europa
americano «General Electric Com-
dos mercados de toda a América.
s neste sector económico (como,
iniciada e iria prolongar-se até
orma muito pacífica...

Guerra de 1914-18, deu, como é
o Mundo e dos respectivos mer-
us. E foi na nova etapa da expan-
são e no desenvolvimento das
tizou verdadeiramente a supre-
rças térmicas.

é igualmente o triunfo da alta
nas várias actividades materiais,
entre os homens, problemas e
O aparecimento da produção
é o domínio do homem sobre a
te, a quebrar as malhas paerta-
que se debate.

omo e as viagens cósmicas mar-
homem sobre a atracção terres-
o que o homem atingiu no domi-

o da energia nuclear uma tercei-
a consequências ainda mais im-
nova, inesgotável fonte de pro-
até uma nova e diferente civi-

o a técnica e no pleno conheci-
necessidades acabará, efectiva-
sociais em que vive e ultrapas-
uma encruzilhada do seu des-

Esposa ideal?

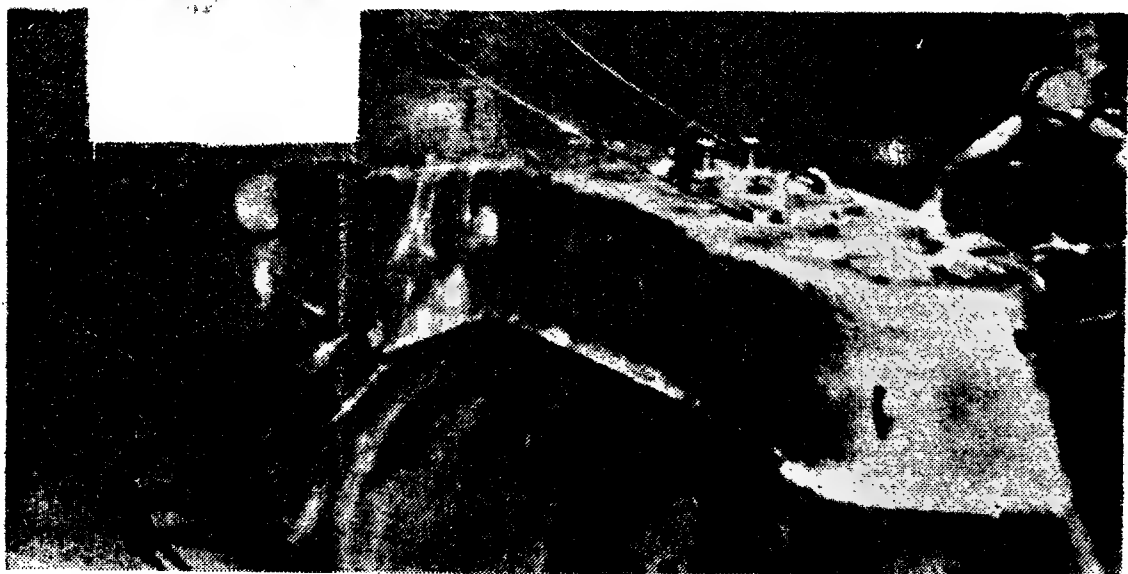
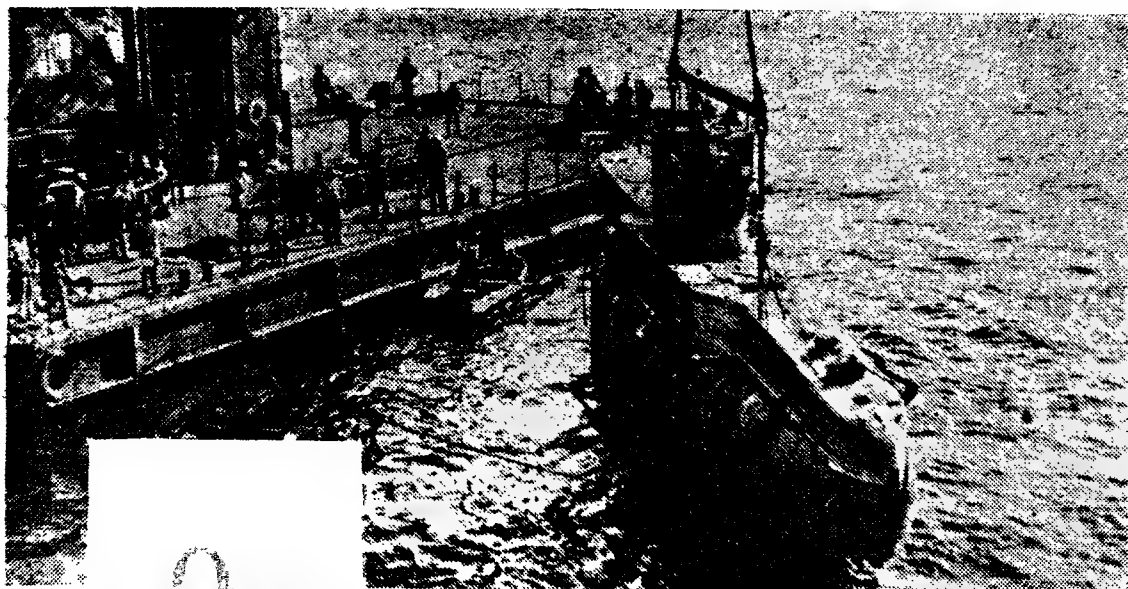
gue num lápis e risque,
o NAO. Depois totalize o
ada resposta o valor de 1

E ou é uma santa ou fez

2 — VOCÊ não é talvez a
pouco de boa vontade a

9 NAO — VOCÊ fará me-
ima.

MA PAGINA



(Continuação da 1.ª página)

para a época: 900 metros. Mas a es-
fera era infelizmente animada de
um movimento de baloio e o seu
pobre passageiro sofria horrivel-
mente de enjoo. Mas, apesar de to-
dos estes males e perigos, levado
pela paixão, o passageiro olhava
avidamente á sua volta, aquele
mundo desconhecido e apaixon-
nante.

Entusiasmado pela fauna estra-
nha que viu, Beebe não pôde, con-
tudo, renovar a experiência, tanto o
aparelho era incómodo e perigoso.

O seu associado, Otis Barton, tra-
ditou longamente nesta pouco ba-
nal descida aos infernos Tomado,
por sua vez, pelo demónio tentador
das profundidades, mandou cons-
truir uma esfera do mesmo género,
porém mais estável. Em 1949 batia o
«record» do seu antecessor, des-
cendo a 1.375 metros ao largo das
costas da Califórnia.

Para ir mais longe, Barton devia
resolver uma outra dificuldade: o
peso do cabo de aço.

Mas foi ao suíço Piccard que cou-
be imaginar uma solução elegante
para este problema.

Uma descida em... balão

No princípio Piccard dedicava-se
à estratosfera. Em 1932 subia á alti-
tude fantástica de 17.000 metros, le-
vando no seu balão um único pas-
sageiro. Foram eles os primeiros
a penetrar na estratosfera.

Apenas venceu este «record», Pic-
card, um jovem de cinquenta anos
dinâmico, pensa conseguir batê-lo...
mas em sentido inverso.

Dizia ele: Porque não aplicar ao
mundo submarino o princípio que
me permitiu vencer a estratosfera?
Um balão cheio de gás mais ligeiro
que o ar elevou o balão. Porque não
conseguir mergulhar no mar e vol-
tar á superfície, com a barquinha
cheia de líquido mais leve que a
água, mas convenientemente lastra-
do?

Esta ideia que lhe parecia sim-
ples, levou quinze anos a reali-
zar-se.

O primeiro batiscofo foi uma es-
fera de aço com 2 metros de diâme-
tro, tendo duas vigias para dois pas-
sageiros; era bastante sólida para
resistir e tinha uma margem de se-
gurança para lutar com as pressões

hérculeas dos 1.400 metros de pro-
fundidade, mais de 400 quilos por
centímetro quadrado.

Descer aos abismos — nada mais
fácil. Tudo foi pensado, medido,
calculado. E no mês de Setembro
de 1948, Piccard embarca com o ba-
tiscofo de sua invenção, num barco
belga, a caminho de Dakar, onde as
fossas atlânticas são próximas da
costa.

A primeira tentativa não levou
ninguém, por prudência. O batisco-
fo mergulhou sem passageiro. Che-
gado aos 1.380 metros por um me-
canismo de relógio, o aparelho
volta, docilmente á superfície.

Mas, por desgraça, levanta-se um
vento tempestuoso, quando o apa-
relho estava já á superfície. E o
trabalho árduo de quinze anos é
destruído, arrancado, levado para
longe. Em poucos minutos desfaz-se
a dura labuta de tantos anos, anos
de minuciosos cálculos.

O batiscofo foi cedido á França;
os belgas estavam desiludidos.

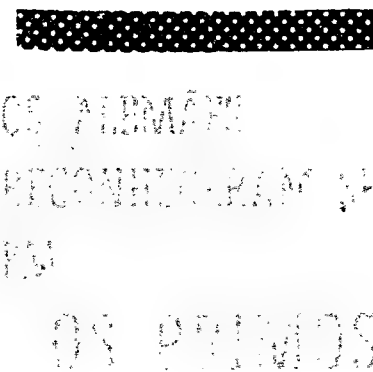
Mas para que o aparelho passasse
á Marinha francesa, devia dar pro-
vas: três mergulhos vitoriosos a
grande profundidade.

Dois ases

Os técnicos franceses, herdeiros
daquele aparelho arruinado, del-
tam-se ao trabalho. O professor Pic-
card, que por seu lado se não sente
desencorajado, muito pelo contrá-
rio, resolve construir um novo ba-
tiscofo, com os seus próprios meios.
Nasce, assim, uma rivalidade entre
os dois países. Os estaleiros de Tou-
lon e os de Nápoles trabalham á
porfia, contês e pacificamente.

No ano de 1953, dois aparelhos
semelhantes como dois gémeos se-
rão lançados ao mar. O francês bate
o «record», apenas por 350 metros.
Mergulha até os 4.050, o «record»
mundial. O único piloto do batisco-
fo francês foi o comandante Houot,
homem de quarenta e cinco anos,
casado e com filhos. Tem um rosto
enérgico e vincado pelas rugas e
nos olhos um lampejo de sonho. So-
freu uma poliomielite e os médicos
haviám-lhe proibido... os banhos de
mar. Mas á força de ouvir o coman-
dante Cousteteau e os companhei-
ros contar maravilhas do mundo
submarino, as suas admiráveis bai-
sagens, nasceu nele o desejo de ver,
com os seus próprios olhos, tanta
maravilha desconhecida. Ofereceu-

se, pois, para pilotar o batiscofo.
Foi ele um dos homens que deixou
o seu nome ligado ao batiscofo
Com Willm, engenheiro de trinta
anos apenas, casado e pai de quatro
filhos revê todos os desenhos, re-
faz todos os cálculos de Piccard,
antes de lançar á água o FNRS III...



Jean-Claude Brialy, com boné ale-
mão, declama versos em alemão...

(Continuação da 2.ª página)

Princípios — Sempre indiscuti-
veis; pouco importa a sua nature-
za, o seu numero, São sagrados.

Riqueza — Monopoliza tudo, até
a consideração.

Tolerancia (casa de) — Não é
aquela onde há opiniões tolerantes.

Vejam agora alguns exemplos
de parvoíces colhidas por Flaubert
nas obras de alguns autores céle-
bres, bem capazes de lançar os es-
píritos dos «Bouvard» e «Pécuchet»
na maior das confusões.

Dos disparates incluídos na ru-
brica «Ideias Científicas» destaca-
rei os seguintes:

«A água foi feita para sustentar
esses prodigiosos edifícios flutuan-
tes chamados navios». (Fénelon).

«As pulgas, onde quer que se en-
contrem, saltam sobre as cores
brancas. Este instinto lhes foi dado
para que possamos apanhá-las mais
fácilmente». (Bernardin de Saint-
Pierre — Harmonies de la Nature).

«O melão foi dividido em gomos
pela natureza, para ser saboreado
em família; a abóbora, sendo maior,
pode ser repartida com os vizi-
nhos». (Bernardin de Saint-Pierre
— Etudes de la Nature).

«Noto nos peixes a maravilha de
poderem nascer e viver na água do
mar, que é salgada, sem que a sua
raça tenha sido há muito tempo ex-
tinta». (Gaume — Catéchisme de
persévérance, p. 57).

Al ficam quatro belas amostras
das doutrinas «finalistas» e da cla-
rividência de certos espíritos, que
parece mesmo terem sido criados
com o fim de nos mostrarem essas
estranhas harmonias da Natureza...

Mas há mais! Repare-se, por
exemplo, nestas interessantes opi-
niões sobre alguns homens céle-
bres:

«O próprio Shakespeare, por mais
grosseiro que tenha sido, possuía
suas leituras e seus conhecimen-
tos». (La Harpe — Introduction de
Cours Littéraire).

«E' pena que Molière não saiba
escrever». (Fénelon).

«Molière é um infame histrião».
(Bossuet).

«No fundo, o génio de Byron me
parece um pouco imbecil». (L.
Veuillot — Libres penseurs, p. 11).

«Bacon, homem que ignorava to-
das as ciências, e do qual todas as
ideias fundamentais eram falsas».
(De Maistre — Examen de la phi-
losophie de Bacon).

«E' (Bonaparte), com efeito um
grande vencedor de batalhas; mas,
fora disso, o general mais medíocre
é mais hábil do que ele». (Chateau-
briand — De Buonaparte et des
Bourbons).

Para terminar, alguns primores
do género «lugar comum» mais im-
becil e uma amostra de estilo pie-
gas ou «Sentimentaleiros»:

«Não há nenhuma duvida de que
os homens extraordinários, em
qualquer género, devem uma parte
do seu triunfos ás qualidades supe-
riores de que sua organização é do-
tada». (Damiron, Cours de philoso-
phie, I, II, p. 35).

«Logo que um francês transpõe
a fronteira, entra em território es-
trangeiro». (L. Havin, Courrier du
Dimanche).

«As construções humanas só
conservam a sua solidez enquanto
permanecem sobre as suas bases».
(Frédéric Gaillardet).

«Um honesto ancião digerindo
pacificamente ao pôr do Sol, que
quadro arrebatador!». (Octave
Feuillet).

E poderia continuar ainda por
muito tempo sem esgotar o vasto
repertório de Flaubert, se o artigo
não fosse já tão longo.

Dez anos gastou Gustave Flau-
bert a colher exemplos de imbeci-
lidade humana para escrever a his-
tória de dois palermas, quando
actualmente bastaria uma única se-
mana para conseguir colheita muito
maior. Os tempos mudaram muito!
Agora a Rádio e a TV encarregam-
se mesmo da distribuição ao domi-
cílio e os modernos Octave Feuillet,
com muito menos talento, e muito
maior cretinismo, escrevem os ro-
manços do Tide. Para alguma coisa
nos tem valido o progresso...

ALFREDO BRAS

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os
COMBÓIOS ELÉCTRICOS



SE FAZ CALOR... DEVE COMER:

GORDURAS — E' neste aspecto que se deve moderar o poder calórico da alimentação do tempo quente. As gorduras representam os alimentos mais energéticos (9 calorias por grama). Fornecem um calor de reserva que só desgasta lentamente; esta propriedade, muito útil no tempo frio, torna-se inconveniente no Verão. Em segundo lugar, a digestão e a utilização

das matérias gordas representam, para o organismo, um pesado trabalho, um pouco a evitar no momento em que o organismo deve fornecer um esforço de adaptação.

Mas, a diminuição não quer dizer supressão. Basta consumir, diariamente, 25 gramas de gorduras (no Inverno deve consumir-se 100 a 120 gramas), para se obter a redução calórica desejada.

Deve escolher-se, claro está, as de mais fácil digestão. Portanto, evitar as gorduras cozidas, os molhos gordos, os fritos — alimentos que, de resto, não nos tentam quando está calor.

Também não esquecer que há outros alimentos que contêm matérias gordurosas: os bolos, as carnes frias e os enchidos, o leite e o queijo, os ovos, os frutos oleaginosos.

Usar a manteiga e o azeite, crus, em saladas. Basta fazer uma judiciosa escolha, para evitar os que nos são perniciosos nestes dias quentes de Agosto.

ALIMENTOS AZOTADOS — Na nossa alimentação apenas representam um papel energético. São, a bem dizer, «os materiais de construção» que produzem os aminoácidos indispensáveis a um bom equilíbrio dos tecidos orgânicos. Devem, sempre, figurar em quantidade suficiente numa alimentação equilibrada. Mas há que evitar, no Verão, dar-lhes um papel de relevo excessivo, porque os excessos dos prótidos não são, de modo algum, de aconselhar.

No Verão, como em qualquer outra estação, há sempre vantagem numa alimentação variada o mais possível. Mas é evidente que se impõem certas precauções:

CARNES E PEIXES — Escolher, de preferência, magros, sejam servidos quentes ou frios. E' de conveniência evitar as carnes frias e todos os artigos de charcuteria. Muito difícil de digerir, ela representa um meio favorável de cultura microbiana, quando o tempo está quente. E, muitas vezes, esta a causa de certas perturbações digestivas que surgem no Verão, quando precisamente as donas de casa pensam que as carnes frias representam uma refeição «leve» e «refrescante».

O LEITE — Se é bem tolerado, é muito útil pelo seu contributo de elementos minerais (cálcio, sódio). Pode tomar-se frio ou morno, simples ou aromatizado. Pode também preparar-se com ele saborosas sobremesas ou lanches, muito melhor tolerados que o leite simples. Também para quem não digere o leite, há o recurso do iogurte.

OS OVOS — Sendo frescos, podem substituir a carne uma ou duas vezes por semana, simples ou empregados em cremes e pudins.



SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

OVOS BONS E OVOS... MAUS

Como saber se um ovo está fresco? Claro que há primeira impressão, podemos responder ser impossível sabê-lo, uma vez que nos não podemos meter lá dentro. Talvez haja lógica na resposta. Mas erro também, ou pelo menos ignorância. Podemos saber se um ovo está fresco ou estragado, sem ter que o partir. Basta tomar-lhe a densidade.

E como proceder? A' parte os densímetros que se vendem para este fim, mas que não sendo caros são, no entanto, muito frágeis, porque são de vidro, podemos fazer o seguinte:

Encher uma vazilha de água a que se juntou sal (300 gramas de sal para um litro de água). Ora, esta densidade agora obtida, é a do ovo em bom estado.

Mergulhar, então, os ovos na vazilha... e não se admirem se eles ficam em alturas diferentes uns dos outros, mergulhados na mesma água. E' possível que alguns vão até ao fundo, enquanto outros ficam a meio caminho e outros ainda à superfície. Os bons são os que descem, pois se descem é porque a sua densidade é superior à do líquido em que foram mergulhados. Os que ficam a meio caminho, não estão estragados, apenas a sua qualidade é inferior aos primeiros. Quanto aos que se conservaram à superfície, ou quase, o melhor é deitá-los ao caixote do lixo. Não são nada bons para comer, pois isso quer dizer que um pinto se começara a gerar... um pobre pinto que não verá a luz do dia. Desconfie, pois, dos ovos, de fraca densidade!

A alimentação para quem sofre de extrasístoles

A extrasístole é uma contração cardíaca «fora do programa», que se sobrepõe às pancadas normais do coração.

Não nos interessa, aqui, o que diz respeito aos médicos, unicamente: quais as causas da extrasístole. Interessa-nos, sim, que quem sofre desta «falta» cardíaca que, embora momentânea, não deixa de impressionar, deve cuidar da sua alimentação. Estes doentes — se doentes se podem chamar — devem observar um regime alimentar e uma higiene de vida severos. Os fculentos, as bebidas gasosas devem-lhe ser interditas por completo. Deverá evitar toda a perturbação intestinal; pelo contrário é de recomendar o uso de bebidas quentes sobre as refeições, assim como os iogurtes e os fermentos lácteos sob forma medicamentosa. Muitas vezes, a correcção duma aerogastria por meio de alcalinos, ou de aerocolias por absorção de carvão vegetal, curará definitivamente as extrasístoles que nada têm de cardíacas.



SABE COMER QUEM SABE ESCOLHER nos restaurantes

BELO HORIZONTE
Rua do Arsenal, 48. 52—Tel. 30442

SOLAR BOÊMIO
R. dos Correios, 125-129—T. 25277

A CALDEIA
L. do Corpo Santo, 4 e 5—T. 21553

NOSSA CASA
Rua de São Paulo, 95. 98—Tel. 25017

TODAS AS VANTAGENS DA COZINHA CASEIRA e dum serviço rápido e económico

O sal contra a sede

A sede provém duma desidratação mais ou menos acentuada. Ora o homem pode, por grande calor, eliminar pelo suor mais dum litro de água por hora. O abastecimento em água deve, portanto, compensar, esta importante perda. Mas a água só, não chega para reparar a desidratação. E' preciso não esquecer que, no organismo, o metabolismo da água está intimamente ligado ao do sódio. Se este não estiver presente em quantidade suficiente, a água absorvida é quase toda eliminada nas urinas. A desidratação persiste, e a sede também. Não hesitemos em salgar os alimentos, não teremos mais sede por isso... pelo contrário. E' clássico dar às tropas em manobras em climas quentes, 10 a 15 gramas de sal diários, em hóstias, como complemento da ração alimentar. E' um caso extremo mas que bem ilustra a necessidade do sal na luta contra a sede. Lembremo-nos que as principais fontes de sódio, são, além do sal com que temperamos os alimentos, o leite, os queijos, os ovos, alguns legumes e, em menor grau, a carne.

Também contra o calor, e portanto contra a sede, é importante o elemento alcalino — legumes, frutas e sumos — que lutam eficazmente contra o desequilíbrio mineral ocasionado pelas altas temperaturas.

Para acabar, diremos que as bebidas se não devem tomar sem medida nem conta. A ingestão moderada e intervalada, de líquidos, sacia mais, muito mais e entrava melhor a desidratação.

O álcool não está indicado contra o calor; aumenta as perturbações causadas por ele. E nem sequer acalma a sede. Fazemos uma excepção para a cerveja, bebida pouco alcoólica, que sacia graças aos sais minerais que contém; mas deve ser tomada em pequenas quantidades.

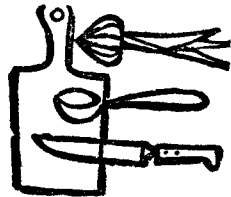
As necessidades vitamínicas não parecem aumentadas pelo calor. Há que vigiar, apenas, as quantidades de vitaminas do grupo B (carne, pão, leite e queijos...) apropriadas ao consumo dos acares.

3 receitas para Verão

Pescada à poveçal

Cortar a pescada em filetes finos, passar por ovo batido e depois por pão ralado branco (em vez de

ferver a fogo lento durante uma hora e misturar depois, no moinho, uma colher de manteiga e outra de farinha e ligar bem. Num prato de ir ao forno, deitar metade do mo-



torrar o pão, endurecê-lo ao Sol), fritar em óleo quente, servido com rodela de limão e salada de toma-



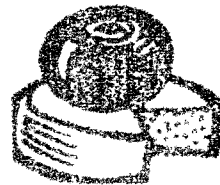
te assado na grelha (assar o tomate, mergulhar em água fria para largar a pele, cortar às rodela e



temperar com azeite e sumo de limão).

Frango com queijo

Preparar o frango, cortar em pe-



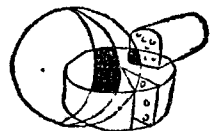
daços e fritar em manteiga. Quando está corado deitar meio copo de



vinho branco seco, sal e pimenta e um dente de alho se gosta. Deixar



lho sobre o qual espalhará uma porção de queijo ralado, colocar em cima o frango, regar com o res-



tante moinho e queijo, meter no forno a atestar bem corado e o moinho um pouco evaporado. Servir mor-



no. (Fica mais bonito o prato se conservar o frango inteiro). Sirva com salada de alface e tomate.

Melão com creme

Cortar pequenos melões ao meio. Tirar as pevides e esvaziar



cada metade. Cortar a polpa em pedaços pequenos e misturar com creme fresco açucarado, meter tudo nas cascas e servir muito frio.



(Para que a casca se conserve em pé, corte uma fatia em cada extremidade, sem contudo, furar o melão).

O único palhaço que fez uma fortuna



Grock morreu sem ter tido a satisfação de mostrar a sua singular e riquíssima vila a Charlie Chaplin.

A morte de Grock não representa apenas a perda de um dos maiores palhaços de todos os tempos; além de grande artista, Grock pode assinalar-se ainda por um facto extraordinário: foi o único palhaço que morreu pobre de rico. A sua «Villa Bianca», construída sem olhar a despesas, entre 1929 e 1932, é um prodígio das «Mil e Uma Noites». Não se trata, a bem dizer, de uma habitação, mas o monumento à glória de um grande artista de «music-hall».

Grock procurou, nela, juntar tudo quanto se pudesse imaginar de absurdo, de fora do comum. Conseguindo isso, construiu com todos estes elementos uma grandiosa casa como só um cenógrafo de «Moulin Rouge» seria capaz de conceber.

A sala de jantar tem nada mais e nada menos que duas fontes luminosas. Os vitrais do salão de música, amplos como os de um templo, estão cheios de figuras alegóricas e símbolos zodiacais. O salãozinho chinês foi criado pelo prestidigitador chinês do circo de Grock.

Se nos lembrarmos da miséria que premiou e premeia o final de vida de todos os grandes palhaços (Footi, imortalizado por Toulouse-Lautrec, morreu na miséria em 1921; Alberto Fratellini vive em Paris na mais extrema dificuldade) — a vista de tal explosão de magnificência causa enfartos. Ela é, porém, mais uma fantasia do célebre artista. Tais excessos de fantasia foram justamente realizados numa região de grande mediania artística. Grock foi sempre um original.

Até na sua vida. Porque na sua vida não havia espaventos. Casou duas vezes, vivia retirado em Onégia, na sua «Villa Bianca» e recebia poucos amigos. Mas em 10 de Ja-



neiro, dia do patrono do artista, havia sempre festa grossa — coisa a roçar com as «Mil e Uma Noites».

Uma visita a ele seria particularmente gostosa. Esperou-a sempre. E morreu sem a ter tido. Referimo-nos a Charlie Chaplin com quem mantinha velhos laços de amizade. De facto, as relações com Charlot vêm do tempo em que este era «clown» nas pantomimas de Fred Karno, nas «Folies Bergères», no mesmo espectáculo em que Grock era uma «vedeta». Depois voltaram a encontrar-se sobretudo nos últimos tempos em que Charlot, insta-

lado na Europa, passava as férias com os filhos e a mulher na Costa Azul. Ai se encontravam, ai entre-tinham longas conversas e sempre Grock convidava o seu ex-colega para uma visita a «Villa Bianca».

Charlot não lhe deu a satisfação de admirar todos os retratos de Grock derramados por todos os recantos da vivenda oriental — esculpidos em pedra, fundidos em bronze e em ferro.

Eram dois espíritos muito diferentes, como se calcula. A fama de Grock vai morrer com ele. A de Charlot ficará para sempre.

AS ILUDÊNCIAS APARUEM...

Onde menos se julga é que as parecenças surgem. Veja o leitor esta semelhança formidável! Até a expressão é igual. Certamente arrelhiados pelo mesmo motivo (sabe-se lá: fome? aborrecimento? fartos de comer todos os dias os mesmos «menus»?) os dois bebés procuram nova vida. (O tigre mais convencido do papel). Claro que o leitor dirá que todos os bebés



— humanos ou animais — se parecem. Pois sim. Mas também lhe diremos que são diferentes... Ora veja o pelo! Só os adultos é que são peludos como os tigres. As crianças têm apenas rabujice.

Se o conseguirmos, continuaremos a registar mais imagens de coisas parecidas... onde menos se espera.

DEFENDA A MEMORIA DOS SEUS OLHOS

Muitos oftalmologistas têm alertado o público acerca dos perigos do uso de certos óculos de sol.

Na verdade a escolha de lentes fumadas para defesa dos nossos olhos contra os perigos dos raios solares deve merecer de todos a mais séria atenção.

Já lá vai o tempo que se supunham benéficas todas as lentes escuras. Hoje sabe-se que a maioria dos óculos de sol vulgares enfraquecem a resistência dos olhos à claridade e que, diminuindo a visão, forçam a uma maior dilatação da pupila o que facilita a penetração dos raios prejudiciais à vista.

Felizmente que a óptica francesa, numa perfeita conjugação da boa técnica e da investigação científica conseguiu o fabrico de lentes filtrantes que não sendo muito escuras têm, contudo, a qualidade especial de absorver os raios ultravioletas e infravermelhos — os dois elementos perigosíssimos para os nossos olhos, causadores da maioria das doenças da vista.

Já se encontra à venda no nosso mercado esse maravilhoso produto da inteligência francesa em encantadores modelos que fizeram moda em Paris e estão a conquistar Lisboa e as praias de Portugal.



Amor
LUNETTES DE PARIS

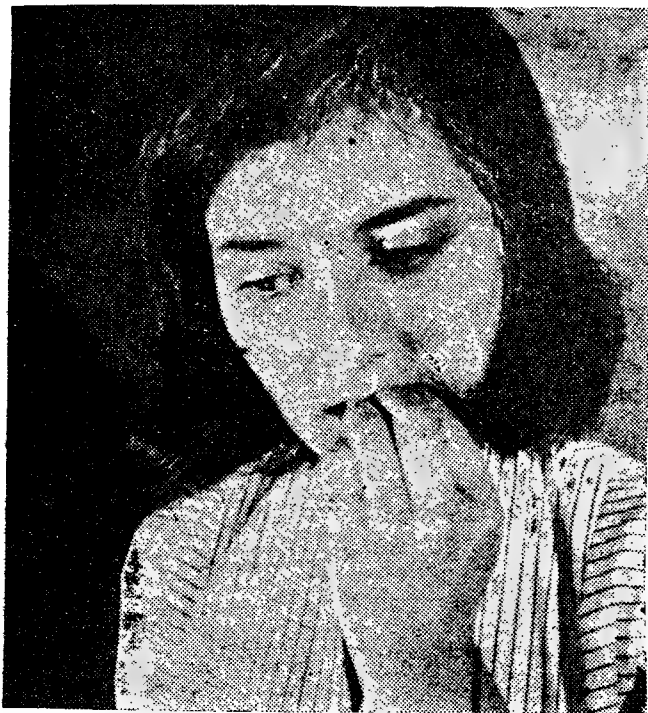
PARA PROTEGER DO SOL

Óculos **Sol-Amor**

Filtros FILTRAYS

que suprimem os raios ultravioletas e infravermelhos

VOCE



E' UMA ESPOSA IDEAL?



- | | | |
|---|-----|-----|
| 1. VOCE considera-se uma esposa abandonada quando ELE lê o jornal em vez de lhe responder? | SIM | NAO |
| 2. VOCE faz cara de nó cego quando ELE traz um amigo para jantar? | SIM | NAO |
| 3. VOCE só se veste a preceito quando vai á rua? | SIM | NAO |
| 4. VOCE faz escavações desconfiadas na agendazinha que ELE traz no bolso? | SIM | NAO |
| 5. VOCE ameaça-o com o cancro do fumador sempre que ELE traz á boca um novo cigarro? | SIM | NAO |
| 6. VOCE toma o partido dos filhos contra ELE? | SIM | NAO |
| 7. VOCE responde invariavelmente (com ar trágico): «Ai filho estou tão cansada!» — sempre que ELE resolve ser migueirinho consigo? | SIM | NAO |
| 8. VOCE fulmina-o com um olhar mortal sempre que ELE repete o disco da sua anedota preferida? | SIM | NAO |
| 9. VOCE encolhe os ombros sempre que ELE tagarela com entusiasmo do Benfca ou da Amália? | SIM | NAO |
| 10. VOCE escolhe as gravatas d'ELE sem o consultar se «gosta ou não»? | SIM | NAO |
| 11. VOCE diz-lhe amiudadas vezes: «Muita sorte tiveste em arranjar uma mulher como eu?» | SIM | NAO |
| 12. VOCE sente prazer em lembrar-LHE os progressos da calvície? | SIM | NAO |
| 13. VOCE gosta de LHE pôr a careca á mostra diante de amigos ou da sua família (da sua, de VOCE, claro)? | SIM | NAO |
| 14. VOCE serve-LHE todas as noites o prato de todos os pequenos aborrecimentos que passou durante o dia (a criada, a mulher a dias, o chefe da secretaria, etc.)? | SIM | NAO |
| 15. VOCE faz cenas de ciúmes (ou arma bronca, em casa) quando ELE dirige uma graça a uma das vossas amigas? | SIM | NAO |
| 16. VOCE autoriza sistematicamente aos filhos uma coisa que ele proibi? | SIM | NAO |
| 17. VOCE é daquelas que dizem: «Ah! se as mulheres soubessem o que lhes aconteceria, não casariam, não?» | SIM | NAO |
| 18. VOCE esquece-se de LHE coser o botãozinho do colarinho da sua camisa preferida? | SIM | NAO |
| 19. VOCE nunca lhe traz o pequeno almoço á cama, ao domingo? | SIM | NAO |

Antologia do fantástico e da ficção

Estive na reunião do Conselho Superior ontem á noite. Passei duas horas a ouvir a conversa fiada dos delegados. Marte parece ter-se tornado numa feira em que todo o problema degenera em discussão. Devo dizer que estive quase a dormir; não há coisa melhor para me fazer sono do que uma boa conversinha no Conselho. Tinha os olhos abertos mas já não via a Assembleia. Pensava noutra coisa. Voltei a algumas dezenas de anos atrás...

UMA NOVA MUNDU

Começava então a minha profissão e ainda não era jornalista parlamentar. Enviaram-me á Terra, mundo dos Homens, no momento da sua destruição.

Fui materializado nos Campos Eliseos, em Paris, na esplanada de um café e ocupei corpo e alma de um terrestre que lá estava sentado. Aqui para nós, é uma impressão bastante estranha sentir esta dualidade de existência: sermos nós mesmos e ocupar o corpo e o espírito de um outro ao mesmo tempo.

Estava quente. Era pelo meio da tarde. Uma multidão bem disposta passava pela avenida. Um ruído de vida cidadã rolava docemente.

Subitamente, lembro-me, o anúncio foi feito. Não se ouvia qualquer barulho exterior, mas uma voz interior repetia a todos:

— Atenção. Atenção. Dentro de um quarto de hora o vosso mundo desintegrar-se-á.

Os homens entreolharam-se, espantados. Em toda a Terra, á mesma hora e em todas as línguas, uma voz interior clamava:

— Atenção. Atenção. Dentro de um quarto de hora o vosso mundo desintegrar-se-á.

Haverá sempre cépticos.

Atrás de mim, alguém disse:

— Ouviste, ou estarei com alucinações? Ele sempre há cada uma...

Os que tinham uma inclinação para o maravilhoso sentiram o coração bater mais rapidamente, pois estavam excitados.

Mas os homens ainda não acreditavam no acontecimento.

Então vibrou o segundo apelo:

— Atenção. Atenção. O vosso mundo desintegrar-se-á dentro de um quarto de hora. Isto não é uma brincadeira. Olhem para os relógios. Onde quer que estejam e seja qual for a hora, exactamente dentro de dez minutos os vossos relógios pararão, assim como todos os relógios da Terra.

Inumeros foram os que arregaçaram a manga ou tiraram um relógio da algibeira; olhares de incompreensão se cruzaram.

Tinha necessidade de ficar ali. Tomei posse completa do homem que habitava. E, a partir desse momento, foi apenas um instrumento nas minhas mãos.

Sabia agora que era um escritor, e mesmo um escritor célebre. Chamou o criado e pediu-lhe papel. O outro trouxe-lho rapidamente, sem compreender. O homem começou a descrever as suas sensações. Mas eu tinha obturado nele toda a percepção verdadeira e racional, pelo entendimento, do mundo exterior. Ele não reparava que eu lhe comandava todas as reacções e que era habitado por outra alma. Escrevia que, no momento do fim do mundo, queria afirmar a filosofia que o guiara até ali. Notou que um criado de café fugia, atirando fora o casaco e afirmando que era livre, o que eu não pensei mesmo em discutir.

Mas passava-se qualquer coisa á sua volta. Notei imediatamente a cena: um homem levantou-se após ter encolhido os ombros e quis ir-se embora. Um dos criados deteve-o e disse-lhe:

— O senhor não pagou...

O cliente virou-se e deu uma gargalhada.

— Mas não ouviu que é o fim do mundo? Que lhe pode interessar que eu pague ou não pague?

— Isso não interessa — disse o criado — fim do mundo ou não, ou paga ou chamo um polícia.

O barulho aumentou. A discussão parecia espantar as gentes que erguiam os olhos para o criado e para o homem, de pé e ainda sorridente.

— Mas, meu velho, é o fim do mundo, está tudo acabado...

Fez um gesto com a mão para mostrar que está tudo de facto acabado.

O criado parecia pertencer a essa raça de domésticos superiores que não são bem educados ou obsequiosos senão quando esperam boa gorjeta.

Agarrou o homem pelo braço e rosnou.

— Vamos, ou paga ou chamo um polícia; não me faça perder tempo.

O outro encolerizou-se bruscamente e o rosto pôs-se-lhe vermelho.

— Não tenho relógio — disse o polícia — e não sei nada dessa história. Não quer pagar? Bem. Então vai para a esquadra. Agarrou brutalmente o homem por um braço. O outro libertou-se, gritando:

— Deixe-me sossegado, o senhor está maluco. Dentro de cinco minutos vai tudo pelos ares.

— Nada de resistência. — disse o polícia com voz dura.

O criado ofereceu-se:

— Vou ajudá-lo, senhor guarda.

O cliente disse ao polícia, num tom tenso:

— Largue-me, ou bato!

— Ah! Temos valentão, ein? — disse o polícia.

Levou a mão ao cacetete, sem largar o homem.

Este deu-lhe imediatamente um violento soco no nariz e, sem transição, entre grande desordem, a pancadaria se generalizou.

Nesse momento libertei-me do corpo do meu escritor e aquele mundozinho fútil foi subitamente desintegrado em pleno exercício da sua idiotia.

Eis no que eu pensava ontem, na reunião do Conselho Superior. Quem sabe se, de um momento para o outro, não ouviremos nós também uma voz interior clamar:

Atenção, atenção. O vosso mundo desintegrar-se-á dentro de um quarto de hora... Pensem nisso, senhores Delegados e deixem-se das vossas discussões inúteis.

Jean-Jacques Olivier oferece-nos neste segundo conto da nossa antologia uma breve e realista visão de um fim possível do nosso Mundo em que um amargo senso de humor se alia a uma certa crítica a determinados ridículos inerentes à nossa sociedade.

— Não tenho relógio — disse o polícia — e não sei nada dessa história. Não quer pagar? Bem. Então vai para a esquadra. Agarrou brutalmente o homem por um braço. O outro libertou-se, gritando:

— Deixe-me sossegado, o senhor está maluco. Dentro de cinco minutos vai tudo pelos ares.

— Nada de resistência. — disse o polícia com voz dura.

O criado ofereceu-se:

— Vou ajudá-lo, senhor guarda.

O cliente disse ao polícia, num tom tenso:

— Largue-me, ou bato!

— Ah! Temos valentão, ein? — disse o polícia.

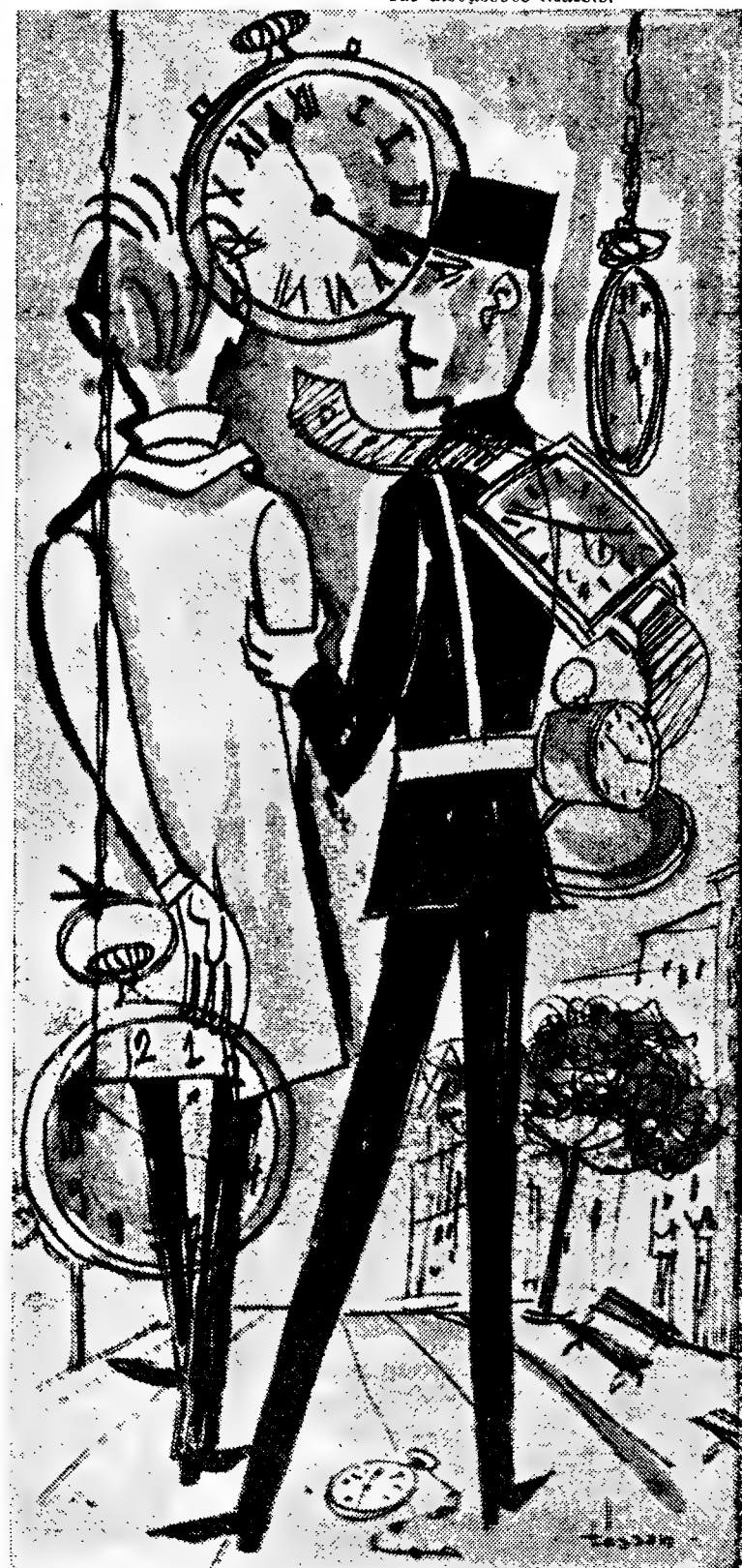
Levou a mão ao cacetete, sem largar o homem.

Este deu-lhe imediatamente um violento soco no nariz e, sem transição, entre grande desordem, a pancadaria se generalizou.

Nesse momento libertei-me do corpo do meu escritor e aquele mundozinho fútil foi subitamente desintegrado em pleno exercício da sua idiotia.

Eis no que eu pensava ontem, na reunião do Conselho Superior. Quem sabe se, de um momento para o outro, não ouviremos nós também uma voz interior clamar:

Atenção, atenção. O vosso mundo desintegrar-se-á dentro de um quarto de hora... Pensem nisso, senhores Delegados e deixem-se das vossas discussões inúteis.



DIA 15

EM PORTUGAL — Anuncia-se que a Fundação Gulbenkian vai ampliar a sua acção ao Brasil. * Em Luanda o eng. Vaz Pinto, presidente dos T. A. P., tratou da melhoria das ligações aéreas entre o continente e o Ultramar. * Nas Caldas da Rainha, o cavaleiro Simão da Veiga foi acometido de doença súbita, quando acabava de tourear o 1.º touro. * No Estoril começou o X Concurso Internacional Canino. * Efectuou-se o funeral dos dois bombeiros mortos no incêndio de S. Domingos.

NO ESTRANGEIRO — Um furacão no Sul do Brasil causou 60 mortes. * No colóquio da Baía foi preconizado um mais vasto intercâmbio luso-brasileiro. * Fidel Castro acusou os Estados Unidos

de hostilizarem a República de Cuba. * Na União Sul Africana registaram-se novos incidentes com os negros. * Anuncia-se que na Birmania foi descoberto um elefante branco.

DIA 16

EM PORTUGAL — O Presidente da República assistiu ao festival de vela na baía de Cascais. * Em Coruche foi inaugurado o busto do antigo ministro Luís Alberto de Oliveira. * Em Luanda, as festas da cidade tiveram grande brilhantismo. * A Polícia comunicou que o vendedor de jornais Augusto da Silva Costa foi morto à navalhada por uma mulher. * Em Peniche foi inaugurado o IV acampamento nacional de campismo. * Terminou a exposição canina do Estoril.

NO ESTRANGEIRO — A França mostra-se inquieta e discordante das visitas Kruchchev-Eisenhower. * Morreu o almirante William Halsey, de 76 anos, herói da guerra do Pacífico. * O francês André Darrigade conquistou o título de campeão mundial de ciclismo. * O rei Balduino dos belgas mostrou-se alegre e dançou animadamente em Saint-Tropez. * No Rio de Janeiro morreu o general-aviador Newton Braga. * A Espanha, em San Sebastian, venceu Portugal em atletismo, por 120-94.

DIA 17

EM PORTUGAL — O Presidente da República condecorou com a Grã-Cruz de Benemerência o sr. Godinho de Campos, de Galveias, pela Fundação Maria Clementina Godinho de Campos. * Iniciou-se, a bordo da «Sagres», o XI Cruzeiro Marítimo. * Foi homenageado pelo pessoal da Intendência o major Silva Pais pelo 12.º aniversário da sua posse. * Em Goa verificaram-se duas explosões. * Em Viana do Castelo foi inaugurada uma exposição de arte moderna. * Em Oleiros caiu um avião de treino e morreu o piloto. Francisco Henrique Alves.

NO ESTRANGEIRO — No colóquio luso-brasileiro, o reitor da Universidade da Baía salientou o valor da civilização portuguesa «imperecível». * Morreu a gravista e musicógrafa Wanda Landowska. * Na União Sul Africana continuam os distúrbios. * Em Bruxelas afirma-se que os países da N. A. T. O. exporão os seus problemas antes da conferência Eisenhower-Kruchchev. * No Rio de Janeiro faleceu o marechal José Pessoa, de 74 anos.

DIA 18

EM PORTUGAL — Deixou Angola, a caminho de Lisboa, o governador-geral, coronel Sá Viana Rebelo. * Partiu para Espanha o sr. cardeal-patriarca de Lisboa. * O ministro dos Negócios Estrangeiros ofereceu um almoço à jornalista francesa madame Genevieve Tabouis. * Nos jardins do palácio de Queluz foi inaugurado o III Festival de Sintra. * Em Bragança principiou o colóquio dos Estados Bragançanos. * Recomeçou o culto na igreja de S. Domingos.

NO ESTRANGEIRO — Um abalo de terra fez sentir-se no Noroeste dos Estados Unidos. Há vários mortos. * Nova York esteve sem luz durante 13 horas. * O embaixador de Portugal no México entregou as suas credenciais. * Na conferência económica interzonal do franco tratou-se da possibilidade de aumento do consumo do café.

EM PORTUGAL — Um despacho do ministro da Saúde anuncia a construção de dois hospitais para substituir os do Rego e Arroios. * Foi celebrada em S. Domingos a

primeira missa, depois do incêndio. * Nas Caldas da Rainha morreu o cavaleiro tauromáquico Simão da Veiga Junior. * O matador de touros Manuel dos Santos foi colhido com gravidade em Algés. * Os industriais da pesca do bacalhau expuseram ao secretário do Comércio a situação crítica em que se encontra aquela indústria.

NO ESTRANGEIRO — No Estado de Montana continua a fazer-se sentir os abalos de terra. * Perto de Barcelona caiu um bimotor inglês, morrendo os 32 tripulantes. * Continua tensa a situação no Natal. * Nas montanhas da Austria morreram, numa tempestade de neve, seis jovens. * Em Londres, o embaixador da França protestou contra alguns artigos da imprensa inglesa relativos à posição da França.

DIA 20

EM PORTUGAL — Chegou a Lisboa o general Fulgêncio Baptista, antigo presidente de Cuba que vai viver na Madeira. * Terminou a Volta a Portugal em bicicleta, com a vitória de Carlos Carvalho, do F. C. do Porto. * Chegaram a Lisboa, vindos de Londres, os noivos relampago: Mário Duarte e Maria da Graça Valadas Marques. * Foi assinado contrato entre a Cai-

xa Geral e o ministro da Defesa visando a construção de casas económicas para as forças armadas. * Na Câmara Municipal anunciou-se que o Município resgatara o Mercado Geral de Gados. * No Alentejo começou a construção de um petroleiro de 27.000 toneladas.

NO ESTRANGEIRO — Anuncia-se que em Washington será discutida a atitude de de Gaulle e da França em relação à N. A. T. O. * Na Pérsia houve manifestações antisoviéticas. * Anuncia-se que o embaixador Assis Chateaubriand deu entrada numa casa de saúde.

EM PORTUGAL — Em Lisboa, o funeral de Simão da Veiga realizou-se com grande acompanhamento. * Começaram os treinos para o Grande Prémio de Portugal. * O general Fulgêncio Baptista recebeu alguns jornalistas no Hotel Ritz.

NO ESTRANGEIRO — Desapareceu no Atlântico um bombardeiro britânico, com 5 tripulantes a bordo. * Morreu em Londres o grande escritor Jacob Epstein, de 78 anos. * Os Americanos abandonaram as tentativas para recuperar a cápsula do foguetão do satélite «Descobridor VI».

HOMENS E BICHOS

Os cães através da história

por FERNAND CRÍQUI

A felicidade duma privação voluntária da liberdade pode parecer paradoxal... É a felicidade, a primeira vista discutível, de querer um dono absoluto! No entanto, é a esta a felicidade a que aspiram todos os cães do Mundo. Não querem saber se o dono é bom e compassivo ou, pelo contrário, exigente e cruel. A presença e a autoridade dum chefe, isso sim, torna-se-lhes indispensável.

Na verdade, é estranho o destino deste animal doméstico que, foi o primeiro a aproximar-se de nós, nos tempos mais recuados da história. Depois, o cão adaptou-se tanto aos homens que, hoje em dia, ele apenas sabe viver para o homem e pelo homem, quando não acontece morrer por ele! Tão longe quanto se possa remontar à aventura humana, quer se trate do útero das cavernas ou dos primeiros sinais do homem civilizado, o cão está presente, pronto a servir, a amar e a obedecer.

De que tipo foram os primeiros cães?

Naturalmente, a imaginação vagueia ao fazer esta pergunta. De que género de cães se trata? Haveria de princípio um tipo bem definido de cão? Era grande? pequeno? destituído de pelo? hirsuto? Os sábios ainda não chegaram a acordo sobre este assunto. Só uma coisa é certa: todos os cães domésticos, qualquer que fosse a sua forma, cor ou altura, adquiriram rapidamente as suas qualidades de devoção e fidelidade... E, no entanto, a sua aparência difere duns para outros. Nenhuma outra espécie apresenta tantas diversidades e variedades como a espécie canina. Quantas transformações e misturas teria havido para que, do mesmo «molde», tivessem surgido, por exemplo, o minúsculo Chihuahua e o Terra-Nova!

Como são possíveis tais dissimilhanças? Como se formou esta colecção sem fim de bull-dogs, pekinóis e S. Bernardos?

Pretender abarcar num só relance a história das raças, (através de todos os documentos, desenhos, esculturas e pinturas que nos deixaram as gerações sucessivas) é tão impossível como contar nalguns minutos a história da humanidade!... Contentemo-nos em conhecer os ramos mais importantes desta árvore

genealógica cuja representação completa exigiria volumes inteiros.

Os primeiros lobos domesticados na pré-história, postos de parte alguns cães, são a origem das raças actuais dos cães civilizados.

De princípio, encontram-se duas o dogue dos Assírios e o galgo da Mesopotâmia. O primeiro (o grande molosso assírio) era já conhecido 5.000 anos antes de Cristo. Há vestígios da sua existência nas primeiras inscrições cuneiformes onde o mesmo sinal marca cão e os escravos ou servos. Isto quer dizer que o seu papel estava bem delimitado. Tratava-se dum cão pesado, cheio de força, sombreado de pelo e alto, com grandes orelhas caídas. Este cão não estava, portanto, habituado, depois de muito tempo, a erguer uma orelha inquieta. Não era um animal recioso e constantemente atento. Donde vinha ele?

Das montanhas da Índia Setentrional e desse Tibete misterioso donde partiram, igualmente, os homens de coloração branca, preta e amarela — esse Tibete que parece ter sido o berço do Mundo! Quando levaram esses cães peludos para os vales, eles adaptaram-se mal, sofreram terrivelmente com o calor. Sómente quando os persas chegaram à Mesopotâmia, houve o cuidado de tratá-los e de fazê-los reproduzirem-se. Em que se transformaram estes cães? Hoje em dia, mesmo no país da sua origem, quase se ignora a existência destes primeiros cães que provavelmente seria discutida, se não tivessem permanecido os vestígios em vasos, jarra e baixo-relevos.

Depois, numa época em que o destino dos povos do Ocidente é ainda muito vago, aparece no Médio-Oriente uma civilização que também tem o seu ponto de partida na Mesopotâmia e que, graças à fecundidade do rio Nilo, brilhará com toda a incandescência: o Egipto. O antigo Egipto que se tornou rapidamente uma potência rural e de criação de gado, conheceu bem o cão. Além do galgo, o cão parece não ter representado um grande papel, junto dos Faraós. Mas este galgo de orelhas direitas, rocinho estreito e cauda enrolada, tem uma silhueta elegante que difere muito da do passado molosso dos Assírios! Foi este mesmo galgo que originou mais tarde o Gloughi (ou gal-

(Continua na 3.ª página)

União Soviética

SUPERFÍCIE — 22.080.000 quilómetros.

POPULAÇÃO — 207.000.000 de habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Moscovo (7.000.000 habitantes, capital); Leningrado (4.200.000 habitantes); Kiev (991.000); Baku (901.000); Karkov (877.000); Gorki (876.000); Tashkent (778.000); Kuibishev (760.000); Novosibirsk (731.000); Sverdlovsk (707.000); Tiflis (635.000); Stalino (625.000).

CLIMA — O clima é o mais variado dada a enorme extensão do território que vai desde o Pacífico-norte até o Mar do Norte, abrangendo a extensão infinta da Sibéria gelada durante grande parte do ano. O clima mais ameno é o das margens do Mar Cáspio onde se encontram as estâncias de Verão e de Inverno dos Russos.

MONTANHAS — Há muitas cordilheiras e picos vulcânicos. A maior altitude do território é o pico Stalin, de 7.500 metros na cordilheira Zaalaiski, contraforte da meseta de Pamir. O segundo pico em altitude é o pico vulcânico do Elbrus, de 5.628 metros, e o Dikh-Tau, de 5.197 metros, no Cáucaso. As montanhas dos Urais têm 2.000 quilómetros de extensão, na direcção Norte-Sul.

RIOS — Os rios da União Soviética estão grande parte do ano congelados. Na Sibéria essa congelação vai a nove meses durante o ano. O Volga que desagua no Mar Cáspio, tem 3.685 quilómetros de extensão; o Ural que desagua no Cáspio tem 2.520 quilómetros; o Dnieper que desagua no Mar Negro conta 2.136 quilómetros. O Obi, de 4.000 quilómetros, o Jenissel de 3.800, o Lena de 4.500, o Amur de 4.550 quilómetros, são da Sibéria.

GOVERNO — A constituição russa é de 1936, cuja função legislativa é do Soviete Supremo, constituído por duas camaras: o Soviete da União, de 736 deputados eleitos por 4 anos; e o Soviete das Nacionalidades, com 25 deputados eleitos por cada república e também por 4 anos. O Soviete Supremo elege o Presidium (1 presidente, 16 vice-presidentes e 15 vogais), e também o Conselho de Ministros.

O presidente do Presidium é o marechal Clemente Vorochilov. O presidente do Conselho é N. S. Kruschchev. O país é dividido em 15 repúblicas.

EDUCAÇÃO — A educação primária é livre e obrigatória, sendo o ensino gratuito até o 7.º ano. Há 1.800.000 professores. Há 400.000 bibliotecas, com 1.351.000.000 volumes. A universidade de Moscovo foi fundada em 1755, ano do terramoto de Lisboa.

AGRICULTURA — O sistema socialista de propriedade é a base da economia do país, 85% da população vive da economia agro-pecuária. Na Rússia Europeia e na Transcaucásia encontram-se 82% das terras cultivadas do país. A pecuária compreende 70.400.000 bovinos, 129.900.000 ovelhas, 56.500.000 porcos e 10.900.000 cavalos.

A industrialização do país procura conseguir a produção de todos os artigos necessários à vida. Máquinas e ferramentas, têxteis, cimento, produtos químicos, papel e celulose, ferro e aço.

REDE FLUVIAL — A rede navegável é de 132.000 quilómetros.

CAMINHOS DE FERRO — 120.700 quilómetros.

ESTRADAS — 1.366.836 quilómetros.

ENERGIA ELECTRICA — 192.000 milhões de Kwh.

RELIGIÃO — A constituição garante a liberdade de cultos, mas o estado propaga o ateísmo.

MOEDA — A moeda russa é o rublo.

LÍNGUA — As línguas das diversas nacionalidades estão em igualdade de circunstâncias. O russo é a língua de 58,4% dos habitantes.

DIÁRIO DE LISBOA

Não se esqueça do seu amigo e fiel companheiro de todas as tardes.

Diário de Lisboa

assegurando o seu envio diário para as praias, termas ou campo, pelo regime especial de

Assinaturas de Verão

que podem ser pedidas, desde já, nos nossos escritórios, Rua da Rosa, 57, 2.º.

10 dias	...	10\$00
20 dias	...	20\$00
30 dias	...	30\$00

A FIGURA DA SEMANA

Paul Spaak

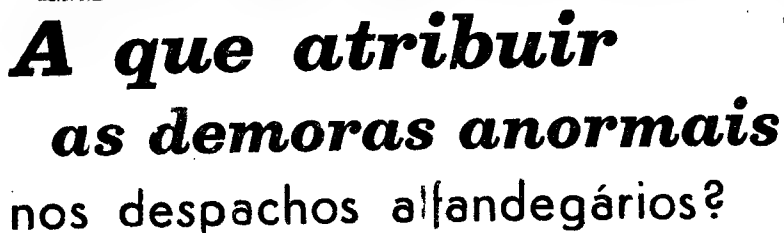


PAUL SPAAK

Durante a sua visita à Europa, o presidente Eisenhower conferenciou com os chefes de Governo de vários países — Grã-Bretanha, Alemanha, França e Itália — a fim de conhecer os seus pontos de vista na véspera das conversações que, em meados de Setembro, iniciará com o presidente do Conselho soviético, Kruchchev, as quais se atribui excepcional importância. Falará também com o secretário-geral da N. A. T. O., sr. Spaak, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros e presidente do Conselho da Bélgica. Embora filiado no Partido Socialista, este não se mostrou nunca um militante irredutível das ideias que, desde novo, perfilhou.

A pedido do general de Gaulle, ficou estabelecido que nas conversações Kruchchev-Eisenhower este último falará apenas em nome dos Estados Unidos, não implicando essas conversações a responsabilidade dos países europeus signatários do Pacto do Atlântico. O presidente acedeu ao pedido, pois assim se liberta de responsabilidades que, de outra forma, lhe seriam atribuídas se, no prosseguimento das negociações que se tornaram inevitáveis entre os Estados Unidos e a União Soviética, algum daqueles países fosse afectado nos seus interesses ou aspirações.

O caminho áspero que terá de percorrer ficou limpo de um obstáculo sério. Em nome dos países atlânticos falava o secretário-geral da organização, baseado no pacto de Abril de 1949. O sr. Spaak pouco mais poderá fazer do que exprimir junto do seu interlocutor, votos e manifestar desejos, pois não dispõe de poder efectivo para fazer outra coisa. De forma que, além da Alemanha, da Grã-Bretanha e da França, os restantes membros da N. A. T. O. não estarão praticamente presentes no diálogo dos Estados Unidos com os seus aliados europeus, diálogo que pode acarretar consequências graves para todos e para cada um deles.



O turismo no continente africano

(«Notícias», de Lourenço Marques)

(«Notícias», de Lourenço Marques,

Caso a ponderar

(«Diário do Alentejo», de Beja)

Setúbal e os problemas

(«Setubalense», de Setubal)

A Madeira collection

O Eufaneense que vem à Metrôpole, nunca sabe quando pode regressar. Pede, move influências, incomoda amigos, até que verifica o milagre, de ir, lhe permitem embarcar sem acomodação e sem direitos, autorizando-se-lhe ir comer à 2.ª classe em regime de favor. Só é tratado como passageiro nos barcos estrangeiros onde, por ironia do destino, não é difícil conseguir-se, até ao limite da lotação, passagem idêntica àquelas que se vendem a qualquer pessoa, sem se olhar à origem ou destino da viagem.

(Boletim da Casa da Madeira, de Lisboa).

As sombras da história e da arte na praça San Martín de Paris

por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

Vida musical

Concertos de Verão

FRANCINE BENOIT

PIANOS

Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95 Rua Nova do Almada 99
LISBOA

Pouco depois, sabia Paris do malogro definitivo do seu herói, do incêndio de Moscovo e da retirada definitiva dos seus cinco mil bravos! A retirada sobre as águas geladas do Beresina já não conta heróis, só conta fugitivos ao bravo exército do imperador Alexandre que, muito depois, mal queria acreditar que o acaso, mais do que a sorte, lhe houvesse aberto a estrada do Poder.

O regresso dos Bourbons

Mas só então. Entretanto, mante-
ria esse grande orgulho, o de dar
um filho à França, e de a deixar
com ele, o que Napoleão I não com-
seguiu. Era o renascer das velhas
dinastias, era o ressurgir das ve-
lhas esperanças nesse país onde as
esperanças se acumulavam e caíam
como as gerações dos decaídos ro-
mânticos, numa inesperada flora-
ção de tolerantíssimas exceções.

A arte de Talma

Ainda hoje, ao surgir um ente excepcional como D. Jacinto Benavente, seu pai, aliás um médico ginecologista distintíssimo, ficou muito surpreendido por aquele ser o seu último filho, acanhado, quase disforme, incapaz de ver nele as boas saas do gênio que salvaria o teatro espanhol de uma decadência que parecia inevitável. E o *niño* empregou os seus primeiros engenhos produzindo o que sem dúvida Lope de Vega Carpio não enjeitaria, dando de mostras daquela originalidade que, mais tarde, pôs também nos seus amores.

O «DIÁRIO DE LISBOA» vem
de-se, em MOSCAVIDE, na Agen-
cia de Jornais de Jaime Santos,
Rua Laureano de Oliveira, 40-A.

CAPITAL

Empréstimo s/ automóveis ou prédios em 1.^a hipotecas nas melhores condições:

A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito
S. A. R. L.
Sede em Lisboa na Av. da Liberdade, 3-2.^o
Coimbra: R. Ferreira Borges, 15-2.^o
Porto: Praça da Liberdade, 12-2.^o

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

NA sua pequena ourivesaria, em St. Joseph, o velho Aaron Goldberg foi derrubado com uma violenta coronhada na cabeça e caiu pesadamente, soltando um rouco gemido. O jovem bandido voltou-se, depois, para o filho de Aaron e abateu-o da mesma maneira. Em seguida, o agressor e o seu cúmplice encheram as malas de mão com joias e relógios e saíram a correr.

Naquela nevada e álgida noite de Dezembro, o rasto dos facinorosos parecia completamente perdido, quando o investigador-chefe, W. H. Hetherington, e os seus ajudantes chegaram ao local do crime, onde nem sequer conseguiram obter uma descrição deles, o que mais complicava as coisas. O velho Goldberg sucumbira sem ter recuperado os sentidos e o filho só podia dizer que eram dois homens novos, com fatos escuros. Era, pois, um desses crimes que só se podem descobrir a custa de paciente trabalho — e com sorte.

— Pelas malas de mão que os bandidos traziam, deduz-se não serem da cidade — ponderou o chefe Hetherington —. Deviam ter estado o campo de acção, antes de darem o golpe. Mas é possível que tenham estado nalgum sítio onde reparassem neles. Vejamos o que conseguem descobrir!

A dedução do «detective» era lógica, pois o dono de outro estabelecimento em St. Joseph informou que se assustara com a presença de dois homens mal encarados, os quais lhe apareceram dois dias antes:

— Um deles comprou-me um casaco usado e deixou o que trazia, por sinal com um grande buraco feito pela ponta de um cigarro.

— E onde está este casaco?

— Vendi-o juntamente com a roupa usada!

Dai a pouco os investigadores já sabiam quem fora o comprador e encontraram o casaco queimado, que examinaram cuidadosamente, descobrindo, apenas, como indicação, a etiqueta de um estabelecimento de Hamilton.

— A esta hora, naturalmente, já fugiram da cidade — disse Hetherington —. Procurem saber se alguém os levou a qualquer parte!

Um motorista de táxi forneceu-lhes uma pista. Lembrou-se de ter conduzido dois indivíduos com malas de mão ao restaurante «Harmony», perto da estação, onde uma criada sabia mais alguma coisa, incluindo os nomes deles.

— Estiveram aqui por várias vezes — disse ela —. Chamam-se Bill e Jim. A este faltam-lhe as pontas de dois dedos em cada mão, devido a um desastre com uma máquina agrícola, segundo me disse!

— Vieram cá na noite de dezasseis de Dezembro?

— Vieram sim! E até me deram esta pulseira — informou a rapariga, mostrando o objecto roubado na ourivesaria de Goldberg —. Disseram-me que iam apanhar um comboio de mercadorias.

Os agentes John Duncan e Edward Eads souberam que, efectivamente, passara ali o referido comboio às dez horas e quarenta e cinco minutos daquela noite. Puseram-se em contacto telefónico com o pessoal da composição e um funcionário disse saber de quem se tratava, acrescentando que ambos saíram em Easton.

—

Para aquela cidade se dirigiram os investigadores e ali descobriram um hotel barato onde os fugitivos haviam pernoitado. Tinham, porém, desaparecido — e a pista sumia-se. Eads resolveu conferenciar com o chefe Hetherington, que decidiu:

— Vamos revistar todas as casas que alugam quartos, perto do restaurante «Harmony». Pode ser que dê algum resultado...

A busca lançou-os em nova pista: uma das donas dessas casas disse que William Newell e James Buck dormiram lá, inculcando-se motoristas de St. Louis á procura de trabalho. Acrescentou que Buck tinha dois dedos mais curtos.

Foram despachados telegramas para a Polícia de St. Louis, mas a resposta foi desanimadora, pois não havia motoristas registados na cidade com tais nomes. Assim falhava, também, a segunda pista.

Decididos, contudo, a esclarecer o bárbaro assassinio do velho ourives, os agentes procuraram uma

terceira pista e concentraram a sua atenção, em primeiro lugar, no casaco queimado.

— Talvez estivessem apenas de passagem em Hamilton quando compraram este casaco — conjecturou Duncan —. Mas pode ser, também, que vivessem lá! Sabemos

Com dois dedos amputados não se escapa aos «detectives»

Texto integral

do conto de

FRED DICKENSON

que um deles foi operado a uma das mãos e isso deve estar registado!

Duncan e Eads foram a Hamilton e percorreram os hospitais, onde não havia, porém, qualquer referência á amputação de dois dedos a um rapaz, naqueles últimos anos. Começaram, então, a visitar os médicos e já tinham ouvido uns seis, quando, interrogando outro, repararam que lhe brilhavam os olhos, ao falarem-lhe no assunto.

— Sim! Lembrou-me de um caso desses, ainda não há um ano!

Examinou as suas fichas e acrescentou:

— Foi um indivíduo chamado James Buck. Tenho aqui a sua direcção!

Acompanhados por alguns poli-

cavam, porém, que o fogo era mantido de um lado e de outro.

Dai a pouco, a certa distancia da casa, James Buck deitou fora o revólver, já descarregado, e entregou-se. O jovem bandido revelou que Newell, o seu companheiro, se escondera em St. Joseph, sob nome suposto.

Newell, não tardou a cair nas mãos dos agentes e confessou ter sido ele quem descarregara os golpes mortais no joalheiro.

Um ano depois de terem cometido o crime, foram ambos condenados a prisão perpétua na Penitenciária de Jefferson City, onde Newell morreu, decorridos dezasseis anos, e Buck, depois de vinte e seis de cativeiro, foi solto, condicionalmente, mas deu a alma ao Criador daí a dois anos.

Homens e bichos

(Continuação da 1.ª página)

go de Africa), o Charingue (ou galgo da Provença) e o galgo (ou galgo de Espanha).

O galgo reinou assim durante muito tempo, até que apareceu uma nova raça: o Teckel. Este pequeno «basset» dos nossos dias, feitas as contas, não seria mais do que um galgo que sofreu privações e hostilidades do meio ambiente. O encantador e pequeno companheiro deve ter surgido um dia por uma dessas fantasias da Natureza que se chamam «mutações bruscas». Dai em diante, ele teve um lugar apreciável nos baixos relevos e pinturas egípcias, ao lado do galgo, seu parente.

Ao Egito segue-se a Grécia. Inspirando-se em duas grandes civilizações (Babilónia e Egíptio), a Grécia Antiga dedicou-se á reprodução dos animais, criou raças, resultantes do molosso e do galgo. Apareceram cães pastores, cães de guarda e cães de caça, quase todos do mesmo tipo: uma espécie de cão-lobo com a cauda enrolada que se assemelhava muito aos cães nórdicos modernos. Entretanto, Alexandre O Grande, vitorioso, trouxe da Índia os famosos molossos assírios. Após um curto eclipse, a raça desenvolveu-se na Macedónia. Foi ela que originou os primeiros cães de ataque do exército...

Os romanos, descobrindo estes animais corajosos que lançavam o terror nas nossas inimigas, adoptaram-nos com entusiasmo nas suas campanhas, além dos Alpes... Os seus descendentes tornaram-se os antepassados dos S. Bernardo, dos «danois» e, possivelmente, de todos os cães sólidos, desde o Mastiff ao Terra-Nova, passando pelo «Bob-tail» da Escócia.

A França,

berço dum cão de caça

Por seu lado, os Gauleses não ficaram indiferentes á utilização dos cães. Por uma vez, os nossos antepassados mostraram-se avançados. A arte e a poesia não os inquietavam ainda mas, mestres consumados na arte da caça, utilizavam um cão de altura média, músculos de aço e dentes de lobo, que tinha nas suas veias o sangue dos cães das cidades lacustres e o sangue de certos cães do Egíptio (do género chacal apurado).

Foi, portanto, em França, indistintamente, que nasceu o verdadeiro movimento a favor do cão de

caça: ali se desenvolveu o «cão corredor», esse cão que não procura apanhar a caça pela rapidez (como o galgo), nem pela paciência (como os cães enormes), mas que a persegue com uma tal tenacidade que o animal, abatido pela fadiga, acaba cedo ou tarde por se deixar vencer.

Quando os romanos invadiram as Gálias, descobriram espantados este genero de cães e esta modalidade de caça. Seduzidos por este animal robusto, de pelo espesso e longas orelhas, eles dedicaram-se a multiplicá-los, a apurá-los. É esta raça que se encontrará mais tarde na origem dos grandes cães negros de St. Huberto, os quais entraram no cruzamento de quase todos os cães de raça do Mundo.

A montaria — essa arte consumada da caça — marca uma data importante na história dos cães e dos homens. Nascida em França, ela foi-se desenvolvendo á medida que o cavalo, utilizado sobretudo como animal de tracção, se tornava, de dia para dia, uma montada mais maleável e rápida.

Por surpreendente que esta informação possa parecer, a verdade é que a utilização do cão, correndo ao lado do cavalo do caçador, é relativamente recente. É somente a partir do século VIII á IX que o cão corredor, transformado em indispensável auxiliar do cavaleiro, ganha a sua estima.

É somente a partir do aparecimento da montaria que o cão (em troca dos serviços rendidos) adquirirá este valor afectivo e conhecerá este tenso interesse de que se tornou ao mesmo tempo, através dos séculos, o beneficiário e a vítima.

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche - Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada e Sarrals
Enchido de Enguias

Lamproia com arroz á moda da casa

Filletes e Marisqueira

Lombo de Porco no Espeto

Frango de Caril á Coruja

Bifes de Vaca na Caçola

Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos : fandanguistas da região (6 anos)

CRÓNICAS DE FÉRIAS

A guerra e a paz

Estas «Crónicas de férias» já constituem uma tradição da minha actividade literária e jornalística, integrando-se nela para a completar ou estender, conforme o significado que cada qual lhes dê e que de certa maneira comportam.

Os ócios das férias devem ser aproveitados para uma mais perfeita e profunda meditação dos problemas que nos afligem. Numa época de inquietações e angustias, esperanças e desesperos, como aquela em que vivemos, a nenhum homem responsável é lícito cruzar os braços a mascar o seu tédio, o seu cepticismo ou até a sua comodidade. A vida dos nossos dias exige uma constante e perseverante presença, sem a qual não passamos de simples dilettantes seja do que for.

O jornalismo — não o jornalismo de exhibições e de paixões mesquinhas, nem tão pouco o jornalismo á ordem seja de quem for e do que for — mas o jornalismo livre na autenticidade da sua missão — exige mais ainda, porque tem de ser feito com uma atenção permanente e improrrogável aos acontecimentos e com aquela imparcialidade que ultrapasse todos os sectarismos, até para evitar mais erros, equívocos e mistificações.

O jornalismo pode descansar, mas o jornalismo — como a ciência, a política, a arte, a própria vida — não tem férias, nem pausas, não comporta interlúdios ou compassos de espera, antes progride e evolui sempre com a própria evolução e progresso dos acontecimentos.

Por sua vez, a evolução e o progresso dos acontecimentos não são uniformes e absolutamente previsíveis, antes estão sujeitos a acelerações, reacções e paragens bruscas ou catastróficas que muitas vezes chegam para lhes modificar a direcção e o sentido.

Neste mês de Agosto de 1959, passou-se qualquer coisa de novo nas frentes ocidental e oriental, qualquer coisa modificou — ou pelo menos acelerou-lhes a evolução — a direcção e o sentido dos acontecimentos.

Quer dizer, enquanto em Genebra a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Quatro Grandes» resvalava nas contradições que conduzem á inércia, dos bastidores do alto nível, a América e a Rússia encontraram uma plataforma de entendimento.

Era, é e será esse o problema essencial e primário para a paz e o futuro do Mundo. O resto pouco ou nada conta, até porque é uma criação fictícia desta realidade maior: simples processo sofisticado de encobrir a verdade; disfarce ou mistificação da diplomacia ou dos pactos militares.

Quer se chame Coreia ou Indochina, Formosa ou até Berlim, tratar-se-á sempre de um pretexto, porque no fundo o que interessa, importa e conta é o entendimento ou a incompatibilidade entre a América e a Rússia, os dois maiores entre os «Quatro Grandes», mais, os únicos que na realidade votam e até vetam nas conferências internacionais.

Há vinte anos, em 1939, rebentava a guerra contra o nazi-fascismo que ensanguentou o Mundo, hoje, em 1959, deve-nos ser permitido falar esta linguagem clara, precisamente no momento em que tudo nos leva a crer que já não é possível retroceder no plano inclinado em que nos encontramos. O entendimento entre a América e a Rússia ultrapassou toda a problemática do pós-guerra e vai criar outra, que será ainda mais absorvente do que a anterior.

Não se trata de um novo Tratado de Tordesilhas como dizem certos comentadores simplistas no jeito consuetudinário de fazer brilhantes símiles históricos. A História não se repete, até porque a vida — económica, política e social — evolui. Necessário compreender em toda a profundidade este juízo simples mas evidente, para entender o valor da História como mestra da Vida, até talvez para chegar á conclusão de que a inversa é que é verdadeira.

Assim, as condições históricas — económicas, políticas e sociais — que levaram Portugal e a Espanha ao Tratado de Tordesilhas não são idênticas áquelas — não têm sequer quaisquer similitudes — que determinaram o presente entendimento entre a Rússia e a América. Comparar um facto com outro, ser-

virá apenas para fazer um brilhante literário capaz de iludir os incautos, uma imagem sedutora tão habilidosa como perigosa para aqueles que se deixam enrodilhar pelos encantos das palavras ou pela magia dos tropos, tomando-os ao pé da letra.

O célebre Tratado de Tordesilhas foi condicionado pelos problemas político-económicos dos Descobrimentos. O Mundo — a Terra — ainda não tinha sido totalmente descoberta; Portugal e a Espanha dividiram-no para «pacificamente» o descobrirem e aproveitaram-se, depois, política e economicamente dos seus descobrimentos, já previamente reconhecidos pelo Tratado.

O problema, hoje, é precisamente o contrário: o Mundo — a Terra — está completamente — totalmente — descoberto; o simile teria certa validade se a Rússia e a América dividissem entre si os espaços siderais e interplanetários, para saber quais os planetas que podiam ser atingidos pelos «sputniks» russos e quais os outros que o podiam ser pelos foguetões atómicos americanos.

Americanos e Russos, com a sua plataforma de entendimento, pretendem coisa muito mais diferente — só isto: em face de um clima de guerra irremediável, que representaria a morte e o fim não só deles próprios mas de todos os homens e povos, criar um clima de paz necessário, através de uma coexistência obrigatória, que permita a todos os homens e povos viver no capitalismo ou no comunismo, conforme a sua própria escolha, realizada pelos processos mais democráticos.

Por ser assim em todas as latitudes, os homens rejubilaram — e foi-lhes fácil ver que as nuvens negras que encobriam o céu do futuro desapareceram, justificando todas as esperanças e anseios.

Não há «férias», nem outros quaisquer formalismos ou compromissos, que nos possam separar ou isolar dessa «esperança de paz». Tanto, representaria uma traição. Aqui, nesta aldeia minhoto donde vos escrevo, os homens rústicos já não falam na guerra...

RAMOS DE ALMEIDA

«Exposição bibliográfica dos trabalhos relativos ao Código Civil de 1867 e preparatórios do futuro Código Civil Português»

Acompanhando a realização em Coimbra desta Exposição erudita de bibliografia jurídica promoveu o Ministério da Justiça a publicação de um catálogo bem documentado das espécies expostas. Abre o volume a reprodução do discurso proferido no acto inaugural da Exposição pelo sr. Ministro da Justiça, em que se salienta o interesse da iniciativa e a importância dos trabalhos em curso para a elaboração do novo Código Civil. A obra constitui, no seu valioso conjunto informativo, um instrumento muito útil de estudo jurídico.

«Joaquim Mouzinho de Albuquerque — O Chefe», pelo general Afonso Botelho

Na série de separatas dos seus estudos históricos vindas á publicação na «Revista de Cavalaria» publicou o sr. general Afonso Botelho este expressivo e clarificante estudo, em que evidencia as grandes qualidades de chefia do herói de Chaimite. Sem prejuízo da objectividade e da precisão documental este trabalho traduz uma admiração por Mouzinho de Albuquerque que inspira e anima as suas sugestivas páginas.

«Revista de Estudos Ultramarinos»

Muito brevemente será distribuído o numero 3 da «Revista de Estudos Ultramarinos» do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos que será dedicada á Literatura e Arte do Ultramar Português. Numero com duas centenas de páginas e cujos trabalhos são assinados por escritores dos mais competentes nas matérias tratadas constitui uma vasta panorâmica da literatura africana de expressão portuguesa.



A JUVENTUDE TEM POR MISSÃO LUTAR CONSCIENTEMENTE POR UM CINEMA

NACIONAL AUTÉNTICO

— Disse-nos A. A. SALES

António Augusto Sales é um jovem que se tem dedicado com inteligência e amor ao estudo do Cinema.

Redactor-correspondente da revista cinematográfica «Imagem», director da página de cinema do

regionalista torriense «Badaladas», colaborador da «Planície», crítico da «Celulóide», membro destacado do movimento cineclubista sendo fundador e actual vice-presidente do Cine-Clube de Torres Vedras, António A. Sales deve a sua cultura sobre a 7.^a arte a um autodidactismo a todos os títulos digno de admiração. Sabendo que o «Juvenil» vai criar uma secção de cinema achámos oportuno e de interesse esta entrevista. Como uma já velha ami-

nham uma consciência cinematográfica e vêem no Cinema um meio de cultura e de elevação intelectual. São esses animadores que através de imensos sacrificios conseguem impor o ideal cineclubista e montar núcleos. A função deste movimento é vastíssima. Como primeira finalidade há que fazer ganhar ao espectador uma consciência mais exacta do que deverá ser o cinema na vida actual, habituar o espectador á crítica e ao debate,

Entrevista por Francisco Ferreira Fernandes
(17 anos)

zade nos une foi num tom de afeição cavaqueira que decorreu esta nossa conversa de hoje.

A nossa primeira pergunta, como tinha nascido o Cineclubismo em Portugal e qual a função desse movimento, respondeu-nos A. A. Sales:

— O cineclubismo português nasceu no Porto com a criação do Clube Português de Cinematografia, mais conhecido por Cine-Clube do Porto que se viria mais tarde a tornar num dos melhores C. C. da Europa, expansão do cineclubismo dá-se depois através de indivíduos que em diversas localidades ga-

em suma, transformar o espectador passivo num espectador activo e esclarecido.

A missão dos C. C. é pois a de lutar por um Cinema digno e honesto, esclarecendo as plateias narcotizadas por um cinema comercial, sobre os verdadeiros valores deste.

— Nesse caso qual a função do Cinema na vida actual?

— O Cinema hoje, deve considerar-se uma arte tão séria como o é a musica, a pintura ou a escultura, tendo sobre essas a vantagem de

(Continua na página central)

A CONVERSA DA SEMANA

1

UM BELO CAMINHO

A seguir.

A AUTO-CRÍTICA SINCERA

Nesta «Conversa da semana» não podemos deixar de referir em primeiro lugar a honesta e excelente atitude do Amigo n. 362 — José Augusto de Moura Pimenta (17 anos). Tendo ganho o concurso «O que pensam os jovens de outros países» (crítica ao depoimento do jovem Gramain), soube inteligentemente compreender as ressalvas que fazíamos á sua crítica e escreveu-nos a seguinte carta, que apresentamos como exemplar atitude intelectual a todos os nossos Amigos:

«Foi com prazer que vi o meu artigo no jornal e, principalmente, a sua crítica, que muito agradeço.

Na verdade, fui precipitado ao escrever bastantes palavras duras sobre o Gramain e, pior — eu, que combatia o combate o dogmatismo — mostrei-me 99 % dogmático.

De facto, colocando-me eu no lugar do jovem francês, ficaria magoado ao receber uma crítica azeda, nem sempre justa, como foi a minha.

A «vossa» crítica bem podia ser de igual teor, mas não. O contraste entre ela e a minha é grande. Eu chego a ser destrutivo e vós, não, pelo que gostei imenso da vossa crítica.

Reconheço que a minha atitude foi imbecil, pois estes trabalhos têm em vista uma amigável troca de impressões entre jovens do mesmo país ou de nacionalidades diferentes. Fui duro; procurarei, contudo, não tomar atitude semelhante quando alguma vez voltar a fazer uma crítica.

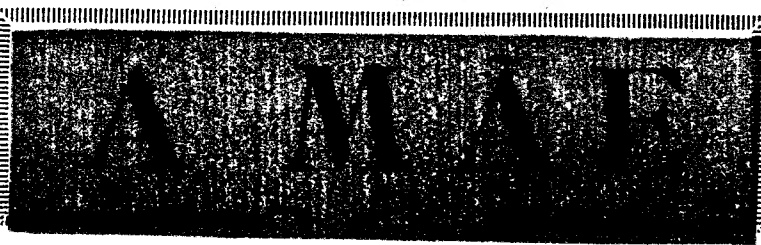
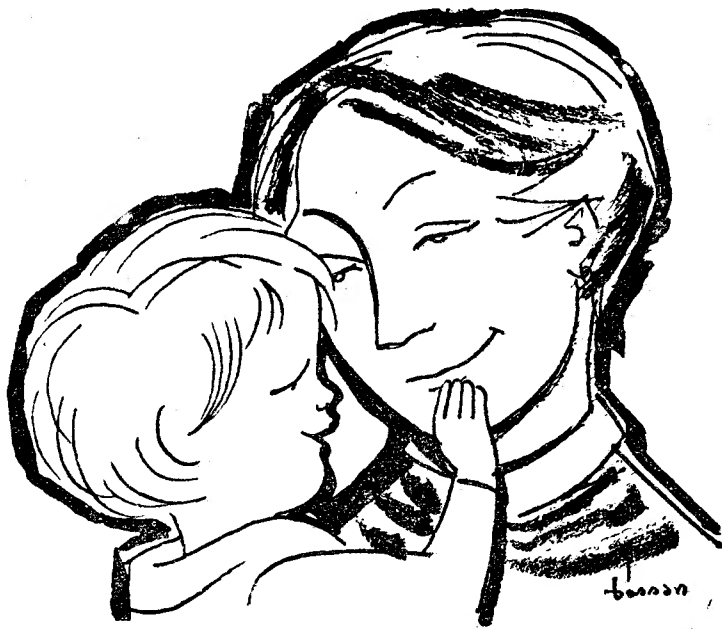
Não sei se já repararam que nós, jovens, somos um pouco teóricos. Eu exemplifico: habitualmente digo que não sou dogmático e acho esta atitude verdadeiramente irracional; mas, no fundo, sou um bocadinho dogmático, como mostra a minha crítica.

De qualquer maneira, não escrevi com rancor, mas simplesmente com fogueira, como muito bem indicaram na vossa crítica».

Como, de certo, os nossos amigos concordarão, esta autocritica do Moura Pimenta só tem um defeito: exagera demasiado, cai no pólo oposto. Na verdade, José Augusto, tu não foste imbecil. Esta é uma palavra que não mereces e que, portanto, me apresso a lançar para longe. Precipitado, combativo, generoso — isso, sim. Ora, sendo tu um espírito combativo, sucede que não tens tido oportunidade de manifestar, sem embargos, as tuas opiniões e críticas. Qual foi o resultado? A válvula rebentou. Mas também rebentou na carta que hoje, com tanto prazer, publicamos.

Quer-me parecer que temos aqui um bom motivo de reflexão. A autocritica deve ser, com efeito, uma

(Continua na ultima página)



por VÍTOR MANUEL ALVES SOUTELINHO (19 anos)

**CHAMAM-LHE FEIA
MESMO ASSIM EU GOSTO DELA.
E NÃO ME SAI DA IDEIA
QUE MESMO ASSIM SENDO FEIA
A MIM ME PAREÇA BELA**

**GOSTO DELA MESMO ASSIM,
É MEIGA, NÃO É VAIDOSA,
VESTE CHITA, MAS ENFIM,
REPRESENTA PARA MIM
UMA PEDRA PRECIOSA**

**JÓIAS RARAS. NÃO AS TEM.
E EMBORA NÃO SEJA BELA,
É MAIS SIMPLES QUE NINGUÉM
DEU-ME O SER, É MINHA MÃE.
É FEIA, MAS GOSTO DELA.**

AMIGO NÚMERO 1.700

GIGANTES de PORTUGAL



O grande génio das nossas Letras, que hoje homenageamos, teve uma actividade juvenil que deixou profunda marca no seu tempo. Na altura em que se deu o patriótico movimento de 1820 — ele foi um dos dirigentes destacados da juventude universitária conimbricense. Nessa data escreve um opusculo de alto interesse: **O dia 24 de Agosto** (data da revolução do Porto). Do período da sua juventude é ainda o livro **Portugal na Balança da Europa**, um dos mais notáveis trabalhos de história política que desde sempre se escreveu em língua portuguesa.

Mais tarde, a sua grande actividade literária e política constitui um dos maiores patrimónios que, nos dois campos, o século XIX nos legou. Em toda a parte onde interferiu deixou obra de vulto — quer no teatro (o maior dramaturgo do século passado), quer no romance, quer na oratória parlamentar, quer na poesia.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 28 de Agosto, acompanhadas do nome completo, morada, data do nascimento dos concorrentes e numero de ficheiro (caso o tenham) bem como a menção dos três artigos que mais lhe agradaram esta semana.

Além dos prémios habituais, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o grande português desta semana.

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

Mas a grande família dos cangurus não se limita às espécies de grande corpulência, desportistas consumados de que já falamos, embora sejam eles também os mais espalhados.

No entanto, não difere a anatomia especial entre os cangurus «gigantes» e as outras espécies que vão até o «rato-canguru». Só diferem pela corpulência, nada mais. Vivem estes pequenos cangurus em regiões as mais selvagens, deixando frequentemente assinaladas as pistas por onde frequentemente passam. Por elas escorregam a grandes velocidades, como bons patinadores ou esquiadores, deixando os caminhos polidos pela fricção das patas. É curioso, para quem percorre de carro essas paragens, ver centenas de cangurus, no seu andar característico, aos saltinhos, por entre as pradarias.

Algumas destas espécies de cangurus pequenos destaca-se pelo colorido do focinho, em contraste com o cinzento do vestido, da nuca e das espáduas. É um animal deveras curioso que nunca se aventura por terrenos descampados; outros têm a cauda preta, o ventre cor de ferrugem e o restante pelo castanho claro que muito bem se harmoniza com as regiões pantanosas onde vive,

OS CANGURUS AGILIDADE E FLEBANCIA

estes em geral vivem nas regiões altas e brumosas. Há outros que se distinguem pelas patas pretas, outros pelo focinho engraçado, onde as manchas brancas e cinzentas dão um ar estranho. Uma espécie curiosa é o chamado «sifleur», porque produz um silvo agudo quando ameaçado. Há, entre estes últimos, três espécies que possuem, na ponta da cauda, um fino esporão córneo; servem-se da cauda como de uma alavanca e é muito possível que o esporão sirva para facilitar este movimento ou para auxiliar a remover os obstáculos e os materiais que utilizam na construção dos seus ninhos.

Os que vivem nos rochedos têm as plantas dos pés recoberta de um calo espesso e rugoso armado de pequenos tubérculos que lhes permite não escorregar dos rochedos e, pelo contrário de se apoiar nas pedras mais polidas. Têm a segurança e a agilidade dos alpinistas consumados.

Como acontece com muitas espécies animais, os machos lutam pela posse das fêmeas, não querem rivais no seu caminho; a luta não é de vida ou de morte como acontece, por exemplo com os



veados, que por vezes morrem ambos com as hastes enlaçadas. Não, os vencidos retiram-se, tristes e solitários, para regiões desconhecidas a'í acabam seus dias.

O mais belo e o mais elegante das espécies cangurus foi extirpada há cerca de 30 anos. Tinham uma bela pele cinzenta muito suave e viviam, em quantidade, no Sul da Austrália.

O mais pequeno exemplar dessas espécies — o rato-canguru — mede apenas 45 centímetros compreendendo a cauda, de pelo ruivo. Alimenta-se quase exclusivamente de insectos e larvas.

Uma espécie, a que os arborígenes chamam «penicillata» é o único mamífero terrestre que possui cauda preensível de que se serve para a construção do ninho. E como constrói o ninho?

Quando chega a idade de casar e escolher noiva, ambos se metem ao trabalho: abrem um buraco no solo, depois colhem erva e pequenos ramos com que cobrem o tecto e a porta da casa. A cauda enrolada, serve para transportar os materiais de construção até o local de trabalho. Quando entram em casa, para o longo repouso do dia — é de noite que procuram o alimento, camuflam a entrada com um punhado de ervas.

É curioso o que se passa com uma das espécies destes animais: depois de terem, primitivamente vivido nas árvores, desceram à terra e aí procuraram viver; mas desgostosos com a vida terrestre voltaram às alturas arborícolas. Mas claro que a vida na terra, deu-lhe as longas patas posteriores, fez-lhes perder o artelho preensível, transformou a cauda, de órgão de preensão em órgão de equilíbrio, deu-lhe um novo tipo de alimentação. Mas a volta às árvores teve de os transformar, de novo. A preensibilidade da cauda e do artelho não os readquiriu, porque a evolução é irreversível e os traços anatómicos, uma vez perdidos, porque inúteis, não podem ser regenerados; mas mesmo assim, deu-se um processo natural de adaptação que lhes modificou o aspecto. As pernas longas não eram já necessárias — os pés tornaram-se curtos e largos, como as plantas recobertas de callosidades que impedissem a queda, as unhas cresceram e tornaram-se aduncas, de modo a ser possível agarrar-se. A cauda, não podendo encurtar-se, tornou-se mais fina que a dos cangurus e munuiu-se, na extremidade, de uma espécie de escova que lhe permitisse balouçar-se para o salto e de propulsor quando o tivesse de dar. A dentição difere da dos cangurus actuais: possui molares dos antigos arborícolas. Há observadores que afirmam ser a terra o seu lugar habitual, subindo às árvores apenas para se alimentar ou pôr-se em segurança. Mas seja ou não certo, eles em terra têm um aspecto desajeitado e grotesco, sendo de incrível agilidade nas árvores.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS



DEPOIS de se despedir das duas jovens, Lançarote do Lago seguiu ao acaso através dos campos selvagens. Assim caminhou dias e dias sem refrescar a vista numa pequena leira lavrada, ou encontrar a

simples cabana dum lenhador ou pegureiro: por toda a parte onde passava sucediam-se os arbustos, o mato, as florestas. E nem vivalma!

Chegada a noite, acendia uma fogueira, para arredar os animais ferozes, e deitava-se, depois de haver comido alguns frutos silvestres. Por fim, certa manhãzinha chegou a um monte e ante seus olhos rasgou-se, de subito, um plácido e extenso vale entre serras. Lançarote parou a montada e ficou, embevecido, a olhar campos de trigo, de milho, árvores de fruto. Ali viviam irmãos seus! E Lançarote sorriu ao ver uma trança de fumo que se torcia calmamente, a caminho do céu. Ia poder falar com bons camponeses, sentar um mindinho no Joelho...

Lançarote fitou as serras que cingiam o vale. Estremeceu. Pareceu-lhe ver a frente de Jesus Cristo cingida duma coroa de espinhos. Pareceu-lhe que a aldeia do vale era também torturada por aqueles bicos agressivos que rasgavam mesmo o azul do céu. Passeou a vista com vagar pelos lombos das montanhas. Negro como os penedos, avistou um castelo, suspenso tal qual uma ave de rapina, sob a aldeia indefesa.

Continuou a arrastar vagarosa a vista pelas serras. Mais outro castelo! No outro extremo, um terceiro. Cerrando os olhos, imaginou ver mesnadas de guerreiros, que desciam das serras como alcatéias de lobos para cevar a fome, nos povoados. Logo esporeou o cavalo e atirou-se à desfilada por uma vertente. A sua espada iria ter com certeza motivo para sair da bainha. Nada enxergara que lhe desse a certeza disso; mas a visão dos três castelos, de atalaia aos povoados de camponeses, faziam-lhe nascer tristes pressentimentos. A sua roda não havia qualquer mancha verde, onde se descobrisse o fruto amoroso do trabalho do homem; as muralhas pareciam prolongar-se através da penedia, do mato. Cá em baixo, no vale, é que os campos eram verdes: viam-se leiras pautadas de sulcos, poços para onde se debruçavam engenhos de tirar água, árvores tratadas — trabalho pacífico e útil. Os castelos, alcançados sobre toda essa paisagem, faziam vista de ninhos de parasitas. Lançarote do Lago deixou, por

momentos, de aprofundar os seus pressentimentos: por todo o lado a terra se rachava em desfiladeiros e era preciso olhar atento para não resvalar.

Ao fim dumas três horas de caminho chegou à terra plana do vale, onde um regato borbulhava. Lança-

compreendia-se que receassem do primeiro cavaleiro que surgisse.

Fazia Lançarote todas estas deduções quando o bando de garotos surgiu, ao longe, acompanhado de vários homens armados de varapaus, enxadas e forquilhas. Ia a levar a mão à espada quando disse: de si

ERGUEU, POIS, O BRAÇO DESARMADO

rote desmontou, tirou a armadura e as vestas e meteu-se na água fresca. Repousado e enxuto, vestiu-se e tornou a cavalgar, agora já por sitios aprazíveis. Chegou ao meio da aldeia e logo um enxame de mocinhos o rodeou. Quem era, quem não era e Lançarote a rir-se, incapaz de fazer ouvir uma palavra, no meio de tantos gritos. Os meninos, confiantes, davam palmadas no cavalo, seguravam nas rédeas. As portas das choupanas assomaram cabeças de mulheres; brados zangados chamaram pelos miudos; disseram uma palavra que Lançarote não percebeu: e as crianças foram-se afastando do cavaleiro, com um subito olhar de medo. Lançarote ficou só. Que queria aquilo dizer?

— Ei! — gritou. — Ei! Meninos! Mas nem resposta. A aldeia tornara-se deserta. Distinguiu um bando de garotos que disparava, a toda a velocidade, pelos campos. Um deles abaixou-se, rápido, e logo se ergueu para lhe arremessar uma pedra.

Lançarote franziu o sobrececho. Tomá-lo-iam os camponeses por algum cavaleiro-ladrão? Julgariam acaso que se tratava dum dos senhores dos castelos que vira na serra? Mas então deveriam conhecê-lo de sobejo, e as crianças tinham-lhe feito uma recepção amistosa, boas-vindas, a alguém que não se temeria. Essa hipótese era, pois, de arredar. Seria então porque o reconhecessem como Lançarote do Lago e algum partidário de Turquino o andasse a difamar de terra em terra? Mas nem isso era possível! Porque haviam as camponesas de descobrir que ele era Lançarote? E ainda que assim fosse, mais fácil seria receberem-no bem, pois os camponeses saudavam sempre de braços abertos os Cavaleiros da Távola Redonda.

Tomá-lo-iam por algum inimigo perigoso? Alguém que lhes fizesse muito mal? Mas então esse alguém seria um desconhecido e nesse caso

para si: «Então, Lançarote, ia erguer o ferro contra os camponeses?» Ergueu, pois, o braço desarmado, em sinal de paz; acenou, amistosamente, num largo gesto; mas uma pedra veio feri-lo com estrondo no peitoral da armadura: e de repente viu-se alvejado por todos os lados. Pela primeira vez na vida Lançarote sofria um desgosto que não podia suportar: o povo, a boa gente camponesa a tomá-lo como inimigo, a erguer contra ele as mãos terríveis.

CARTAGO

Para a maior parte das pessoas a palavra CARTAGO representa um mistério. Sabem que de Cartago era Aníbal — um dos maiores cabos de guerra de todos os tempos. Mas como se vivia, como se pensava, como se sentia em Cartago? Quem estava por detrás de Aníbal quando o grande general fez, por exemplo, as campanhas da Espanha e da Itália?

Todas estas perguntas poderão encontrar resposta no excelente livro de Gilbert Charles Picard

A VIDA QUOTIDIANA EM CARTAGO NO TEMPO DE ANIBAL

É o ultimo volume da célebre colecção A VIDA QUOTIDIANA, editada por Livros do Brasil, Lda.

Os nossos Amigos de Lisboa e arredores a quem saiam prémios nos cursos semanais devem ir buscá-los, cinco dias depois da publicação dos resultados à Avenida de Roma, 78, 2.º

A cultura e da técnica é imprescindível

Por JOEL HASSE FERREIRA (15 anos) — Amigo N.º 169

Impõe-se na escrita de uma língua que se use os qualificativos apenas onde eles são precisos, ou, pelo menos, onde não prejudiquem a clareza da frase. Ora é esse um dos defeitos de Cruz Badin: usa e abusa dos reforços, dos floreios, de tudo isso que na literatura, quando usado em demasia, apenas serve para prejudicar a clareza de uma exposição, e para tornar de um preciosismo aborrecido.

Aquele que abusa dos adjectivos comete, quanto a mim, grave erro. Se um quadro não tem valor estético, não é pondo-lhe uma moldura bonita que o valorizamos em si próprio. Any procurou jogar com enfeites sem sequer ter erguido um edifício que deles precisasse.

Mas não só ele prejudica a clareza das frases desse modo, como ainda as torna por vezes, prolixas e confusas. Vejamos, por exemplo, esta: «É no campo que sonho passar meus dias a aliviar a miséria surda, sem eco nas cidades, demasiado real, dos animais». Para quê esta alteração e complicação da ordem natural da frase, alteração essa que nem sequer lhe trouxe maior beleza literária, apenas a tornou mais confusa.

Mas, além dos defeitos no ponto de vista de exposição do assunto, quanto a mim o jovem francês ainda comete outros no próprio desenvolvimento das ideias.

«Que fazeis aqui, operários, mineiros, engenheiros?» — pergunta ele. E a resposta, posso dá-la eu próprio: «Construímos o teu presente e o teu futuro, e se os homens do campo plantam as batatas que tu comes, somos nós, mineiros, que extraímos o carvão com o qual para ti hão-de cozinhar, somos nós, ope-

rários, que calcetamos as ruas por onde tu passas, somos nós, engenheiros, que planeamos as casas onde vives tu e os teus semelhantes. E a nossa tarefa não é menos necessária do que a dos agricultores.

Que Any Badin não se esqueça também que o descanso se é tão importante como o trabalho não o é mais do que ele. O campo é bom para o repouso, mas a cidade é absolutamente necessária numa civilização, ou, pelo menos, na época em que estamos, a caminho de uma civilização que todos temos de construir.

Diz que vai para o campo aliviar a miséria dos animais, no que demonstra bom coração. Mas já pensou que na cidade poderia dedicar-se a aliviar os sofrimentos dos seus próprios irmãos — os homens — desses pobres operários e mineiros de quem ele fala?

Mas há mais ainda. Não creio que o «campo ideal» de Any seja o de Julio Dinis. O escritor amava o campo, mas amava ainda mais o homem, e deplorava sinceramente a sua fraqueza, quando não louvara a sua grandeza. Além disso, quase um século se fechou sobre ele, e a cidade, hoje mais do que nunca,

tem um papel vital a desempenhar.

De maneira alguma eu quero negar a beleza rustica do campo, que aprecio no que penso ser o seu verdadeiro valor. O que eu não posso também de modo algum é desprezar a cidade, procurando não compreender o que ela encerra.

A atitude de Any Badin em querer fugir para o campo, por achar que a cidade não corresponde à verdadeira natureza do homem, também me parece deplorar. O homem é, de facto, animal por nascimento, mas é mais do que isso por educação, é racional e culto. Recebeu uma herança dos seus predecessores, herança científica, literária e artística, que ele não pode deixar perder e que tem obrigação de aumentar continuamente. É o papel a desempenhar pela cidade nessa transmissão de cultura e de técnica é imprescindível.

Quanto à crítica do prof. Jena-Louis Bory, concordo com ele quando diz a Bodin para mandar valsar, ou mais indelicadamente, para mandar passear as imagens demasiado lambidas. Porém, discordo do local para onde as manda: para a poesia definitiva das antologias. Querá ele significar que as antolo-

gias são relicários de preciosismo? Não haverá então antologias de bons escritores? É preciso pensar bem no que se escreve, e nem tão extensa é a crítica de Mr. Bory para que ele não tivesse tido tempo de a rever com cuidado.

Acho ainda que Mr. Bory em vez de tentar ironizar, como o faz, com os defeitos do jovem, lhe devia mostrar claramente, indicando-lhe o caminho por onde enveredar. A principal missão de um mestre não é analisar e classificar friamente o que um jovem faz, mas corrigi-lo e orientá-lo.

Por fim, tenho apenas a pedir que me desculpem das minhas convicções talvez por vezes demasiado fortemente formuladas, e do dogmatismo que tenha usado ao expor opiniões pessoais, muitas vezes subjectivas.

Todavia, estou em crer que não estou só na perfilhagem de tais ideias.

AMIGO N.º 169

Segue o habitual comentário de um dos nossos directores:

Na verdade, não estás só...

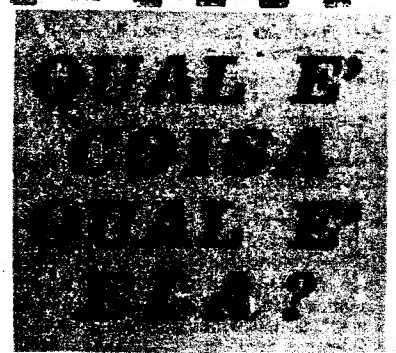
Estás, pelo contrário, bem acom-

panhado. Tens a História, a razão pela tua parte. A imagem que o Guy Bodin faz do campo é falsa, como igualmente o é a da cidade. A oposição entre o campo e a cidade também vai a caminho de desaparecer. Esta oposição nasceu nos recuados tempos da Grécia, quando surgiu a cidade como centro de uma nova actividade — o comércio, de mercadorias e de ideias; o campo continuou sendo um meio primitivo e conservador. Hoje também o campo se começou a industrializar e a transformar sob o benfazejo impulso das ciências e das técnicas. Ao passo que aonde tal sucede — desaparece o camponês inculto e surge o cidadão. A paisagem camponesa, primitiva cede o lugar à paisagem civilizada. Alarga-se o domínio da Natureza pelo Homem — indicativo certo de uma civilização superior.

O que espíritos passadiços, como o bom do Guy Bodin, adoram no campo são os restos de primitivismo que lá encontram. Mas essas «éclogas» já não encham ouvidos.

*

O Joel Hasse Ferreira pode levantar na Avenida de Roma, 78, 2.º, esquerdo, os livros seguintes: «Mestres do Conto Italiano» e «Mestres do Conto Hungaro» — Antologias Universais da Portugal Editora.



Eis mais uma adivinha tirada do livro de Pires de Lima, «Qual é coisa, qual é ela?» — editado pela Portugal Editora:

No meio do mar estou
Não sou de Deus nem do Mundo
Nem do inferno profundo...
Adivinha lá quem sou!

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao dia 28 de Agosto, acompanhadas do nome, morada, data de nascimento dos concorrentes, bem como a indicação dos três artigos que mais apreciaram esta semana.

Soluções dos Concursos do n.º anterior
I—GIGANTES DA HUMANIDADE—WILLIAM HARVEY
II—Qual é coisa, qual é ela?:
BARALHO DE CARTAS

VENCEDORES

- 1.º — Amigo n.º 1.656 — Francisco Manuel Bastardinho (Faro).
- 2.º — Amigo n.º 1.336 — João Anibal Teixeira (Olhão).
- 3.º — Amigo n.º 1.677 — Guilherme Antunes dos Santos (Lisboa).
- 4.º — Amigo n.º 1.704 — Armando Manuel Mora de Oliveira (Caravelos).
- 5.º — Amigo n.º 1.685 — João Fontes (Lisboa).
- 6.º — Amigo n.º 1.060 — Olga Maria Martins (Lisboa).
- 7.º — Amigo n.º 1.699 — Adelino Fernandes (Vila Franca de Xira).
- 8.º — Amigo n.º 1.702 — Maria da Conceição Castel-Banco Guerreiro Pereira (Faro).
- 9.º — Amigo n.º 1.560 — Maria Manuela Barroso Lopes (Queluz).

PREMIOS

- 1.º a 5.º — «O ROBINSON SUÍÇA», por R. Wyss, da Portugal Editora, Ld.º.
- 6.º — «O HOMEM PERSEGUIDO», por Francisco Cargo, Estudos COR, Ld.º.
- 7.º a 9.º — «O ANÃO», por Par Lagerkvist, Estudos COR, Ld.º.
- 10.º — José Manuel Palmilha (Lisboa).
- 10.º — «PASCOA FELIZ», por José Rodrigues Miguéis, de Estudos COR; «MOTIM EM JULHO», por Erskine Caldwell, de Estudos COR.

O sítio dele era na esquina que dava acesso à estação dos caminhos de ferro. A esquina era suja e escura mas ele, indiferente, lá estava todos os dias, estivesse bom ou mau tempo, pois uma varanda larga, situada por cima, protegia-o do Sol e da chuva.

Era um velho de longas barbas, com os olhos de um azul brilhante, vendo-se as sobranceiras brancas, contrastando com a tez curtida pelo Sol.

A testa era curta e enrugada e um farto bigode descia-lhe pela face, desaparecendo no emaranhado da barba. Estava pobremente vestido: usava um chapéu velho que, raras vezes, punha na cabeça. O casaco, de gola sempre levantada, abotoava à frente deixando ver a camisa azul sem gravata.

As calças quase nunca se viam por estar sempre sentado com uma manta sobre os joelhos, e nunca o surpreendi de pé. Os sapatos, que apareciam timidamente por debaixo da manta, eram castanhos e estavam bem conservados.

Este era o famoso velho da esquina, como todos lhe chamavam, pois ninguém sabia o seu nome, a sua idade e onde morava. Na mão encardida tinha um maço de velas que vendia. De vez em quando, alguém que passava deixava cair uma moeda no chapéu roto que ele estendia.

Então, o seu rosto abria-se num

sorriso de agradecimento e murmurava:

— Muito obrigado, freguês!...

Vendia velas para encobrir a sua vida de mendigo, e de tempos a tempos, oferecia-as com voz cansada: — Quer velas, freguês?

Geralmente respondiam-lhe que

não com um abanar de cabeça e passavam indiferentes. O velho baixava a mão e, pela décima vez, contava as poucas moedas do chapéu. Ficava longo tempo a meditar, imóvel, até ser despertado pelo ruído tilintante da moeda que caía no chapéu. — Muito obrigado, freguês!...

— Muito obrigado, freguês!...

Por JORGE MÁRIO HORTA (14 anos) — Amigo N.º 222

Entrevista do «Juvenil»

(Continuação da 1.ª página)

ser mais directa indo mais ao encontro das massas. O Cinema não se deve encerrar apenas como diversão, forçosamente terá de ser mais do que isso, porque ele terá de obrigar o publico a pensar e de contribuir duma maneira válida para uma maior aproximação e compreensão do homem dos nossos dias. O Cinema liga-nos e retratamos com toda uma problemática actual e comum. No «ecran» está o espelho da nossa existência e é necessário que comecemos a importarmos com ela.

— Sendo assim julgo que o Cinema nacional não tem contribuído para isso. Qual a tua opinião portanto, sobre as ultimas produções da nossa cinematografia?

— De há três anos a esta parte quis-se talvez fazer acreditar que a cinematografia nacional ia enveredar por um caminho diferente do do passado, isto mercê duma anunciada produção continua. Tal não aconteceu. Tudo continuou como dantes e muitas vezes pior.

Claro está que não basta a quantidade mas interessa essencialmente a qualidade. Produções como «O Homem do Dia», «Sangue Torreiro», «A costureirinha da Sé», etc., não nos dignificam, pelo contrário, envergonham-nos porque são uma

ofensa à cultura, ao conhecimento e à razão do povo português.

— No entanto parece estar-se, a definir um movimento sério para elevação do Cinema nacional com a cooperativa do espectador e a feitura do filme «D. Roberto». Que me dizes sobre isso?

— De principio começo por acreditar muito nas possibilidades e na honestidade desses novos que vão fazer o «D. Roberto» e como tal terá de acreditar também na honestidade da Cooperativa do Espectador. Entre os muitos caminhos que se apontam para a reabilitação concreta do esfarrapado Cinema nacional o da Cooperativa é um deles, e quando compreendido, será mesmo um caminho seguro. Espero que essa tentativa seja coroada de êxito. Creio que esse êxito e a esperança dele assentam basicamente nos Cineclubes, nos espectadores esclarecidos e numa juventude que começa a saber aquilo que quer com consciência. Penso que o alheamento dos jovens para com a Cooperativa será muito negativo enquanto o seu contributo será de muita valia...

— Queres dizer então que essa experiência será a prova dos nove para o Cinema nacional não só para mostrar que se poderá fazer Cinema autêntico em Portugal como para ver o interesse que o Cinema goza entre o publico, não é verda-

de? Será, portanto, a oportunidade de te perguntar quais as medidas que na tua opinião se deviam adoptar para levar o Cinema português ao verdadeiro caminho do Cinema como arte?

— Começo por te dizer que não sou a pessoa indicada para apontar medidas para a solução do problema actual. O indicar medidas implica o debate de problemas vastíssimos, pois o mal já contaminou a árvore desde a raiz às folhas. Como sempre haverá que separar o trigo do joio, aproveitar as vocações sinceras, abrir janelas à gente nova, interessar o povo pelo seu cinema e correr com todos os aventureiros que querem atingir fins sem olhar a meios.

— O sistema de Cooperativa, o próprio Fundo do Cinema e a criação dum Instituto de Estudos Cinematográficos são caminhos...

— E para finalizar julgas que a juventude poderia contribuir para um aumento de nível do Cinema nacional?

— Para um numero elevado de jovens, o Cinema é olhado como coisa de somenos importancia, mundo maravilhoso e fácil, de «vedetame» de escandalos, de aventuras emocionantes e de dramas passionais que comovem. Sonham com ele, sonham mesmo em viver dentro dele não por uma vocação nata nem por um estudo que a fizesse

gus?... — repetia com voz funda e pausada, para logo regressar aos seus longínquos pensamentos.

Esta era a figura típica da rua. Todos o conheciam, mas o que ninguém sabia, porque ele disso fazia segredo, era a sua idade, o seu nome e onde nascera.

nascer, mas por um desejo fabuloso de se imaginarem idolos sonhados e idolatrados. Este ideal bastante negativo é um produto de revistas mexeriqueiras que pululam no mercado, duma literatura cor-de-rosa mal dirigida e de campanhas publicitárias que não são mais do que imensos «trusts» que ajudam a mostrar uma faceta errada do Cinema. Chamo à isso uma nojenta ludibriação de personalidade. No entanto começa agora a aparecer uma massa de jovens mais interessados, mais esclarecidos e positivos. Com esse grupo julgo que teremos forçosamente de enveredar por outro caminho, o da razão como indivíduos que saibam analisar, discutir e por conseguinte exigir. Espero que esses novos saibam estimular com os seus aplausos as obras sérias e honestas e voltem costas a tudo quanto falseie as suas mentalidades de espectador inteligente. Assim essa juventude contribuirá certamente para o aumento de nível de produção. Os jovens podem e devem contribuir para essa remodelação através da critica nos jornais, como argumentistas, como técnicos e até como directores, é questão que lutem conscientemente por um Cinema nacional autêntico. Acredito firmemente na juventude até porque pertengo também a ela.

Estou certo de que ela assim fará.





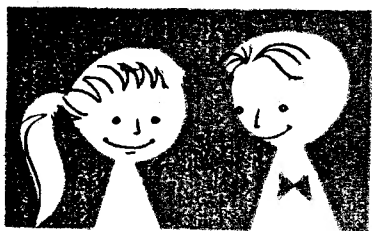
APONTAMENTOS DE UM SUPOSTO VISITANTE DA TERRA

Um dia de férias o primeiro

por Joaquim Manuel Leitão da Silva - 17 anos

O outro tempo passo-o embrenhado nos livros e nos cadernos. Meses e meses decorreram rapidamente.

Eis que chegam as férias! Posso



A CONVERSA DA SEMANA

atitude calma, objectiva e não apaixonada. A paixão não nos permite penetrar fundo na análise de qualquer fenómeno; cansa-se e satisfaz-se à superfície.

Mas quando digo que a crítica que a nós próprios fazemos deve ser objectiva, eu tenho em mente a seguinte condição de toda a verdadeira crítica: que deve passar das palavras para os factos, da análise dos vícios, defeitos ou erros para a sua superação na prática. Médico completo não é o que diagnostica apenas, mas o que remeta o seu trabalho pela cura do doente. O nosso povo tem uma frase muito gostosa, que diz: «De boas intenções está o inferno cheio». Ora, a autocritica que se fica em palavras está destinada a agravar, ainda mais, a crise de habitação no inferno.

Porque dizemos isto? Porque não acreditamos na eficiência prática dos propósitos críticos manifestados pelo Moura Pimenta? De forma alguma. O facto é apenas este: quando nos deixamos a reflectir sobre coisas sérias, o melhor é levarmos o trabalho até ao fim. Começamos por apresentar a atitude do nosso amigo como um exemplo. Pois tornemo-lo eficiente o mais possível.

2

A Amiga n.º 834—Maria de Lourdes Teresa dos Santos Martins (17 anos), tem-se revelado nas colunas do «Juvenil» com algumas poesias e ultimamente um conto de bastante interesse. A Maria de Lourdes deve ter sentido que a assiduidade com que publicamos produções suas (numa apareceu com o nome de Santos Martinho...) é um indicativo do valor que lhe reconhecemos e do desejo que temos de a estimular. O que nos agrada nela não é apenas a expressão simples e harmoniosa, que para atingir a beleza não se enfiava de atavios barrocos; também não é só a sua sensibilidade delicada: é tudo isto e ainda o generoso humanismo que está no mais fundo das suas preocupações e que ela sente a necessidade inadiável de comunicar aos outros.

Calcula-se como nos agradou ler estas suas palavras:

«Agradeço a publicação das minhas poesias. Vejo, ou melhor, sinto que o «Juvenil» me ajuda a descobrir as minhas possibilidades, que, agora, são poucas, mas que desejo sejam maiores, no futuro».

finalmente afastar os teoremas, as definições, as leis, que me fizeram andar ausente deste Mundo e tentar um passo no sentido de melhor compreender o que me rodeia.

Foi com avidez que desfolhei o primeiro dia de férias. Pela primeira vez me levantei já com o Sol perfeitamente desenhado no céu. Eu que pensava que as manhãs não tinham sol! Enal! como o relógio estava adiantado!

Um banho de mar foi para mim uma surpresa. Vi dezenas e dezenas de pessoas, banhando-se nas águas, excessivamente geladas que tremiam o queixo de frio. As caras que, primeiramente estavam contorcidas e enrugadas, aliviavam-se pouco a pouco até apresentarem uma expressão de prazer. E depois, de um banho frio, torravam-se horas a fio, ao sol, até ficarem bem vermelhas. Viravam-se, ora de costas, ora de ventre, de espaços em espaços de tempo perfeitamente iguais.

Entretanto chegara a hora do almoço. E não foi só a mim que me ocorreu a visão de uma refeição como também a dezenas e dezenas de banhistas. Levantavam-se, cegos, quase sem nada ver, alquebrados, indolentes, arrastando as pernas e mal oscilando os braços. Nem em férias os hábitos deixavam de nos escravizar!

Em breve alcançavam o automóvel. Puxavam a «mise en marche». O carro abalava a grande velocidade insensível à oposição da areia que o fazia resvalar. Ia-se ao almoço.

Desfrutava-se depois uma sesta: Dirigia-se a vista para um livro, fechava-se os olhos e deixava-se à luz dia, dia, quase eternamente. Que tal uma abalada ao café?

Tinha por companhia uma laranjada demasiadamente doce e intensamente colorida. O pensamento estava vazio. Pensava nas férias. Mas aquilo, aquele tempo que me envolvia eram já férias, afinal. Dois meses seria muito ou pouco tempo? O ar que respirava era um ar de férias: a laranjada que bebia era um refresco de férias; as buzinas dos automóveis que passavam na estrada eram sons de férias.

Eis que apareceu uma pessoa amiga. Outra laranjada foi colocada no extremo oposto da mesa. «Anedotas? Não, não conheço nenhuma!».

Ouvi uma dessas histórias engraçadas. Passava-se num café, em ambiente de férias, entre dois indivíduos que saboreavam uma laranjada, sem projectos alguns na cabeça. Que coincidência com a realidade!

«Cinema? Hoje vai algum filme?». Eu nunca tinha ido ao cinema. Ia a irmã dele, a amiga da irmã, com uma amiga que também era amiga dele, com um irmão.

Tom Brown na escola

É este o último volume da «Biblioteca dos Rapazes», publicado pela Portuguesa Editora. Eis um romance clássico, célebre em todo o Mundo, livro pelos jovens de todos os países e que só agora é traduzido em português.

Livro famoso! Conta a vida numa alegre escola inglesa. Vem recheado de belas e também hilariantes aventuras; de momentos de grande emoção — enfim, retrata com verdade o mundo juvenil, em Inglaterra, no século passado.

Eis o mais belo livro para férias!

Tanta gente! Devia ser divertido e combinou-se não faltar.

Surgiu o jantar. O mesmo jantar do dia anterior. A diferença que, no outro dia não era de férias e naquele dia era o primeiro dos dois sagrados meses. Sempre era diferente, apesar de ser a mesma sopa, o mesmo peixe, a mesma sobremesa.

A porta da sala do cinema estavam muitos grupos de pessoas, em círculo, com o ar despreocupado de férias grandes. Gesticulavam, agitavam os braços e raramente bocejavam. Qual seria o grupinho do meu amigo?

Finalmente, e um tanto inesperadamente, foi um apertar de mãos e uma exclamação contínua de «muito prazer». Que queria dizer muito prazer? E' um costume com certeza.

Surpreendente o filme. Não o pude apreciar convenientemente por ser o primeiro que via mas estava absolutamente surpreendente. Era melhor do que eu imaginava. Até ouvia perfeitamente os comentários da assistência em voz alta e até se revelava o possível desfecho da história. Havia até quem batesse com os pés, acompanhando a música de fundo. Sinceramente eu tinha gostado!

Cheguei a casa ao meio da noite, um pouco cansado e contei pelos dedos os 59 dias que se iriam suceder iguais, cheios de emoções.

Que animadas férias iam ser!

(AMIGO N.º 735)

Diário de bordo

Amigo 1.683 — Artur de Faria Maurício (?): Primeiro que tudo, manda a direcção completa, sim? E agora, nem sei como agradecer-te essas boas palavras, imensas palavras de elogio que nos envaldecem, de certo modo. Tens razão naquilo que dizes. Não nos interessa quem escreve; interessa que seja um jovem que tenha alguma coisa para dizer aos outros jovens. E aos adultos, também, que já temos recebido cartas de pais, agradecendo as lições que, indirectamente, lhes temos dado, através de artigos dos filhos e de outros filhos de outros pais. Esta é a nossa missão. Desvendar as qualidades dos jovens portugueses, muito metidos, por vezes, numa concha de timidez invencível. Há, na tua carta, certas passagens que me parecem cheias de subentendidos que gostaria que esclarecesses. Quanto ao que nos diz respeito, só somos o «Juvenil» e por vós trabalhamos. Nada mais e creio que é já bastante. Quanto ao resto... a caravana passará. Lembra-te da história do velho, o rapaz e o burro. Não achas que se aplica a nós, se é que compreendemos as frases veladas?

Amigo 1.237 — João Fernando Santos Mendes (Estoril): Tens razão na tua admiração. Eu próprio não sei explicar o facto senão pelo extraviado do jornal. Vou mandar-te.

Amigo 1.645 — Maria João Dias Estrela (Lisboa): O teu número é este e não o que indicaste na tua carta.

Amigo 1.668 José Marreiros Nunes (Mexilhoeira Grande): Já és amigo do «Juvenil» e tens este número que deverás indicar na tua correspondência. E podes concorrer, todas as semanas para teres bons prémios.

O que pensam os jovens do nosso País PRODUÇÃO + COMUNICAÇÃO = PROGRESSO

Continuamos hoje com a nossa iniciativa. Vamos recolher mais um depoimento de um dos nossos jovens amigos. Desta vez trata-se do Amigo n.º 338 — José Carlos de Moraes. Dada a grande extensão do seu trabalho, será publicada em dois números. Só no próximo, portanto, faremos o habitual comentário.

*

Dois homens jogam entre si uma bola de barro fresco. O pedaço de argila húmida corre das mãos de um para as do outro. O barro não lhes oferece mais resistência do que aquela que advém da coesão das suas moléculas. A sua natureza não é inimiga. Limita-se a uma situação de indiferença e passividade.

Também os homens já foram limitados. Não estes. Mas outros. Neles, como no barro, só havia natureza. Eram pobres, ignorantes. Nada mais que algumas escassas possibilidades biológicas; o ambiente físico, esmagava-os.

Mas hoje são humanos e humanizáveis. São activos. E a sua actividade é o índice da própria humanização.

Ainda naqueles homens resta muito do natural. Mas é já uma natureza trabalhada.

A luta deles contra a bola de argila é toda a sua história. Todo o seu desejo recai sobre ela. Alimentam a esperança de conseguir um lançamento perfeito. Para isso basta saber coordenar os diferentes determinantes. Por um lado, a forma da bola, o seu peso, o seu volume, a elevação, a direcção e a velocidade que é preciso dar-lhe. Por outro, a força física, a idade e a disposição de cada um daqueles indivíduos, e até a própria temperatura ambiente.

Quando é acompanhada de uma perfeita coordenação de tais condições, a actividade ganha produtividade e ritmo. E isso depende de uma mutua adaptação entre os homens e o barro. E' a essa adaptação que se chama técnica.

A técnica está fora do alcance das chamadas inspirações. Não é dada nem se consegue num momento. E' o resultado de um lento desenvolvimento e exige tempo e prática. A técnica é o gâmeto masculino que fecunda a actividade.

Os homens pretendem melhorar a técnica. E fazem-no em vista dos resultados obtidos. Para a desenvolver isolam-na, consideram apenas este ou aquele determinado pormenor, estudam-no, corrigem-no e só depois a reintegram no todo real. Voltam, então, a estabelecer o contacto da técnica com todas as suas relações.

Porque a abstracção é apenas um poder mental e nos serve, em última análise, para melhor compreendermos o todo, assim também não devemos usá-la como percepção da realidade. Se considerarmos isoladamente aquele pedaço de barro, por força faremos um juízo errado. Restituindo-o ao seu universo, estudando as suas relações com outros objectos, debruçando-nos sobre o que foi, o que é e o que virá a ser, só então nos poderemos abalancar a uma conclusão sem o receio de falsear a verdade.

Caso semelhante, embora de natureza diferente, sucede com a actividade dos tais indivíduos. Qualquer deles nada pode fazer sem o outro. Na realidade, a cooperação é sempre indispensável. O homem isolado torna-se incapaz de produzir. A cooperação, e mais do que isso, a divisão racional das tarefas, garantem o êxito da actividade, actividade que toma o nome de trabalho. E' pelo trabalho que as sociedades progredem e que as gerações acrescentam sempre alguma coisa de novo à herança de seus pais. Trabalhando, o homem produz e produz-se.

O ser humano imprime a sua assinatura na natureza que o rodeia. E modifica-se em função da sua actividade.

Os homens actuam sobre o meio. E o meio transformado reage sobre o indivíduo. Não há acção apenas, mas acção e reacção. Há influências recíprocas, e de tal modo intimamente ligadas, que não poderemos isolá-las. E' por esta cadeia de acções e reacções que as duas grandes realidades — homem, natureza — se vão desenvolvendo e modificando.

Quando a natureza é ainda virgem a sua reacção é mais vigorosa. Depois, perde a pouco e pouco a sua intensidade. Também o pedaço de barro fresco suja bastante as mãos dos homens, quando estes o tocam pela primeira vez. Mas com a continuação as partículas de barro que se agarram vão sendo cada vez menores. E como se manifesta a acção dos homens sobre a argila? Moldando-a, dando-lhe forma. E o trabalho vai-se aperfeiçoando na medida em que a sua prática é maior.

Enquanto possibilidade biológica, o homem estava principalmente determinado pelas condições físicas e geográficas. Mas quando se reuniu com os seus semelhantes, quando criou uma sociedade que lhe permitiu vir a elevar-se e a romper certos limites naturais, o homem passou a ser condicionado pelo determinismo social.

Não há nenhum indivíduo que se tenha feito a si próprio. O «self-made man» não existe. As características de uma sociedade imprimem no ser humano princípios e normas que ele inconscientemente aceita. O papel que, muitas vezes contra vontade, é obrigado a desempenhar, marca-o para sempre. A época distingue-o, a classe social dá-lhe uma determinada consciência. Todas essas condições resultantes da vida em sociedade se manifestam no mais pequeno gesto, no pensamento mais trivial. Mesmo quando o homem compra uma gravata, alguma coisa está a actuar no seu inconsciente para que escolha esta e não aquela: é o determinismo social.

Este determinismo, próprio das sociedades humanas, não é, como muitos pensam, afrentoso para o indivíduo, significa antes o reflexo da humanização em curso. Não é a negação da sua liberdade, pelo contrário, o determinismo social acompanha no homem as suas tentativas para se tornar livre.

Também muitos pensam ser a técnica os grilhões do ser humano. Os que assim pensam contestam aos homens a luta pela sua essência, considerando-os joguetes de forças superiores. Está neste caso o chamado destino. Ora, querendo libertar o indivíduo de uma técnica que julgam escravizante, subjagam-no ainda mais, tornando-o instrumento e negando-lhe os produtos da sua actividade. Deve haver portanto uma má interpretação do que seja a técnica e a liberdade. Compreenderemos melhor o significado deste último termo se procurarmos a sua antítese. Liberdade opõe-se a falta de liberdade. Mas não ser livre é ter necessidade da alguma coisa. Livre é apenas aquele que não tem desejos ou os tem satisfeitos. Não livre é o que sente a necessidade e não pode passar de aí, pois só lhe é permitido sentir. Reflectindo bem sobre o conteúdo destas palavras não será difícil verificar que a liberdade se opõe necessidade. E que poderá levar o homem a transpor a necessidade para poder ser, enfim, livre? A técnica.

Por José Carlos de Moraes
(16 anos)